

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã:  
as transformações socioambientais de um  
bairro de Porto Alegre, RS.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Danielle Paula Martins

**Porto Alegre, Nov 2010**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã:  
as transformações socioambientais de um  
bairro de Porto Alegre, RS.**

Danielle Paula Martins

Dissertação de Mestrado realizada com o apoio da Capes, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia como requisito necessários para obtenção do título de Mestre em Geografia nesta universidade.

Área de concentração: Análise Ambiental

**Orientador:**  
**Prof. Dr. Luis Alberto Basso**

**Porto Alegre, Nov 2010**

M386 Martins, Danielle Paula  
O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã: as  
transformações socioambientais de um bairro de Porto Alegre  
, RS. / Danielle Paula Martins. – Porto Alegre:  
UFRGS/PPGEA, 2010.  
118 f. il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-  
Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2010.  
Orientador: Prof. Dr. Luis Alberto Basso

1. Geografia. 2. Bairro Humaitá. 3. Transformações  
Socioambientais. 4. Porto Alegre. I. Título.

CDU 911.375

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca do Instituto de Geociências - UFRGS  
Renata Cristina Grun CRB 10/1113

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação *O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã: as transformações socioambientais de um bairro de Porto Alegre, RS. as transformações socioambientais de um bairro de Porto Alegre, RS*, elaborada por Danielle Paula Martins, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora:

---

Dra. Luiza Chomenko (Fundação Zoo Botânica)

---

Dra. Tânia Marques Strohaecker (PPG-Geografia/UFRGS)

---

Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares (PPG- Geografia/UFRGS)



## Agradecimentos

Algumas pessoas foram fundamentais em minha vida e tiveram importante participação para a construção deste trabalho. Gostaria de deixar meus mais sinceros agradecimentos a todos. Agradeço aqui em especial: minha mãe Janete Ângela Martins, meu pai Gilberto Luiz Martins e minha irmã, Giselle Renata Martins, por todo amor, apoio e motivação, e por sempre acreditarem em mim e em meu trabalho.

Ao meu fiel companheiro, paciente e amado Giovani Tonel e sua família, por todas as palavras de tranquilidade, paciência, carinho, compreensão e motivação.

A Família Kehl, (Lídia, Rubem, Caroline e Priscila), agradeço cada momento de preocupação, de colo e carinho, ao lado de você nunca estive sozinha.

A Professora Teresinha Guerra, sempre tão humana, uma amiga maravilhosa. Obrigada por todo o apoio e ensinamento.

Os amigos do NEEA, em especial a Judite Guerra pelas conversas e todo carinho.

Ao Professor Luis Alberto Basso meu orientador, obrigada por toda a compreensão e apoio.

Aos Amigos do PosGea, em especial à Érica, Marcelo e Luciana (*in memorian*).

A UERGS pela possibilidade de me graduar como Tecnóloga em Meio Ambiente e assim possibilitar o meu ingresso ao meio acadêmico. A UFRGS pela oportunidade do mestrado e toda a infra-estrutura, ao PosGea pela receptividade e oportunidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES,  
pelo fomento à pesquisa. *À Deus por tudo.*



## Resumo

O presente estudo aponta aspectos relativos a dinâmica de crescimento urbano do bairro Humaitá, a partir de 1960 quando datam as primeiras intenções da cidade em ocupar essa área. Apresentam-se as transformações socioambientais que esse espaço passou, as características atuais e a projeção de futuro, com base nos projetos e investimentos previstos. Foram utilizados vários instrumentos para a construção dessa dissertação, que é caracterizada como uma pesquisa qualitativa. Dentre os instrumentos, a pesquisa bibliográfica, análise histórica, observação participante e entrevistas. Ao total, foram realizadas 44 entrevistas com moradores, através do método snow-boll. Os principais apontamentos indicam que o bairro possui uma comunidade com características únicas, apesar dos problemas de segregação residencial urbana identificados. Os moradores do local apresentam baixo conhecimento a respeito do seu bairro. O bairro está passando por transformações em função da chegada de novos empreendimentos, fato que tem motivado os habitantes locais. Foi constatado que os moradores têm forte relação com o Parque do bairro, porém não reconhecem a importância do banhado. Foram identificados alguns impactos ambientais como o destino dos resíduos sólidos e a qualidade dos corpos hídricos.

Palavras-chave: Humaitá, transformações socioambientais



## Resumen

Este estudio señala los aspectos de la dinámica del crecimiento urbano en el barrio de Humaitá, desde 1960, fecha en que las primeras intenciones de ocupar la ciudad en esa zona. También se discuten las transformaciones sociales y ambientales que el espacio ahora, las características actuales y proyección de futuro basado en proyectos y la inversión. Varios instrumentos se utilizaron para la construcción de esta tesis, que se caracteriza como una investigación cualitativa. Entre los instrumentos, la literatura, el análisis histórico, la observación participante y entrevistas. En total, 44 se realizaron entrevistas con los residentes, a través del método *snow-boll*. Los puntos más importantes indican que la zona cuenta con una comunidad con características únicas, a pesar de los problemas de la segregación urbana residencial identificado. Los residentes locales tienen el conocimiento suficiente acerca de su barrio. El barrio está sufriendo cambios debido a la llegada de nuevas empresas, un hecho que ha motivado a los lugareños. Se señaló que los residentes tienen una fuerte relación con el distrito de parques, pero no reconoce la importancia del humedal. Los impactos ambientales han sido identificados como el destino de los residuos sólidos y la calidad de las masas de agua.

Palabras clave: Humaitá, sociales y las transformaciones del medio ambiente



# Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>11</b>
1.1 Justificativa .....	15
1.2 Objetivos .....	19
1.3 Área de Estudo .....	19
1.4 Metodologia .....	22
<b>2. O Surgimento do Bairro Humaitá e seu Histórico de Ocupação .....</b>	<b>29</b>
2.1 A trajetória urbana de Porto Alegre até a formação do Bairro Humaitá.....	30
2.2 Histórico do Humaitá .....	36
2.3 Elementos ativos na história de formação do Humaitá.....	43
2.3.1 Parque Marechal Mascarenhas de Moraes .....	43
2.3.2 Escola Técnica Santo Inácio .....	45
2.3.3 Estação Ferroviária Diretor Pestana.....	47
2.4 Recortes temporais do bairro Humaitá.....	49
2.5 A evolução da legislação urbana na regulação do espaço de Porto Alegre .....	51
<b>3. Caracterização socioambiental do Bairro Humaitá .....</b>	<b>57</b>
3.1 Recursos Naturais e Situação Ambiental .....	58
3.1.1 Vegetação e clima .....	58
3.1.2 Recursos Hídricos .....	62
3.1.3 Solos, Uso e Ocupação do solo .....	64
3.1.4 Fauna .....	69
3.2 Processos espaciais urbanos e dinâmica imobiliária.....	70
3.2.1 O Humaitá e Porto Alegre: Relações sociais e segregação urbana.....	71
3.3 Impactos no Bairro Humaitá .....	76
<b>4. As transformações de um espaço, O Novo Humaitá.....</b>	<b>83</b>
4.1 Projetos Residenciais .....	85
4.2 O Complexo Arena .....	88
4.3 Projetos e mercado imobiliário .....	92
4.4 População x projetos .....	93
<b>5. Considerações finais .....</b>	<b>95</b>
5.1 Sugestão de continuidade de pesquisa e ações.....	98
<b>Bibliografia .....</b>	<b>100</b>
<b>Anexo A .....</b>	<b>105</b>
<b>Anexo B .....</b>	<b>111</b>
<b>Lista de figuras .....</b>	<b>15</b>



## Lista de figuras

<b>Figura 1.1:</b>	Situação e localização geográfica do bairro Humaitá .....	21
<b>Figura 1.2:</b>	Localização de alguns dos principais elementos urbanos do Bairro Humaitá.....	22
<b>Figura 1.3:</b>	Área alagadiça do Parque Mascarenhas de Moraes apresentada aos entrevistados como instrumento de percepção ambiental.....	25
<b>Figura 1.4:</b>	Notícia sobre acontecimento violento no bairro Humaitá, apresentada aos entrevistados como instrumento de percepção ambiental.....	26
<b>Figura 2.1:</b>	Mapa de 1772 – Reconstituição do croqui imaginado pelo historiador Tupi Caldas do traçado de Porto Alegre feito em 1772 (em vermelho e preto). ..	31
<b>Figura 2.2:</b>	Aterro da Rua Voluntários da Pátria, em 1955, em Porto Alegre.....	31
<b>Figura 2.3:</b>	Área escolhida para a construção da cidade industrial.....	33
<b>Figura 2.4:</b>	Planta de organização das atividades da cidade industrial.....	34
<b>Figura 2.5:</b>	Evolução da população no Rio Grade do Sul por condição de domicílio 1940 a 2005.....	35
<b>Figura 2.6:</b>	Crescimento demográfico de Porto Alegre de 1890 à 2007 com dados do IBGE .....	36
<b>Figura 2.7:</b>	Rio Gravataí e bairro Humaitá em 1962.. ..	38
<b>Figura 2.8:</b>	Fotografias aéreas de 1966 e 1972.....	39
<b>Figura 2.9:</b>	Área que hoje abriga parte do Bairro Humaitá, após aterramento, no ano de 1982. Foto cedida por moradora.....	40
<b>Figura 2.10:</b>	Primeiros prédios construídos sobre a área aterrada no bairro Humaitá.....	41
<b>Figura 2.11:</b>	Notícias veiculadas nos jornais de Porto Alegre sobre o surgimento do bairro Humaitá.. ..	42
<b>Figura 2.12:</b>	Recorte de notícia do jornal Zero Hora de 07/09/1987 que apresenta problemas do bairro Humaitá.....	43
<b>Figura 2.13:</b>	Fotografia aérea de 1991, e imagens de satélite de 2002 e 2009.. ..	45
<b>Figura 2.14:</b>	A esquerda a imagem do jornal Zero Hora (2003) de moradores protestando no parque.. ..	45
<b>Figura 2.15:</b>	Escola Santo Inácio na década de 1970.. ..	46
<b>Figura 2.16:</b>	Vista aérea de parte do futuro bairro Humaitá, com destaque para a área da Escola Santo Inácio.. ..	47
<b>Figura 2.17:</b>	Na imagem da esquerda o pátio da estação Diretor Pestana, nos anos de 1980, foto de Alfredo Rodrigues. Na imagem da direita, a estação recuperada em 2003, ao lado da linha do Trensurb, foto de Alcindo Costa.....	48
<b>Figura 2.18:</b>	. Casas da vila dos Ferroviários, década de 1970.....	48
<b>Figura 2.19:</b>	Algumas notícias que foram utilizadas na pesquisa.....	50
<b>Figura 2.20:</b>	Mapa das Regiões de Gestão de Planejamento.....	54
<b>Figura 2.21:</b>	Macrozonas, metade centro-norte da cidade.. ..	55
<b>Figura 3.1:</b>	Humaitá 2008.. ..	58
<b>Figura 3.2:</b>	Vegetação Natural potencial. ....	59
<b>Figura 3.3:</b>	Parque Marechal Mascarenhas de Moraes.....	60
<b>Figura 3.4:</b>	Áreas verdes disponíveis.....	60



<b>Figura 3.5:</b> Clima urbano.....	61
<b>Figura 3.6:</b> Potencial atmosférica por emissões veiculares.....	62
<b>Figura 3.7:</b> Arroio urbano em propriedade particular.....	62
<b>Figura 3.8:</b> Arroio dentro do Parque.....	63
<b>Figura 3.9:</b> Área alagadiça dentro do Parque.....	63
<b>Figura 3.10:</b> Potencial poluição efluentes.....	64
<b>Figura 3.11:</b> Mapa das unidades taxonômicas de solo do Bairro Humaitá..	65
<b>Figura 3.12:</b> Aptidão do solo do bairro Humaitá.....	67
<b>Figura 3.13:</b> Mapa das classes de uso, ocupação e vegetação do Bairro Humaitá. Organização Danielle Paula Martins.....	68
<b>Figura 3.14:</b> Maçaricos e Garças no alagadiço do Parque.....	70
<b>Figura 3.15:</b> Corredor de Desenvolvimento de Porto Alegre..	71
<b>Figura 3.16:</b> Linha de trens e estrutura que contorna o Humaitá.....	72
<b>Figura 3.17:</b> Focos de segregação residencial urbana no Bairro Humaitá..	75
<b>Figura 3.18:</b> Anúncios de venda de imóveis no bairro Humaitá..	76
<b>Figura 3.19:</b> Solo revirado de área alterada do bairro..	77
<b>Figura 3.20:</b> Resíduos sólidos do aterro..	77
<b>Figura 3.21:</b> Camadas de resíduos sólidos compactados.....	78
<b>Figura 3.22:</b> Água parada nas ruas do bairro.....	78
<b>Figura 3.23:</b> Corpo de água contaminado, em meio a uma propriedade privada no bairro Humaitá.....	79
<b>Figura 3.24:</b> ETE São João/Navegantes.Fonte:Google. Visitas de escolas à ETE São João/Navegantes.....	79
<b>Figuras 3.25:</b> Lixo depositado em terreno baldio no bairro Humaitá. Resíduos queimados em terreno baldio .....	80
<b>Figura 3.26:</b> Imagem da Escola Santo Inácio.....	81
<b>Figura 4.1:</b> Viaduto Leonel Brizola.....	84
<b>Figura 4.2:</b> Localização dos principais projetos previstos para o Bairro Humaitá.....	84
<b>Figura 4.3:</b> Planta e tipo de prédio de um condomínio residencial que será construído no Humaitá .....	85
<b>Figura 4.4:</b> Maquete de condomínios de 16 pavimentos que será implantado no Humaitá.....	85
<b>Figura 4.5:</b> Projeto Arena ..	88
<b>Figura 4.6:</b> Fachada da escola Osvaldo Vergara. Entrada do CTG. Cercamento da área da escola Santo Inácio, com destaque para os campos de futebol.....	88
<b>Figura 4.7:</b> Audiência pública da construção do complexo arena.....	90
<b>Figura 4.8:</b> Medidas mitigadoras e compensatórias para o impacto do trafico com a implantação do complexo Arena.....	91



# Capítulo 1

## Introdução

O surgimento de núcleos urbanos formados a partir de conglomerados até a formação de cidades é um fato histórico, geográfico e de reflexões sociais no desenvolvimento da humanidade. A criação das cidades consistiu em um dos maiores acontecimentos desencadeadores de civilização e, a partir da instalação do homem em seu território, também se tornou o principal agente de transformações do ambiente natural.

A cidade é tradicionalmente vista como uma aglomeração urbana ou um espaço de assentamento urbano, de obras e de funções específicas. Mas ela é mais do que essa aglomeração urbana, ela é o centro da vida social e política e produtora de mudanças. Essas mudanças são resultados de transformações naturais e artificiais, sendo as artificiais, na grande maioria das vezes, desestruturadoras e em muitos momentos, incompatíveis com o suportado pelo planeta Terra (DAVIS; 2006) “As cidades são espaços abertos e complexos, ricos de instabilidade e contingência” (GUERRA; CUNHA, 2001).

Guerra e Cunha (2001) apontam que esse ambiente urbano exerce influência nos seus habitantes devido às transformações constantes, podendo modificá-los pelas suas exigências. Além de a Revolução Industrial ter significado a substituição da ferramenta pela máquina, ela fez com que a base econômica deixasse de ser rural e passasse a ser urbana. Esse foi um grande marco da história mundial, decisivo na transição do capitalismo comercial para o industrial. Pode-se dizer que a cidade exerce um papel importante nas atividades internas e periféricas com todo seu poder de difusão (GARNIER; 1997).

Segundo Davis (2006 p.14) as cidades são responsáveis por quase todo o crescimento populacional no mundo. No Brasil, o aumento populacional<sup>1</sup> apresentado pelo IBGE do censo de 1991 ao de 2000 é um exemplo do modelo instalado mundialmente nas cidades. O Brasil rural tornou-se urbano de 1940 para 2000 (SOUZA; 2003). Na década de 1940, cerca de um

---

<sup>1</sup> Em 1991, o censo apresentou 146.825.475 habitantes e, em 2000, chegou a 169.799.170 pessoas (IBGE,1991,2001).

terço (31,3%) da população morava nas cidades, enquanto em 2000, já eram 81,2% (MAGLIO; 2005).

Estudos apontam que o processo de expansão urbana tem sido um dos problemas mais sérios enfrentados pelos municípios, comprometendo os padrões de mobilidade urbana, a qualidade de vida nas cidades, os recursos ambientais e sua dinâmica (CHIQUITO; 2006). Assim, as discussões e o referencial teórico marxista que conduziram parte das pesquisas na década de 1970 sobre a dicotomia trabalho-capital deram espaço para novas abordagens urbanas. Dentre elas, a abordagem ambiental ganhou espaço, principalmente com pesquisas que avaliam o grau de impactos humanos sobre a Terra. (PACHECO *et al* 1981). Hoje todas essas interferências e impactos ambientais são de responsabilidade e preocupação sociais, pois as cidades expandem-se para abrigar uma população cada vez mais crescente, produzindo um espaço dominado pelas leis de um único ser, o homem.

A compreensão desses impactos ambientais, como processo, depende do entendimento da história de seu surgimento, do modelo de desenvolvimento urbano e dos padrões internos de diferenciação social. Não basta estudar fatores como localização e mudanças nas condições ecológicas de forma associada às características demográficas do ambiente construído que representa a cidade. O estudo das características biofísicas naturais (como clima, relevo, vegetação) de um lado, e das características artificiais (habitação) e sociais, de outro, resulta numa classificação fragmentada de impactos, onde são separados impactos físicos dos impactos sociais. Para examinar impactos ambientais na cidade, a multidimensionalidade desse espaço não pode ser abandonada (COELHO; 2001).

A responsabilidade sobre a recuperação e a manutenção do ambiente exige que as cidades sejam planejadas com o propósito de assegurar condições para a preservação dos habitats, dos mais diversos recursos ambientais e espécies, dos recursos hídricos, do solo e do ar. E ainda, a necessidade de expansão urbana e o respeito à dinâmica ambiental devem ser trabalhadas integradamente para que a sociedade tenha seus direitos de bem-estar e preservação da vida assegurados (MORETTI; 2006).

Porto Alegre a partir da década de 1940 apresenta um efeito de concentração populacional e com isso, demonstra importantes índices de expansão urbana (BARCELLOS; 2004). Sendo assim, o bairro Humaitá, desde sua criação em 1988, sofreu grandes transformações ambientais por estar localizado em um local de crescente expansão de Porto Alegre. Originalmente, onde hoje é o Humaitá, foi um ambiente alagadiço que sofreu um processo de aterramento para abrigar um aterro sanitário para a produção de loteamento urbano, com o objetivo de resolver o déficit habitacional para operários, devido ao crescimento industrial da cidade para a zona norte (TRINDADE; 1982). Áreas remanescentes da área alagadiça são encontradas na zona central do bairro, especificamente no Parque Marechal Mascarenhas de Moraes, que apresenta uma importante biodiversidade típica desse ecossistema.

Mas esse bairro, apesar de ter passado por um processo de urbanização, possui muitas áreas disponíveis para ocupação, comparado com outros bairros da zona norte e até da própria

cidade (SPIER; 2006). Percebendo essa disponibilidade territorial em uma face da cidade bem localizada e ainda pouco valorizada, o setor imobiliário vem se instalando nos últimos dois anos com projetos residenciais de condomínios fechados no Humaitá. Esses condomínios são caracterizados por vender e instalar um novo padrão social, de alto valor agregado, para um bairro essencialmente operário, o que significa a inserção de classes sociais não características do bairro e o condicionamento de uma segregação residencial urbana.

Segundo Marcuse (2004), a segregação social é dada pelo processo no qual uma população é forçada, involuntariamente, a se aglomerar em uma área espacial definida, fruto muitas vezes de pressões sociais de classes dominantes e do mercado imobiliário. No caso do Humaitá, observa-se uma tendência da sociedade mais desfavorecida economicamente perder o poder sobre esse lugar. Movimento, devido as pressões que estão sendo criadas pelo mercado imobiliário desmedido, no sentido do aumento da valorização dos terrenos localizados no bairro.

A segregação residencial, em específico, é uma expressão espacial das classes sociais e pode ser vista como um meio de reprodução social. Neste sentido, o espaço social age como um elemento condicionador sobre a sociedade. Observa-se, ainda, que a segregação residencial significa não apenas um meio de privilégios para a classe dominante, mas também um meio de controle e de reprodução social para o futuro (CORREA; 2005). A segregação é um processo que origina a tendência a uma organização espacial em áreas de forte homogeneidade social interna e de forte disparidade social (CORREA; 1997).

Em continuidade às modificações territoriais previstas, está a construção da Arena do Grêmio Foot-ball Portoalegrense, com um grande complexo turístico e de serviços, bem ao norte do bairro, que contará com um estádio com capacidade para 50 mil torcedores. Impactos ambientais como a impermeabilização do solo, o adensamento urbano que compromete as rotas migratórias de aves presentes no parque, a ruptura da paisagem típica do local, e surgimentos de processos espaciais como a segregação residencial, são alguns impactos previstos (PUZATCHENKO; 2002). Tendo em vista a preocupação com a realidade das cidades e o modelo de expansão urbana em que está inserido este bairro, esse estudo tem como principal objetivo analisar as principais transformações socioambientais ocorridas no Bairro Humaitá.

Embora muitos trabalhos tenham sido realizados nos últimos anos sobre a questão da expansão urbana atrelada ao ambiente, como os de Bonduki (1979, 1982) e Rolnik (1982), as transformações na cidade de Porto Alegre, em específico da zona norte da cidade são pouco conhecidas. O bairro Humaitá é pouco explorado, e necessita de especial atenção sobre todas as alterações que estão ocorrendo nele. Sob alegação de ser um bairro pequeno territorialmente, as medidas públicas normalmente são adotadas sobre a região que o abrange, juntamente com seus bairros limítrofes, desconsiderando muitas vezes as particularidades do Humaitá.

Entende-se que todos os fragmentos da cidade, neste caso os bairros, devem ser analisados não pelo seu porte, mas sim individualmente, pelo papel desempenhado por eles na

rede urbana e pelas características existentes (SOUZA; 2003). A associação da problemática urbana às formas de vida construídas pela população é distinta para cada bairro. No caso deste estudo, o bairro Humaitá apresenta muitas diferenças do Bairro Farrapos, e em maior parte das análises, esses são considerados iguais. O caso do Plano Diretor de Porto Alegre pode ser citado, pois ele dispõe de planos de gestão por macrozonas da cidade, e abrange os bairros Humaitá-Navegantes-Farrapos na mesma macrozona, portando delimita as mesmas ações para esses três bairros (PORTO ALEGRE; 2000).

Esse trabalho apresenta resultados de uma investigação realizada sob a ótica geográfica, com a integração de vários instrumentos e fontes de informação, para assim delinear as relações existentes neste espaço. Para um entendimento global das transformações do objeto de estudo, a abordagem teórico-prática da pesquisa foi dividida em séries temporais do bairro;

No capítulo 2 apresenta-se o processo histórico de surgimento e ocupação do Humaitá. O ponto de partida para esse entendimento foi analisar estudos históricos realizados sobre a ocupação e evolução urbana de Porto Alegre e para isso, adotou-se a divisão da evolução da cidade de Souza e Muller (2007). Na abordagem desta evolução, é dado destaque à zona norte da cidade, em específico à área do Humaitá. As informações obtidas com os moradores foram muito importantes para a construção deste capítulo. Com o auxílio de um acervo que contém notícias de jornais, revistas e fotografias, foi possível implementar uma divisão de momentos históricos importantes do bairro. Como exemplo, é possível citar um período onde, logo após a criação do bairro, deu-se início a um processo de emancipação do Humaitá em relação a Porto Alegre. Essa iniciativa adveio de parte dos moradores e de alguns políticos como justificativa de ausência do poder público na região. Além disso, esta parte da dissertação concentra a análise sobre as determinações do plano diretor para a área do Humaitá

A situação atual do Humaitá é apresentada no capítulo 3, onde suas características físicas, sociais, econômicas e ambientais são apresentadas ainda neste capítulo. Esta parte da dissertação objetiva responder algumas questões: Como é o bairro Humaitá? Quem é a sua população? Quais são suas problemáticas e suas riquezas? Ainda neste terceiro capítulo, com base nas entrevistas realizadas e trabalho de campo, identificaram-se os processos espaciais urbanos atuantes no bairro.

As projeções e perspectivas de crescimento futuro são discutidas no capítulo 4, que consiste em apresentar as transformações previstas para o Humaitá nos próximos quatro anos (até 2014). A partir dos projetos aprovados para implantação no bairro, é possível prever qual o tipo de processo espacial urbano que atuará sobre essa região. Com a conclusão e sugestão para trabalhos futuros no capítulo 5, finaliza-se essa dissertação.

O presente estudo consiste em um importante subsídio para o conhecimento desta parte da cidade, pois nela estão compiladas as poucas informações disponíveis que se encontravam dispersas em alguns órgãos públicos e livros. Do mesmo modo, com grande importância, estão presentes os anseios que emergiram da comunidade, as dificuldades do reconhecimento desse bairro, as riquezas ambientais ameaçadas, entre outros pontos que são

discutidos nos capítulos a seguir. Esse trabalho pretende ser uma discussão teórica da composição urbano-ambiental do Bairro Humaitá e das problemáticas socioambientais identificadas. E, além disso, ser fonte para a geração de produtos educativos e informativos sobre essa parte da cidade, desconhecida até por seus moradores, como foi possível identificar no trabalho de campo realizado.

## 1.1 Justificativa

O principal problema que uma cidade deve enfrentar, em qualquer parte do mundo, é ser sinônimo de uma simples aglomeração de prédios e de um estoque demográfico (GUILLEN; 2004). A urbanização da Terra ocorreu numa velocidade muito maior do que previra o Clube de Roma<sup>2</sup> em seu relatório de 1972, denominado “Limites do Crescimento”. Em 1950 havia 86 cidades no mundo com mais de 1 milhão de habitantes; em 2006 eram 400, e em 2015 serão pelo menos 550 (DAVIS; 2006). Existe a emergência mundial de um olhar mais ativo sobre as cidades e seus produtos.

No início deste século XXI, a América Latina apresentou os mais altos índices de urbanização do mundo com cerca de 80% de sua população vivendo nas cidades. Esse indicador é um dado grave, pois, se constata que a maioria desta população concentra-se em grandes cidades. Essas exigem condições de habitação, serviços, emprego e na insuficiência destes, resulta na proliferação da pobreza, favelização e transformações ao ambiente (DAVIS; 2006).

De acordo com o Censo Demográfico de 1980 do IBGE, 67,59% da população brasileira habitava espaços considerados urbanos; no Censo Demográfico de 2000 do IBGE, este percentual alterou-se para 81,25% da população. Sendo assim, o Brasil caracteriza-se por ser um país predominantemente urbano, ultrapassando os índices de urbanização da América Latina. A velocidade desta expansão é expressiva e justifica alguns dos problemas surgidos em Porto Alegre, como a ocupação de áreas de risco por exemplo. Ainda em 2000, a cidade já totalizava 1.360.000 habitantes e ocupava uma área cinco vezes maior do que em 1960 (PMPA; 2008).

Os problemas urbanos de Porto Alegre tiveram uma ampliação com o grande aumento populacional, principalmente a partir dos anos de 1960, quando contava com 600.000

---

<sup>2</sup> O Clube de Roma nasceu em abril de 1968, em um encontro de trinta pessoas de dez países. Esse grupo era formado por cientistas, educadores, economistas, humanistas, industriais e funcionários públicos de nível nacional e internacional. Eles se reuniram na Academia Dei Lincei, em Roma – Itália – instado pelo Dr. Aurélio Peccei, empresário e economista, para discutir os dilemas atuais e futuros do homem. Os objetivos do Clube de Roma, hoje uma ONG e na época uma organização informal, era examinar o complexo de problemas que afligem os povos de todas as nações, como a pobreza em meio à abundância, perda de confiança nas instituições, expansão urbana descontrolada, insegurança de emprego, a esgotabilidade dos recursos naturais (<http://www.clubofrome.org/eng/home/>).

habitantes (BARCELLOS; 2004). Projetos como a criação de novos bairros, loteamentos com o atendimento de serviços de infra-estrutura, transporte, saneamento básico e habitação surgiram como forma de solucionar parte dos problemas gerados pelo crescimento da população urbana (TRINDADE; 1982).

Mas são nesses movimentos de expansão urbana desordenada, como no caso de Porto Alegre, que são provocadas algumas transformações ambientais muitas vezes irreversíveis. No suprimento à necessidade de expansão da cidade, estas extensões passam a ocupar habitats de regiões alagadiças, que são áreas de preservação permanente (APP), principalmente matas ciliares, provocando impactos ambientais significativos que exigem longos anos de recuperação ecológica (COELHO; 2001). E quanto à esfera social, nessas medidas do poder público de expandir a cidade, as relações de sociedade são as grandes atingidas, pois não são levadas em consideração todas as formações étnicas e culturais do espaço que está sendo formado e as relações entre as comunidades que a constituem.

Para Costa e Braga (2002), o processo de expansão urbana é resultado de conflitos socioambientais em torno do uso e da ocupação do solo. Esse processo, ditado pelo setor privado e obediente à lógica capitalista, reproduz os próprios conflitos e contradições, na medida em que, pela especulação imobiliária, acontece a exclusão de grande parte da população ao acesso à moradia e, com isso, o fenômeno da ilegalidade urbana. Nota-se um movimento de apropriação da questão ambiental e dos elementos da natureza pelo mercado em busca de agregar valor ao seu produto, o solo. “Nesta equação a natureza perde progressivamente seu potencial de uso coletivo, para transformar-se em um elemento potencializador de renda diferencial, acessível a poucos, logo contribuindo para exarcebar os processos já conhecidos de segregação e exclusão” (COSTA; 2006:120).

O bairro Humaitá é um exemplo de alguns processos urbanos que aconteceram em Porto Alegre como alternativa habitacional. Em específico neste bairro, a ocupação ocorreu sobre uma área alagadiça que sofreu um grande impacto ambiental com o aterramento através de lixo. Apesar desse impacto, está instalada uma riqueza ecológica muito significativa, já que no centro do bairro encontra-se uma das últimas áreas alagadiças/úmidas preservadas da cidade. As relações ecológicas são bastante expressivas neste ambiente, mesmo localizado em zona urbanizada e parte de um grande processo de parcelamento de solo bastante danoso ao local, constitui-se de um patrimônio da capital, pela sua diversidade de espécies. As ilhas do Delta do Jacuí têm uma grande influência na diversidade de espécies de aves ocorrentes na fauna do Parque Mascarenhas de Moraes; é bem provável que elas sejam provenientes destas ilhas, vindo até o Parque buscar condições de abrigo, de reprodução e de alimentação na área do banhado. Um estudo recente apontou em 25 horas de observações um total de 38 espécies de aves na área do Parque. “O Parque, mesmo apresentando grande influência humana, proporciona às aves um dos poucos abrigos para dormitório, alimentação e nidificação, em meio à malha urbana” (SCHERER; 2006, p.110).

De acordo com o The World Conservation Union- IUCN (2004), as áreas úmidas são extremamente importantes, pois remetem para uma série de funções prestadas as regiões onde estão inseridas, atuando na provisão de água e reposição de água subterrânea, no controle de

enchentes (armazenamento de correntes de água), entre muitos outros. No caso específico de Porto Alegre, sobressai sua capacidade de estabilização do micro-clima e controle das enchentes (MOSCARELLI; 2005).

Percebe-se que a fauna e a flora existentes no Parque são afetadas por inúmeros fatores, ambientais e históricos, quando analisa-se o processo de aterramento ao qual a região foi submetida. Mesmo com a gama de espécies existentes hoje, de acordo com relatos de moradores do bairro, houve uma significativa diminuição principalmente de aves, a partir do processo de urbanização. A existência de indústrias na região, devido aos seus poluentes atmosféricos e despejos de efluentes nos recursos hídricos, pode ser um fator de grande influência no decréscimo das espécies neste ambiente. Spier (2006) complementa que a diminuição se dá também pela introdução de espécies trazidas de outros locais, chamadas exóticas. Estudos que considerem as áreas úmidas são importantes instrumentos de análise desses espaços e a manutenção desses ambientes a partir do conhecimento de sua importância para o equilíbrio ecológico e qualidade de vida do homem. Essa importância aumenta quanto estão localizadas em zonas urbanas.

A atual dinâmica da expansão urbana no bairro Humaitá apresenta a implantação de grandes conjuntos residenciais pelo mercado imobiliário. Esses empreendimentos, quando implantados, ocuparão as áreas de campo restantes, no entorno do parque, adensando a região e comprometendo a manutenção de muitas espécies que fazem do bairro um corredor ecológico. Em se tratando de condomínios fechados, depara-se com um fator de impacto ambiental bastante sério, pois produz um novo espaço social isolado e, com ele, o agravamento da segregação urbana. A diferenciação de relações sociais criada nos espaços que possuem empreendimentos do tipo condomínio fechado é causa de transtornos sociais significativos, como a acentuação da violência urbana, por exemplo, (REIS; 2008). Mesmo com muros e segurança 24 horas, esses condomínios tornam-se atrativo para marginalidade, devido ao que está escondido atrás de tamanha proteção. O agravante desse tipo de empreendimento residencial é a ruptura social provocada por suas barreiras físicas, em que praticamente não existem relações de vizinhança, sociedade. Esse efeito é mais representativo quando essas construções são sediadas em áreas periféricas, ou de padrões sociais distintos (ROITMAN; 2004). Existe então uma grande disparidade social entre os condomínios fechados e o espaço existente fora deles.

Os moradores desses condomínios, dentro dos limites físicos de suas residências condominiais, isolam-se da cidade, e passam a vivenciar um modelo de sociedade homogênea, onde estão protegidos, onde a organização é evidente (ROITMAN; 2004). Desta forma, tudo que está do lado de fora destas barreiras ganha uma dimensão de desorganização, perigo, sujeira. Gera-se assim um modelo de sociedade individualista, onde o público não lhes interessa, e as desigualdades entre as classes se acentuam, promovendo condições de segregação muito fortes e que, devido às leis de mercado imobiliário, provocam a expulsão das comunidades mais frágeis que não podem pagar por tal valorização do solo. Todos esses processos ocorrem na maioria dos casos por dupla ausência do governo, primeiramente, com o déficit de serviços como a segurança urbana, e em segundo lugar, pelo descontrole desse modelo de expansão, altamente dominado pela especulação imobiliária, atendendo as demandas de pequenas e abastadas parcelas da população (SOUZA; 2003).

Sendo assim, a expansão urbana, promovida por esses agentes produtores do espaço urbano, implica em condições diferenciadas de acesso ao solo, o que propicia diferentes modos de uso e ocupação desse mesmo solo. Desta forma, a produção do espaço urbano pode retratar as desigualdades sociais, traduzidas no modo de apropriação e uso da terra, onde a reprodução do espaço urbano deve-se principalmente a um agente: o mercado imobiliário (HALL; 2002).

Conhecer os processos espaciais urbanos que estão se formando no bairro Humaitá, compreender suas influências sobre a vida principalmente dos moradores do bairro e diagnosticar os problemas que podem surgir devido a essa nova formação desse espaço, são alguns dos objetivos desta pesquisa. A quase inexistência desse tipo de informação em estudos municipais, ou até mesmo o desconhecimento das consequências sociais e ambientais, gera expectativas e a ilusão de melhoramento da cidade por parte dos moradores dos bairros que sediam os condomínios fechados. A demanda por estudos que entendam e quantifiquem impactos ambientais urbanos está associada ao fato de que a sociedade e os governantes só há pouco tempo têm problematizado o ambiente das cidades e têm dado a devida importância que ele tem (COELHO; 2001).

O Humaitá, até poucos anos atrás, era sinônimo de lugar sem valor, de aspecto não muito atrativo, de desintegração da cidade e de violência urbana. Esses indícios talvez justifiquem a falta de informações disponíveis sobre o bairro. Essa pesquisa pretende, com seus resultados, dispor de informações principalmente aos moradores do bairro, como meio de propiciar um maior conhecimento da região onde vivem, seu histórico, os processos espaciais urbanos que estão se formando, sua diversidade ecológica e a importância disto para a garantia de qualidade de vida, pretendendo servir como instrumento de educação ambiental. Outra importante contribuição de trabalhos como este, que visa o entendimento das relações do espaço urbano e meio ambiente, é a sua utilidade como fonte de informação para a tomada de decisões municipais, instrumento de planejamento urbano, pois considera não apenas informações técnicas e visíveis, mas a análise do contexto social do lugar (SOUZA; 2003). Como se sabe, uma comunidade cria vínculos, raízes, apegos socializam-se com seus próximos e protege seu lugar.

O planejamento urbano pode e deve possibilitar o equilíbrio ambiental e as relações de sociedade, de forma a considerar esses fatores como primordiais ao funcionamento adequado dos sistemas urbanos (FRANCO; 2002). Um dos grandes desafios do planejamento urbano está em utilizar instrumentos para que a propriedade cumpra a sua função social de forma a evitar que a especulação imobiliária e a apropriação privada da valorização de imóveis decorrente de investimentos públicos sejam entraves para transformar o município numa cidade mais justa.

A especulação imobiliária é capaz de expulsar populações inteiras, ao se apropriar da valorização de áreas (PEREIRA; 2006). Essa mesma especulação encarece o preço da terra em áreas infra-estruturadas, inviabilizando projetos residenciais para a população de baixa renda. Como grande agravante, essa população sem opção de mercado vai ocupar áreas periféricas e sem infra-estrutura, áreas ambientalmente frágeis, como encostas de morros,

mangues, margens de rodovias (HADDAD (s.d.)). Desta forma, apresenta-se como de fundamental importância o conhecimento e o estudo dessas transformações ambientais, que conduzem a uma nova orientação tanto para o crescimento urbano quanto para a formulação e aplicação de políticas espaciais urbanas.

## 1.2 Objetivos

Levando em consideração a problemática apresentada, o objetivo principal consiste em conhecer e analisar as transformações socioambientais ocorridas no bairro Humaitá em virtude de seu processo de crescimento e expansão urbana a partir da década de 1970, para a identificação e compreensão dos principais impactos ocasionados.

Para alcançar esse grande objetivo, alguns objetivos específicos são propostos:

- Realizar um resgate histórico sobre a trajetória urbana de Porto Alegre juntamente com o surgimento e formação urbana do bairro Humaitá;
- Apresentar a caracterização física, socioeconômica e a evolução da expansão urbana no Humaitá, nos anos de 1980 a 2008, e uma projeção da ocupação do solo até 2014 a partir dos projetos propostos para o bairro;
- Discutir a expansão urbana do bairro Humaitá com base no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre;
- Identificar os processos espaciais urbanos e os principais impactos ambientais encontrados no bairro;
- Investigar a percepção ambiental dos moradores do bairro, para identificar o grau de reconhecimento do lugar de moradia, sua articulação com o tecido urbano pré-existente e compor uma base de informações a partir das lembranças da população;
- Contribuir para o conhecimento do Bairro Humaitá pela população residente e da cidade em geral, disponibilizando informações para tomada de decisões municipais, e assim sugerir instrumentos para minimização das transformações negativas ocorridas.

## 1.3 Área de Estudo

O bairro Humaitá, área de estudo desta pesquisa, localiza-se ao norte da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Pertence à mesorregião metropolitana de Porto Alegre e à microrregião de Porto Alegre, e localiza-se junto ao Lago Guaíba. A área do município de Porto Alegre é de 470,25km<sup>2</sup> (IBGE; 2000).

Atualmente a cidade conta com 78 bairros, e o bairro Humaitá originalmente fez parte da várzea do rio Gravataí, sendo que uma parte de sua área foi caracterizada como uma região alagadiça até o ano de 1977, quando surgiu a proposta de aterramento por uma empresa

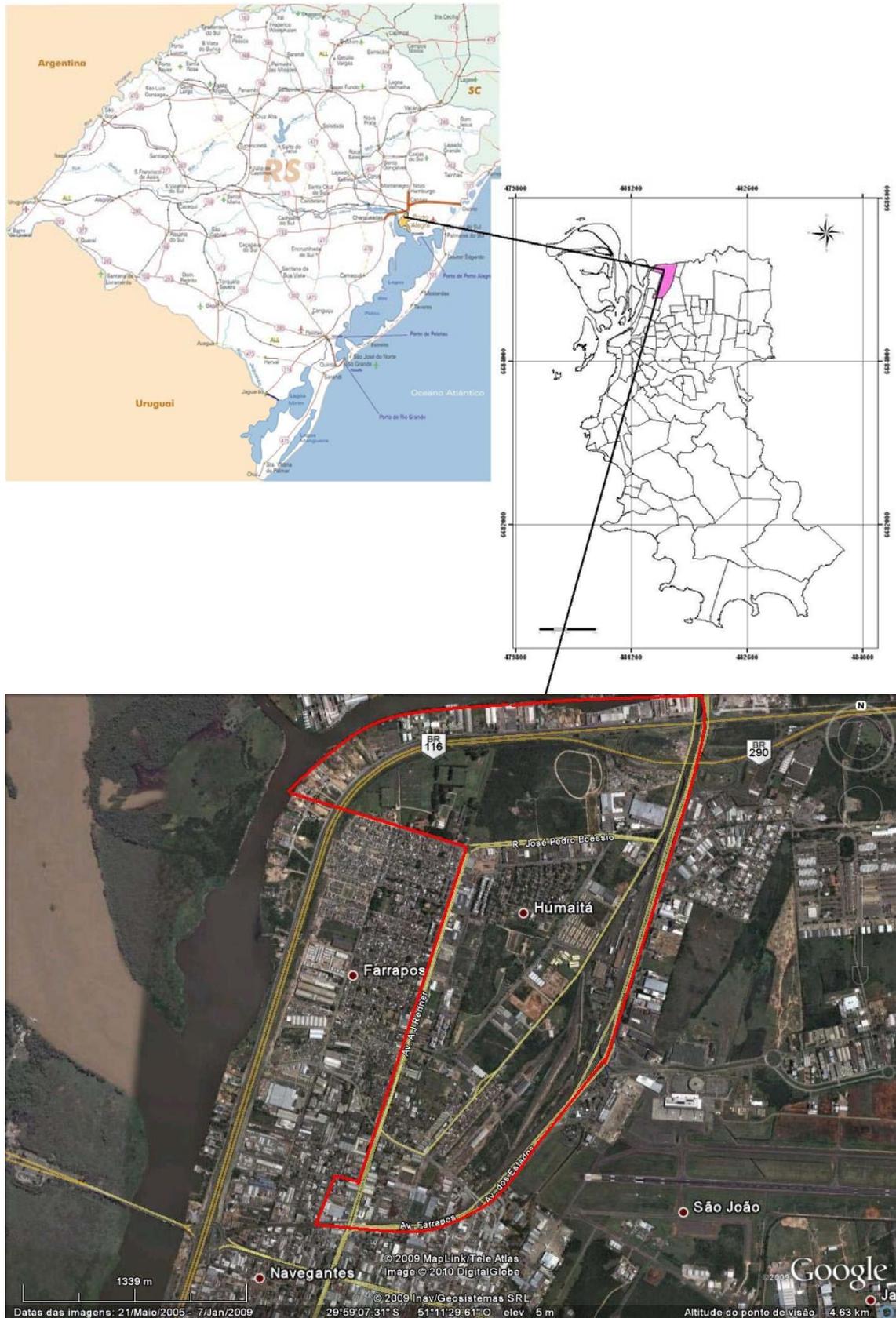
loteadora (TRINDADE; 1982). Existente como bairro oficial desde 1988, o Humaitá, de acordo com relatos obtidos com os moradores do atual bairro, durante muitos anos, sem definição exata, abrigou atividades rurais como a fazenda Mentz. Essas atividades consistiam em criação de porcos e plantações de arroz, além de existirem ali uma cobertura vegetal de eucaliptos e banhados com juncais. No capítulo 2 desta pesquisa é apresentada a evolução histórica e crescimento urbano do Humaitá com maior ênfase.

Quanto às suas delimitações geográficas, a área de estudo abrangida por esse estudo se limita ao sul com o bairro Navegantes e, ao norte, com o município de Canoas. Está às margens da freeway (BR 290), entre a BR 116 e a BR 448. Localiza-se próxima ao aeroporto internacional, à rede ferroviária e ao Trensurb (**Figura 1.1**).

O Humaitá possui uma área de 417 hectares. Caracteriza-se por ser um bairro de baixa densidade demográfica, sendo margeado por edifícios apenas nas regiões norte e leste. De acordo com os dados do IBGE de 2000, sua densidade demográfica era de 25 habitantes por hectare, a população total é de 10.470 moradores, dos quais 4.951 são homens e 5.519, mulheres.

No Humaitá, detecta-se a existência de pequenos centros comerciais urbanos, construídos próximo aos condomínios residenciais citados anteriormente. Algumas das organizações instaladas no bairro existem há muito tempo e ajudaram a compor o crescimento urbano deste espaço, como é o caso da Escola Técnica Santo Inácio, o CTG (centro de tradições gauchas) Vaqueanos da Tradição, a indústria Zamprogná, a Trensurb **Figura 1.2**. Há também muitos depósitos, pequenas indústrias, garagens de veículos de transporte e, no centro, encontra-se um Parque (GONÇALVES, 2004, p.21).

O bairro dista 8 km do centro da cidade, uma distância pequena quando comparada a outros bairros e está ligado a importantes avenidas e rodovias. Todos esses fatores, somados à disponibilidade territorial para ocupação urbana, tornaram o Humaitá um local de especulação imobiliária crescente nos últimos quatro anos. A construção de condomínios residenciais, juntamente com o complexo de entretenimento do Grêmio desencadeou o aumento de valor do solo nesta parte da cidade.



**Figura 1.1:** Situação e localização geográfica do bairro Humaitá. Organização Danielle Paula Martins. Fonte: Hasenack, H. *et al* (coord). Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2008, e Google 2009.



**Figura 1.2:** Localização de alguns dos principais elementos urbanos do Bairro Humaitá  
Organização: Danielle Paula Martins. Fonte: Imagem Google 2009.

## 1.4 Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso que, de acordo com Buyne, Herman e Schoutheete (1997), é frequentemente de natureza qualitativa, no entanto pode recorrer a métodos quantitativos por envolver análises de propriedades específicas, assim como suas relações e variações. Benbasat, Goldstein e Mead (1987) definem o estudo de caso como aquele que examina um fenômeno em seu ambiente natural, utilizando múltiplos métodos para coleta de dados para acumular informações a partir de uma ou mais entidades. Esta estratégia de pesquisa é comumente aplicada quando o investigador tem pequeno ou nenhum controle sobre os eventos que estão contextualizados num ambiente contemporâneo da vida real. Conforme Gil (1996), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo de um ou de poucos objetos, de modo que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”.

O método qualitativo, adequado para essa pesquisa, difere do quantitativo na medida em que não se emprega um instrumento estatístico como base do processo de análise de um problema, desta forma não se pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas (CRESWELL; 2007). E, ainda, a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON; 1985).

Para alcançar as informações necessárias à realização desta pesquisa, iniciou-se pela coleta de dados. Pádua (1997) considera essa coleta como sendo a reunião dos dados necessários ao desenvolvimento da pesquisa, que tem por objetivo reunir os dados pertinentes ao problema a ser investigado.

No item pesquisa bibliográfica<sup>3</sup>, a busca se concentrou em análise bibliográfica dos temas cidade e expansão urbana, condomínios fechados e mercado imobiliário e, conseqüentemente, seus processos espaciais com destaque para a segregação urbana, como forma de compreender os processos urbanos em acontecimento no Humaitá. Após essa compreensão, em um segundo momento, foi analisado o conceito de impacto ambiental e percepção ambiental que foram necessários para a etapa das entrevistas e observação participante<sup>4</sup>.

Vergara (1991) define pesquisa documental como aquela realizada em documentos no interior de órgãos públicos. Na pesquisa documental, buscou-se analisar a legislação urbanística e ambiental, o Plano Diretor de Porto Alegre e os documentos e pareceres produzidos nos órgãos ambientais referentes ao bairro. Nesta fase da pesquisa, o contato com profissionais, tanto com técnicos do poder público municipal, quanto da UFRGS, foi elemento fundamental de entendimento do processo urbano analisado.

Também foi realizado o levantamento histórico do bairro, com a utilização de informações do arquivo histórico da prefeitura municipal de Porto Alegre, preferencialmente documentos, artigos de jornais e revistas, fotos e ilustrações que remetiam à área do bairro Humaitá nos últimos 50 anos. Essa pesquisa utiliza de muitos recursos de imagem, pois esses foram os melhores registros encontrados. Loizos (2002) defende que a imagem, utilizada na pesquisa, oferece um registro poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais. A sua utilização serve de forte instrumento para documentação de mudança histórica.

Para o levantamento histórico, também se buscou conhecer as notícias arquivadas nos acervos dos principais jornais da cidade. A maior representatividade de notícias coletadas foi do jornal Zero Hora, onde foram utilizadas 89 notícias que datam desde 1973. Essas notícias foram analisadas e classificadas de acordo com sua data, como meio de identificar períodos de evolução do bairro Humaitá, e principalmente as mudanças socioambientais deste espaço.

As informações produzidas pelo IBGE, com destaque para o Censo 2000, pelos setores censitários<sup>5</sup> referentes, e pela FEE (Fundação de Economia e Estatística) completaram

---

<sup>3</sup> A pesquisa bibliográfica é fundamentada nos conceitos da biblioteconomia, documentação e bibliografia: sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já foi produzido e registrado a respeito do seu tema e pesquisa (PÁDUA; 1997).

<sup>4</sup> A observação participante implica em um processo lento, onde o pesquisador, muito além de obter informações, busca a interação com o local de estudo, de forma a se relacionar com ele, mas mantendo a postura de distinção (WHYTE; 2005).

<sup>5</sup> Setor Censitário é unidade territorial de coleta das operações censitárias, definido pelo IBGE, com limites físicos identificados, em áreas contínuas e respeitando a divisão político-administrativa do Brasil (IBGE; 2000).

os dados para compor as informações do perfil sócio-econômico do bairro, dados demográficos e verticalização construtiva.

Para dar continuidade, foram realizadas entrevistas. As entrevistas<sup>6</sup> constituem uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados (PÁDUA; 1997). O termo entrevista é constituído a partir de duas palavras, entre e vista. “Vista” se refere ao ato de ver, ter a preocupação da visualização. “Entre” indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Sendo assim, a entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas (RICHARDSON; 1985). Esse método auxiliou em toda a composição dessa dissertação, desde a construção do histórico do bairro Humaitá, passando pela identificação das principais mudanças sociais em decorrência da expansão urbana e pela relação dos moradores com o bairro, até a compreensão das necessidades políticas de um espaço urbano. Primeiramente foi construída e aplicada uma entrevista piloto, a qual foi testada com seis moradores do bairro. A necessidade da realização de uma entrevista piloto se explicitou objetivando a elaboração de uma entrevista completa e que atendesse aos interesses da pesquisa. Com a aplicação deste teste, implementou-se a entrevista final, com as observações notadas.

A técnica utilizada foi entrevista dirigida, com alguns momentos de entrevista guiada. A entrevista dirigida é caracterizada por perguntas precisas, e com ordem preestabelecida e a entrevista guiada foi empregada aos entrevistados que se mostraram mais prestativos, pois neste tipo de entrevista, o entrevistador explora maiores informações, sem constrangimentos (RICHARDSON; 1985). Para a seleção da população envolvida na entrevista, buscaram-se moradores que residem há mais de 10 anos no bairro, de forma a construir a cronologia das mudanças tanto sociais, quanto ambientais deste local. O método de amostragem utilizado foi do tipo não-probabilístico<sup>7</sup> e classificado como bola-de-neve<sup>8</sup>, onde a partir de um primeiro entrevistado surgiu o seguinte e assim consecutivamente por indicação, respeitando os critérios necessários.

De acordo com os critérios apresentados, foram entrevistados 44 moradores do bairro Humaitá, em um período de quatro meses. Através de contato com síndicos dos prédios do bairro, foi selecionado um sujeito inicial, e esse indicou o próximo. Todas as entrevistas resultaram em significativas contribuições à pesquisa. Os encontros tiveram a duração de até

---

<sup>6</sup> As entrevistas são um dos procedimentos mais usados em pesquisa de campo, possibilita que os dados sejam analisados quantitativa e qualitativamente, pode ser utilizada com qualquer segmento da população (inclusive analfabetos) e se constitui como técnica muito eficiente para obtenção de dados referentes ao comportamento humano (PÁDUA; 1997).

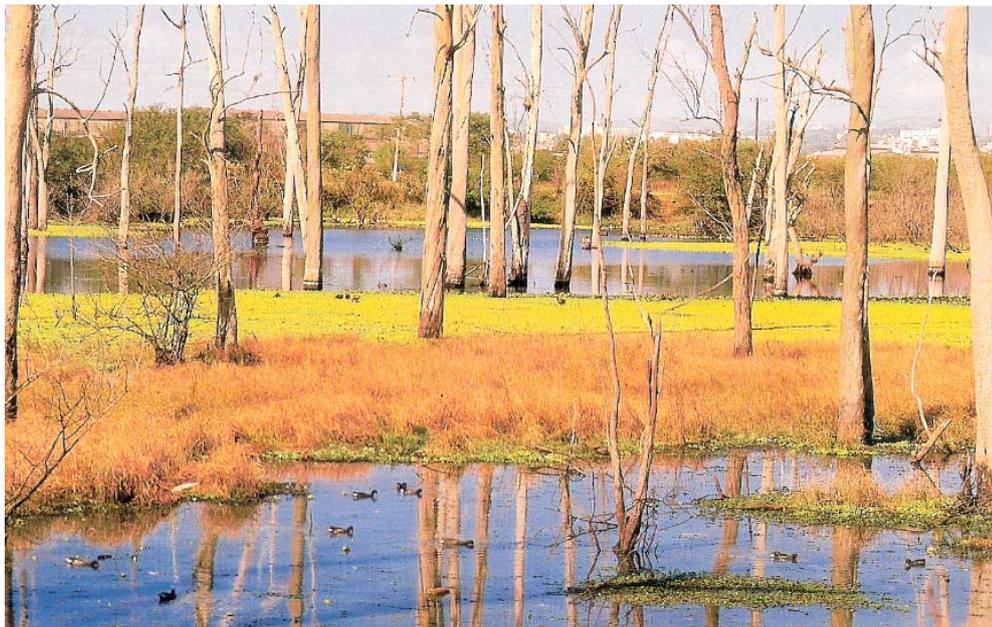
<sup>7</sup> A amostragem não-probabilística (classificada em de conveniência, julgamento, quotas e bola-de-neve) é baseada na avaliação pessoal do pesquisador que pode arbitrariamente ou conscientemente decidir os elementos a serem incluídos na amostra. Para Martins (2002, p.195), amostras não-probabilísticas são “amostragens em que há uma escolha deliberada dos elementos da amostra”.

<sup>8</sup> Envolve pedir às pessoas que participam de uma pesquisa para nomear outras pessoas que estariam dispostas a participar. A amostragem continua até que o número exigido de respostas seja obtido. Esta técnica é frequentemente usada quando a população for de difícil identificação pelos pesquisadores (Kitchenham e Pflieger, 2002).

4 horas, onde o entrevistado dedicou total atenção a detalhes de longa data. Após a apresentação da pesquisadora e do objetivo da pesquisa para o entrevistado, foi solicitada ao morador entrevistado a autorização da utilização das informações por ele apresentadas, através de um termo assinado, cujo modelo está disponível no Anexo A.1. A entrevista foi composta por 60 questões, distribuídas em cinco módulos temáticos, que no roteiro de entrevista foram denominados de fase (Anexo A.2). Os módulos são:

- identificação do entrevistado;
- entrevistado e bairro;
- bairro e sociedade;
- bairro/moradores e meio ambiente;
- bairro/morador e novos empreendimentos.

Juntamente a essa entrevista, foram aplicadas duas questões visuais, onde se apresentou para o entrevistado as figuras 1.3 e 1.4. Sobre a **Figura 1.3** a pergunta realizada foi: “Você conhece esse lugar?”, e sobre a **Figura 1.4** perguntou-se: “Esse tipo de acontecimento/notícia é comum aqui no Humaitá?”. Essa técnica foi utilizada como instrumento de percepção ambiental, para estimular a lembrança e percepção do espaço onde vive, e esperava-se que os moradores reconhecessem a figura do Parque, e discutissem sobre a questão segurança/violência.



**Figura 1.3:** Área alagadiça do Parque Mascarenhas de Moraes apresentada aos entrevistados como instrumento de percepção ambiental. Fonte: Atlas Ambiental de Porto Alegre.



**Figura 1.4:** Notícia sobre acontecimento violento no bairro Humaitá, apresentada aos entrevistados como instrumento de percepção ambiental. Fonte: Diário Gaúcho 16/06/2009.

No período das entrevistas, foi construído um diário de campo para anotações da percepção do entrevistador quanto às questões que não foram perguntadas, mas percebidas, sobre o espaço, o contexto social ao qual o sujeito estava instalado e outras questões. Esse tipo de diário mostrou-se um elemento de informação importante no momento da análise.

A observação participante foi elemento indispensável para a identificação e percepção da relação dos moradores com o bairro durante o período de entrevistas e trabalho de campo. Isso possibilitou identificar fatores e informações não possíveis de encontrar nas entrevistas e também, o conhecimento do modelo espacial do bairro, com os apontamentos da formação de segregação urbana e outros processos existentes. Essa observação teve por objetivo reconhecer os problemas ambientais que estão presentes no bairro, a disposição dos elementos urbanos, a presença dos setores privados e públicos, as relações sociais nos momentos de comunidade e demais itens que serão descritos e discutidos no capítulo 2.

Sobre os projetos imobiliários futuros e a grande valorização imobiliária corrente no bairro Humaitá, o objetivo inicial era identificar as intenções das empresas ao optarem pelo Humaitá como local de produção imobiliária, e qual a contribuição ao bairro para essas construções. Mas o produto obtido foi pouco e breves momentos com alguns consultores imobiliários. Neste caso, analisou-se alguns anúncios de venda e aluguel de imóveis noticiados nos últimos 4 anos.

---

Para a realização das análises espaciais propostas para esse trabalho, caracterização espacial, física e demonstração de expansão urbana foram utilizadas as bases municipais disponíveis no Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre, organizado por Hasenack (2008), e imagens do Google Earth. As imagens do diagnóstico são em formato *shape file*. Foi utilizando o software ArcGIS 9.2 e manuseadas as bases no Arc Map ®. Para o mapa das classes de uso e ocupação, foram somadas as classes encontradas no bairro e seguidamente calculou-se o seu percentual de representatividade territorial, que são apresentadas em uma tabela.



## **Capítulo 2**

### **O Surgimento do Bairro Humaitá e seu Histórico de Ocupação**

A compreensão dos processos espaciais e transformações socioambientais existentes atualmente no bairro Humaitá, exige o conhecimento do seu processo de surgimento, as perspectivas da cidade para este local e, conseqüentemente, o seu processo de ocupação. Porém é necessário o entendimento do histórico de ocupação da cidade de Porto Alegre, pois os direcionamentos que a cidade teve ao longo de sua evolução urbana, foram fundamentais e decisórios na caracterização do Humaitá como bairro.

O ponto de partida dessa análise é o conhecimento das transformações políticas e sociais a qual a capital gaúcha evoluiu até o período de criação do bairro Humaitá, e como essas, influenciaram e foram fundantes para a idealização e concretização desse bairro. O entendimento histórico necessário para esta análise partiu das investigações das urbanistas Célia Ferraz de Souza e Dóris Maria Muller, e da dissertação de mestrado do historiador Charles Monteiro.

No item 2.2 são apresentados os acontecimentos históricos, a formação urbana, enfim, a trajetória que transformou parte do setor norte de Porto Alegre no bairro Humaitá. No mesmo item também foram feitos recortes temporais da trajetória do Humaitá com base em uma investigação das notícias publicadas nos jornais da cidade e informações obtidas nas entrevistas com os moradores. Alguns elementos urbanos, como o parque que existe no bairro e as escolas, participaram de momentos que marcaram a história e ajudaram a definir a identidade socioambiental da comunidade do bairro. Por isso, foram dedicadas algumas paginas para sua apresentação.

Por último, esse capítulo trata da evolução da legislação urbana municipal, assim como dos avanços e novos instrumentos necessários à regulação do espaço urbano e como a questão ambiental foi enquadrada nas decisões de uma cidade que cresce, mas precisa

preservar seus poucos recursos ambientais. O Plano Diretor é apresentado com ênfase no bairro Humaitá e, assim, discute-se as permissões desse plano para a área de estudo.

## 2.1 A trajetória urbana de Porto Alegre até a formação do Bairro Humaitá

Porto Alegre é um território marcado pela inserção e expansão dos domínios portugueses ao sul do Brasil e principalmente modificado e comprometido urbanisticamente pelo ritmo da Revolução Farroupilha, de acordo com Monteiro (1995). Esses são alguns dos fatos e períodos que influenciaram na história e nas características observadas hoje na cidade.

Souza e Muller (2007) em sua obra *Porto Alegre e sua evolução urbana* dividem a evolução da cidade em períodos, de acordo com os acontecimentos e momentos históricos, e que remetem as influências, principalmente, do domínio português. Cabe ressaltar:

\* Primeiro período, denominado como “ocupação do território”, que corresponde de 1680 a 1772, com o Rio Grande do Sul incorporado ao Brasil e a chegada dos colonos açorianos ao Porto de Viamão;

\* Denominado de “Trigo”, o segundo período, 1772 a 1820, é marcado pela expressiva produção e exportação de trigo pelos açorianos, criando o desenvolvimento portuário e, assim impulsionando o desenvolvimento urbano. O primeiro mapa existente da cidade data de 1833, mas em 1940, o historiador Tupi Caldas elaborou um esboço do que teria sido o traçado do período do Trigo. Esse traçado foi reconstituído por Fialho em 2007, como é possível de visualizar na **Figura 2.1**. Neste período a cidade se concentrava onde hoje é sua área central, sem sinais da parte norte do município, onde se localiza o Humaitá.

\* O período de 1820 a 1890 corresponde à “imigração”. Problemas da ordem de estagnação econômica à Guerra dos Farrapos e a imigração européia marcaram esse terceiro período de Porto Alegre;

\* No quarto período, “Industrialização” dos anos de 1890 a 1945, a cidade inicia a substituição de produtos importados, entrando em sua fase industrial;

\* Na “Metropolização”, quinto período, iniciado em 1945 e corrente até os presentes dias, a cidade é marcada principalmente pelo crescimento populacional. Na **Figura 2.2** apresenta-se o aterramento de uma parte da cidade, uma das alternativas encontradas para suprir a necessidade de expansão. O êxodo rural, o deslocamento das indústrias para a periferia de Porto Alegre, o crescimento de núcleos na região, foram fatores que tornaram toda a Região Metropolitana pólo do estado.



**Figura 2.1:** Mapa de 1772 – Reconstituição do croqui imaginado pelo historiador Tupi Caldas do traçado de Porto Alegre feito em 1772 (em vermelho e preto). Linha preta apresenta a área central sem aterro. Fonte: Desenho de Daniela Marzola Fialho (2007).



**Figura 2.2:** Aterro da Rua Voluntários da Pátria, em 1955, em Porto Alegre. Fonte. <http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/index.htm>.

No período da “Metropolização”, é que está inserido o planejamento de ocupação da área do bairro Humaitá, onde o fator crescimento populacional agrega a justificativa principal do surgimento de novos bairros e expansão da cidade que passa a ocupar áreas como, por exemplo, áreas de recursos ambientais importantes (FEE; 1986). No caso do Humaitá, a urbanização sobre uma área alagadiça.

Com o crescimento populacional e a necessidade de industrialização em todo o estado, principalmente na década de 1960/1970, foram atraídas algumas indústrias dinâmicas de

relativo porte para Porto Alegre. Mas durante muito tempo, os problemas de suprimento de energia e o custo deste eram tidos como obstáculo à industrialização mais intensiva. Então, na década de 1960, o governo percebeu que os problemas da cidade já não podiam ser resolvidos apenas em escala municipal. “O uso do solo precisava ser disciplinado, os transportes e sua infra-estrutura necessitavam de integração, o saneamento apresentava problemas comuns na região” (Souza e Muller; 2007). Tornou-se necessária tornar Porto Alegre e as cidades próximas um pólo metropolitano, fazendo com que o pólo hegemônico do estado não se limitasse mais apenas à capital, mas a toda a região Metropolitana.

A industrialização no Rio Grande do Sul em meados de 1950 tornou-se uma questão de necessidade para fomentar o seu desenvolvimento, fator que fez o governo estadual resolver pela construção de uma cidade industrial junto à capital, Porto Alegre.

Após a análise de algumas glebas de terra, o norte da cidade de Porto Alegre destacou-se, pois disponibilizava vastas áreas que se mantiveram vazias devido às condições de terras baixas e pantanosas<sup>1</sup>. Essas possuíam inúmeras vantagens: eram planas e servidas por todos meios de transporte (ferroviário: Estação Diretor Pestana; rodoviário: BR – 290; hidroviário, cais Marcilio Dias; e, aéreo: o aeroporto instalado na área). Também, havia a existência de algumas indústrias na região e as glebas situavam-se entre bairros predominantemente com residências operárias, o que tornava a oferta de mão de obra mais acessível. A única desvantagem encontrada foram as grandes extensões cobertas por alagadiços (PAIVA; 1961). O autor citado é um dos primeiros a citar as características ambientais da área de estudo. Pode-se considerar então que esta é a primeira comprovação das características originais da área onde hoje é o Bairro Humaitá.

Fixada a atenção nesta parte da cidade, algumas obras seriam necessárias para a instalação de uma cidade industrial. Mas a intenção de “recuperar”<sup>2</sup> essas áreas já era bastante notória, pois o Departamento de Obras e Saneamento já vinha realizando obras como a construção de diques e aterramentos. Então, através de decreto, em 10-09-1960, o governo do Estado declarou a área de utilidade pública, para fins de desapropriação, sendo o estado proprietário de uma parte, e outra de uma empresa F.Mentz S.A., (PAIVA; 1961).

Na **Figura 2.3** está representada a área escolhida pelo governo para ser a cidade industrial de Porto Alegre. Sobre o mapa, foi delimitado o bairro Humaitá, a área ao lado hoje é o bairro Anchieta. Na figura 2.3 está apresentada no centro da área do bairro Humaitá uma

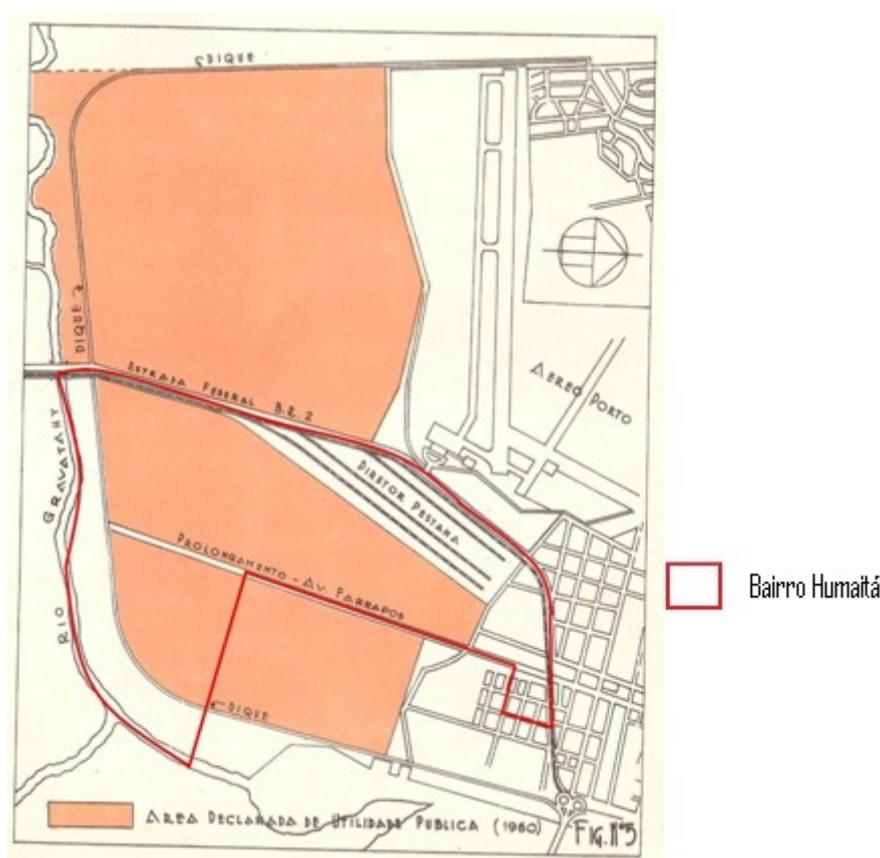
---

<sup>1</sup> Durante a pesquisa, verificou-se que cada autor utiliza um termo diferente para citar as áreas alagadiças, sendo que todos os demais termos serão apresentados nesta dissertação. Áreas pantanosas, áreas úmidas e banhados, são algumas das nomenclaturas, sendo que banhado é uma expressão regional.

<sup>2</sup> A expressão recuperar áreas alagadiças remete o sentido de que essas áreas, em seu estado original, não são passíveis de ocupação urbana, precisam ser aterradas, planificadas para receber loteamentos. Utilizou-se essa expressão para apresentar o sentido exposto em grande parte dos documentos analisados, para se referir à esse ambiente.

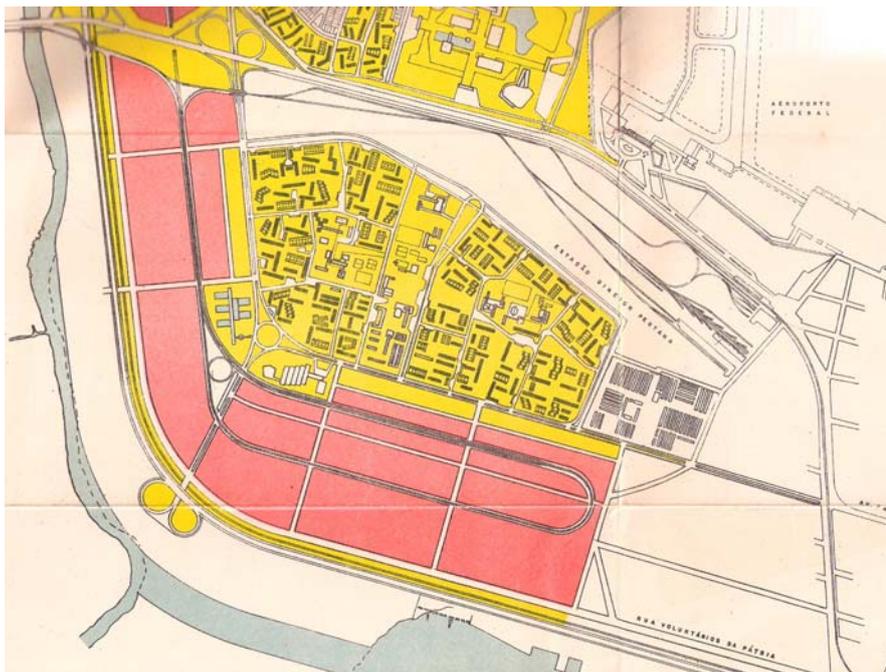
das principais vias de acesso ao bairro, descrito na figura como prolongamento da Av Farrapos. Atualmente esse prolongamento é oficialmente a Avenida A.J. Renner<sup>3</sup>.

No mapa da **Figura 2.4** é destacada a área do bairro Humaitá, com as projeções de como poderia ser disposta a cidade industrial. As indústrias deveriam ocupar as faixas de terra próximas ao Dique, para assim permitir a relação mais direta com o sistema de transporte (em rosa no mapa). Nas zonas interiores, em amarelo, abrigariam conjuntos habitacionais para os operários das fábricas. Esse projeto não previa uma praça, mas sim trechos verdes para separar as indústrias das residências. Estava prevista a instalação apenas de escolas industriais. Esse projeto não chegou a ser implantado, mas como principal contribuição, deixou idéias de organização para o espaço, principalmente quanto a localização da zona industrial da cidade, que com o passar do tempo foi incorporada ao desenvolvimento da cidade no seu planejamento (MARQUES;2000).



**Figura 2.3:** Área escolhida para a construção da cidade industrial. Fonte: Adaptada de PAIVA; 1961.

<sup>3</sup> Antônio Jacob Renner, mais conhecido como A. J. Renner (natural de Alto Feliz, 7 de maio de 1884 e falecido em dezembro de 1966) foi um empresário brasileiro e o fundador da Loja Renner, uma das maiores redes varejistas gaúchas de vestuário. Sua empresa quando vinda para Porto Alegre foi instalada próximo ao prolongamento da Av: Farrapos. Foi um dos maiores empresários do Rio Grande do Sul.



**Figura 2. 4:** Planta de organização das atividades da cidade industrial. Fonte: PAIVA; 1961.

Atualmente o modelo de urbanização encontrado no Humaitá segue alguns princípios do projeto pensado para essa área. A parcela residencial do bairro localiza-se mais ao centro, com quarteirões de conjuntos habitacionais destinados a uma grande parcela de operários. As indústrias estão mais próximas do corpo hídrico, ou seja, mais afastadas do centro do bairro. Um importante diferencial é o grande parque existente bem no centro da área, próximo das residências, que não estava previsto no projeto de 1960.

Analisando o projeto de industrialização de Porto Alegre, percebe-se que nesta ação de desconcentrar as atividades da cidade, as indústrias se estabeleceram principalmente no norte do município devida a facilitação de transportes para o escoamento de produção. E com a pavimentação da BR-116, a expansão industrial foi ao seu encaixe, saindo dos limites da cidade.

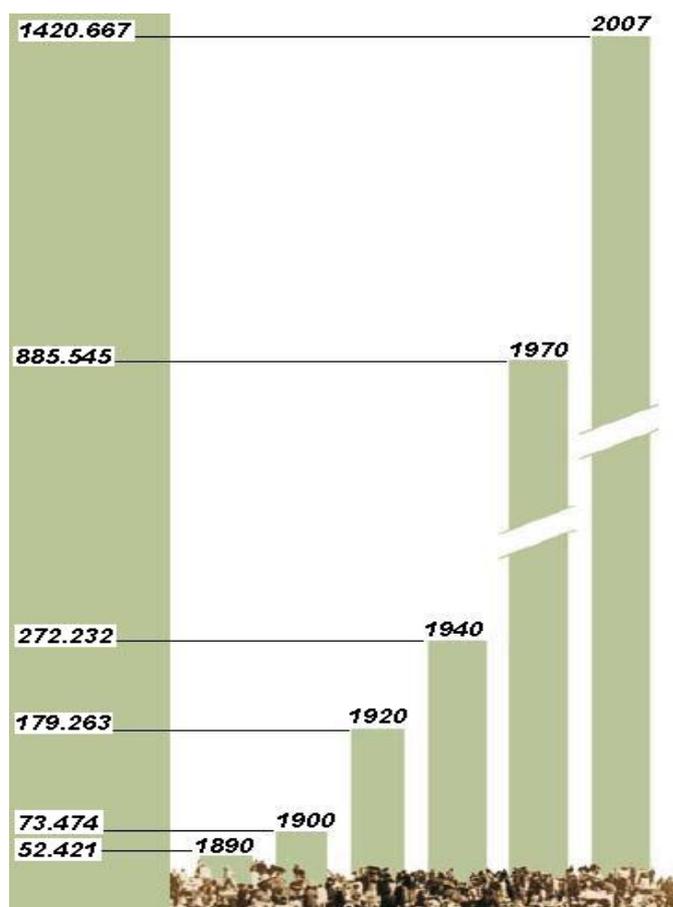
Acompanhando o processo de industrialização, outro fator importante que contribuiu para o surgimento do bairro Humaitá e a formação urbana da cidade, foi a inversão da condição de domicílio quanto às categorias rural e urbana observada no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1970. A condição rural que era mais significativa até meados dos anos 1960, onde tinha 54,4% de representatividade populacional, em 2005 passa para apenas 15,6% da população gaúcha. A evolução da população no estado pode ser melhor analisada na **Figura 2.5**, onde é bastante considerável a proporção de crescimento da população urbana a partir de 1970.



**Figura 2.5:** Evolução da população no Rio Grande do Sul por condição de domicílio 1940 a 2005  
Fonte : IBGE – Censo Demográfico 2005; FEE – Estimativa para 2005, Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul.

Um pouco diferente da situação domiciliar apresentada do Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre evoluiu para a condição urbana de forma bastante expressiva a partir de 1940. De acordo com os dados do IBGE, em 1970, Porto Alegre apresentava 98,22% de população urbana, já em 2005 esse valor caiu para 97,60%. Quando comparado ao estado, a diferença de 13% a mais em Porto Alegre de população urbana em 2005 é justificável pela centralidade de atividades de uma capital, mesmo após a descentralização ocasionada pela formação de uma região metropolitana. A **Figura 2.6** apresenta um esquema sobre a evolução do crescimento demográfico de Porto Alegre, onde é possível identificar a evolução da cidade para uma condição urbana.

Na figura destaca-se o crescimento populacional dos anos 1970 até 2007. É neste recorte temporal, que se configura o surgimento e crescimento do bairro Humaitá. Nesse período, a cidade de Porto Alegre ultrapassa um milhão de habitantes, caracterizando-se como uma metrópole, e esse aumento populacional exige a expansão e ocupação de novas áreas da cidade, fator que justifica a opção de ocupar a área do Humaitá.



**Figura 2.6:** Crescimento demográfico de Porto Alegre de 1890 à 2007 com dados do IBGE Fonte: Transformações urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro / Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. – Porto Alegre: 2008

## 2.2 Histórico do Humaitá

Após justificar a forma como se iniciaram os processos de expansão da cidade até a necessidade de ocupação de terras como as glebas alagadiças do Humaitá, foram realizadas investigações para a reconstrução histórica do bairro. Essa etapa iniciou através de análises de documentos que foram consultados na prefeitura e museus de Porto Alegre. Constataram-se poucas ou insuficientes informações para explicar fatos e momentos importantes desse bairro. Portanto, foram realizadas buscas de notícias referentes ao bairro nos acervos dos jornais da cidade, assim como a aplicação de entrevistas junto aos moradores do Humaitá. Essas formas de investigar percorrem os caminhos da pesquisa social qualitativa, pois essa seleciona evidências para argumentar e necessita justificar a seleção que é a base de investigação, como documentos, provas, demonstrações, notícias (BAUER & AARTS, In: BAUER & GASKELL; 2002).

Como já mencionado anteriormente, a área onde hoje é o bairro Humaitá foi inicialmente uma parte da cidade considerada como terra sem valor. Isso é observado desde os primeiros registros encontrados, pois ao citar essa área, esses registros remetem as desvantagens deste local, devida sua grande área alagadiça. As possibilidades previstas para esse espaço da cidade sempre foram no sentido de industrializá-lo, fato que desvaloriza ambiental e culturalmente qualquer região. Porém, devido a sua localização geográfica

favorável para assentar uma cidade industrial, como já foi apresentado, atraiu esse setor em muitos momentos históricos. Os relatos de alguns moradores entrevistados evidenciam as características ambientais da paisagem:

*“Aqui eram uns campões, um campo alagado. Tinha a fazenda Mentz que tinha porcos, e tinham uns moradores que criavam gado. Ninguém gostava daqui porque era banhado, não tinha valor como as outras partes da cidade. Eu me lembro de uns eucaliptos altos que se via lá do aeroporto, e das aves, e de que as pessoas falavam que aqui ia ser um lugar só de indústrias grandes” (João<sup>4</sup>, morador do Humaitá, 74 anos).*

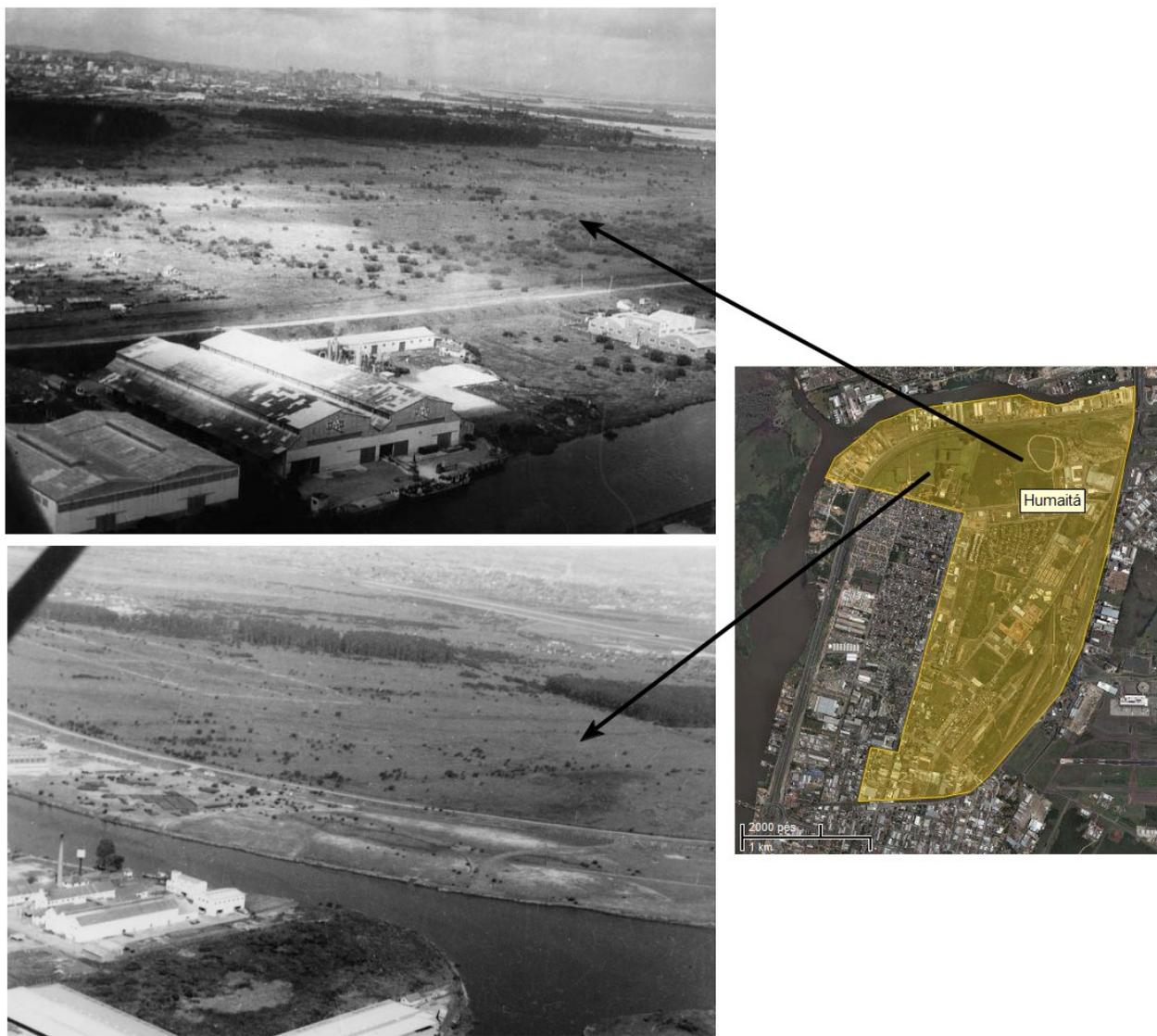
*“Eu achava a coisa mais horrível, era só uns banhados. Era só chover um pouco que pronto, as casas que nem era tão perto já entravam água” (Joana, 72 anos).*

*“Eu me lembro que tinham umas casas como essas de palafita, e mesmo assim entrava água, tinha uma casa que lembro que ficava um pouco mais alta e não entrava. Essas casas eram bem perto do trem, porque tinha a fazenda Mentz lá para os lados, onde hoje é o parque, que lá sim, era muito banhado” (Maria, 77 anos).*

As características da vegetação, com ambientes úmidos, campo e planície, como foi descrito no relato dos moradores, são mais bem compreendidas através da primeira imagem da **Figura 2.7** do ano de 1962. Na segunda imagem da mesma figura, visualiza-se melhor a faixa bem ao norte do bairro, mais precisamente onde hoje situa-se a Escola Técnica Santo Inácio e que, futuramente, abrigará o complexo de entretenimento do Grêmio. Observa-se o grande vazio urbano e a vegetação existente, alguns resquícios de lâminas de água no centro do futuro bairro, os quais comprovam a existência de áreas alagadiças. Nas duas imagens também pode-se visualizar capões de eucaliptos e campos cultivados com arroz, além da presença de algumas indústrias muito próximas das margens do rio Gravataí.

---

<sup>4</sup> Os nomes dos moradores entrevistados para essa pesquisa foram preservados, portanto a identificação (nome) de referência é fictícia.



**Figura 2.7:** Rio Gravataí e bairro Humaitá em 1962. Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman. Foto de Leo Guerreiro e Pedro Flores.

Na elaboração deste capítulo foram utilizados vários recursos visuais como fotografias e imagens aéreas, pois as informações documentadas não foram suficientes para ilustrar a realidade desse espaço. De acordo com Loizos in Bauer & Gaskell (2002, p 143), imagens fotográficas tem aplicações potenciais para pesquisas sociais, principalmente como método de documentação de mudança histórica. Fotografias feitas em intervalos regulares do mesmo lugar podem ser ilustrativas e são um importante elemento de construção e modificação histórica.

Após reconhecer essa possibilidade da imagem, buscou-se ilustrar as mudanças do espaço em estudo através da sobreposição de fotografias aéreas obtidas na METROPLAN com a base do Google Earth (**Figura 2.8**). O objetivo dessa ilustração é a representação visual das mudanças no Humaitá (limites em vermelho na figura) ao longo dos anos. Na figura 2.8 são apresentados os recortes temporais de 1966 e 1972. Na foto aérea de 1966 a presença de vegetação é mais marcante e quase não existem vias no centro do bairro. As feições retangulares e quadradas, em algumas partes, demonstram o cultivo de arroz nessa região. A

metade sul apresenta certa ocupação urbana e algumas vias de circulação. Tal ocupação foi possível porque eram as áreas menos alagáveis e, portanto, com maiores possibilidades de instalação urbana. Quando analisada a imagem de 1972<sup>5</sup> percebe-se já certo aumento das vias na metade norte do bairro, provavelmente em virtude do início de um processo de loteamento que se concretizaria alguns anos depois. A quantidade de vegetação é menor, porém as áreas alagadiças permanecem.



**Figura 2.8:** Fotografias aéreas de 1966 e 1972. Fonte Metroplan.

Em 1977 a empresa loteadora Frederico Mentz S.A., proprietária de parte das áreas do Humaitá, contratou o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) com a proposta de aterrar 10 hectares da área alagadiça localizada ao norte da cidade, na qual tinha planos de implantar futuramente um parque residencial. Após o aterramento realizado nos 10 hectares propostos, o processo se estendeu para todos os 140 hectares da área alagadiça, que era conhecida naquele período por Parque Benópolis (TRINDADE; 1982).

Grande parte dos resíduos de Porto Alegre, do período de 1977 a dezembro de 1982 foi depositado na área onde hoje é parte do bairro Humaitá<sup>6</sup>. Trindade (1982) coloca que, desde o início de suas operações, o aterro sanitário do Parque Benópolis, caracterizou-se por um trabalho técnico, pois contou com a participação de órgãos como a Cientec (Fundação de Ciência e Tecnologia) e do Cesb (Centro de Estudos e Saneamento Básico do Departamento Municipal de Águas e Esgoto). O principal objetivo era assegurar um melhor controle e garantia de seus resultados. O depoimento de um ex-morador das proximidades da via férrea

<sup>5</sup> A figura de 1972 é uma composição de fotografia aérea sobre imagem do Google Earth.

<sup>6</sup> No capítulo 3 será apresentada com maior detalhe as características físicas e delimitações do atual bairro Humaitá, porém é importante esclarecer que o bairro possui 417 hectares, e o aterramento ocorreu sobre 140 hectares, sendo assim apenas parte da área do bairro foi aterrada.

ênfatisa o processo de aterramento pelo qual a área passou. É interessante observar que as áreas alagadiças eram vistas como um problema para as pessoas:

*“Eu lembro que passava um monte de caminhões, todos os dias, não deixavam muito a gente ir lá perto, mas a gente sempre ia, era um movimento, tudo de lixo, tinha um pessoal da prefeitura que vinha seguido... mas eu sei que colocavam tudo que é lixo aí, e isso ocorreu por um bom tempo, até encher todo o banhado... eu lembro de não achar ruim, meu pai falava que ia poder construir casas e também ia ter emprego pra gente, porque ia ter mais indústria” (Pedro, 69 anos).*

Cabe salientar que não foi toda a área pertencente ao bairro Humaitá que sofreu processo de aterramento. Isso ocorreu mais no centro e norte do bairro. Já existiam no bairro alguns prédios, vilas e indústrias. Depois de um longo período de deposição de resíduos na área e finalizada a vida útil do aterro, iniciou-se a preparação para um loteamento. A **Figura 2.9**, apresenta uma foto de 1982 cedida por moradora, onde se percebe a transformação daquele espaço. O ato de fotografar essa transformação pode ser considerado aqui como reflexo da expectativa do surgimento de um ambiente melhorado. A fotografia é do período final de aterramento, a paisagem corresponde a uma grande área plana com o solo preparado para receber o loteamento e nenhum resquício de área alagadiça.



**Figura 2.9:** Área que hoje abriga parte do Bairro Humaitá, após aterramento, no ano de 1982. Foto cedida por moradora.

Para dar início à ocupação urbana sobre o aterro, após dezembro de 1982, a Incorporadora Guerino supervisionou uma casa uni familiar desenvolvida para teste no terreno, localizada na quadra destinada à escola. Após esse primeiro teste com uma casa, iniciou-se a construção de prédios do loteamento como é apresentado na **Figura 2.10**

(TRINDADE; 1982). A via que aparece na imagem é a avenida, Palmira Gobbi<sup>7</sup>, uma via larga, de duas mãos, onde nota-se o planejamento de um bairro grande e de fácil mobilidade. Essa avenida é uma das mais importantes do Humaitá na atualidade.



**Figura 2.10:** Primeiros prédios construídos sobre a área aterrada no bairro Humaitá. Fonte: Trindade ; 1982

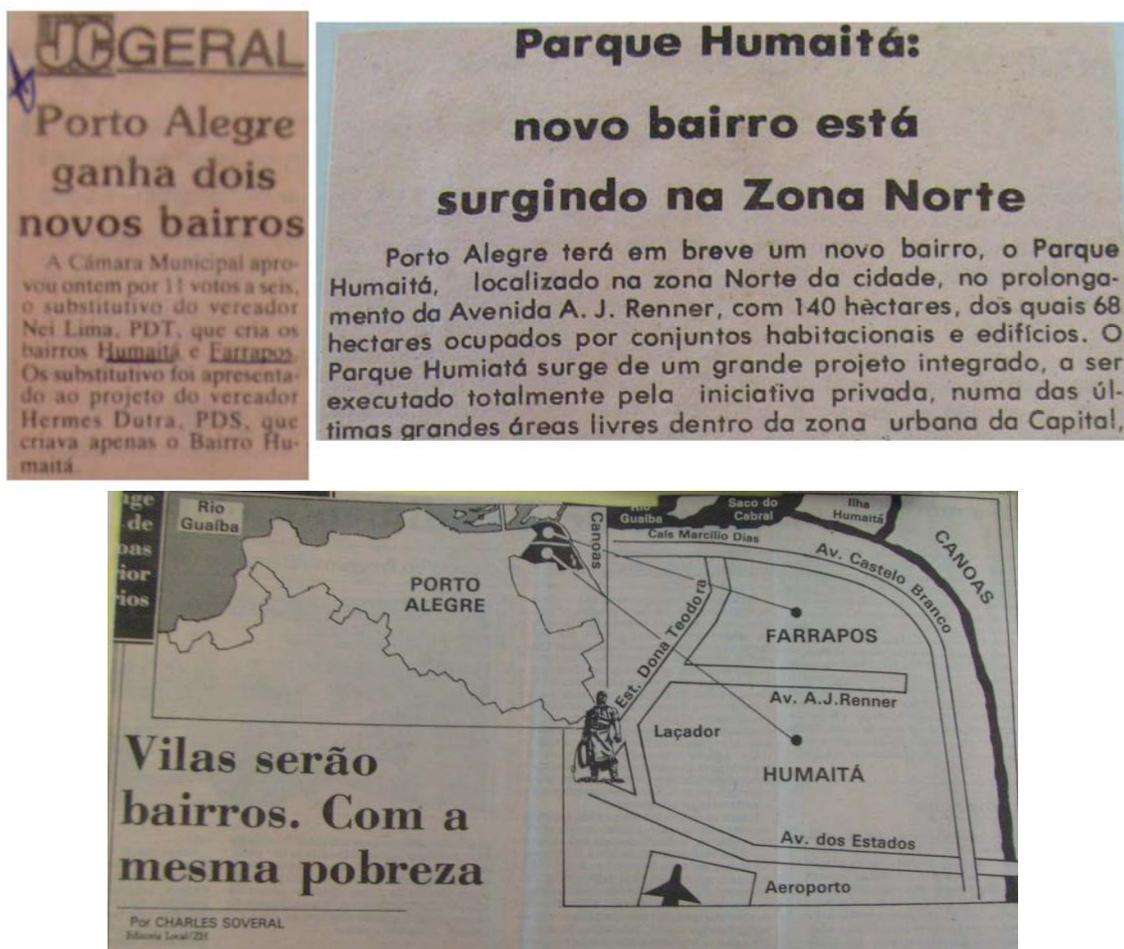
O bairro Humaitá foi criado oficialmente pela lei nº 6218 em 17/11/1988, logo após toda a infra-estrutura urbana do novo loteamento estar preparada, algumas construções já prontas e com moradores. A Figura 2.11 mostra algumas notícias de recortes de jornais que anunciam a criação oficial do bairro Humaitá.

A partir de conversas com moradores de condomínios da área aterrada e de algumas notícias de jornais foi possível resgatar o surgimento do nome do bairro. A primeira denominação foi Parque Humaitá, porém oficialmente esse nome não existe. O único existente é bairro Humaitá. A partir da análise de documentos históricos, chegou-se a conclusão que essa denominação foi criada pelos primeiros moradores da parte aterrada do bairro. Os prédios e condomínios construídos naquela área eram bastante semelhantes, muito próximos e financiados pelo mesmo agente financiador. Essas podem ser algumas das justificativas da criação dessa nomenclatura. Esse nome, Parque Humaitá, confunde-se com o nome oficial e algumas notícias de jornais colaboraram para a fixação desse título, como mostra uma das notícias da **Figura 2.11**. O fato de criar-se um sub-bairro dentro de outro bairro já foi registrado em outros locais da capital gaúcha, como é o caso do IAPI, uma das

---

<sup>7</sup> Palmira Gobbi (1909-1979) foi pioneira em Porto Alegre na luta pela preservação da vida dos animais. Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=47941&p\\_secao=3&di=2005-11-10](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=47941&p_secao=3&di=2005-11-10)

primeiras vilas de operários, que na verdade pertence ao bairro Passo D'Areia, mas é reconhecida pelos moradores como bairro IAPI.



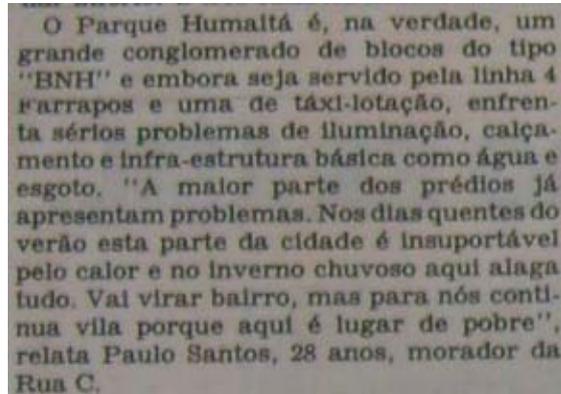
**Figura 2.11:** Notícias veiculadas nos jornais de Porto Alegre sobre o surgimento do bairro Humaitá. Datas respectivamente: 06/09/1988; 13/07/1981; 07/09/1988. Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo e acervo da Zero Hora.

Até a oficialização de o nome bairro Humaitá ser publicada em 1988, a área era conhecida como bairro Dona Teodora e a parte chamada por muitos de Parque Humaitá era conhecida como Loteamento Industrial Parque Benópolis.

Mas além de confusões acerca do nome do bairro, os problemas do até então bairro Dona Teodora eram muitos. Registros históricos de jornais apontam que os serviços de água e esgoto eram precários ou inexistentes em alguns trechos, as águas das chuvas invadiam as casas mais humildes das vilas, os acessos não tinham qualquer infra-estrutura, fatores negativos à moradia. Mesmo assim, a área constituiu-se em local de moradia para as famílias que não tinham outra opção.

Mesmo depois do aterramento de 140 dos 470 hectares que formam o bairro Humaitá, muitos problemas não foram solucionados, como por exemplo, o péssimo escoamento da água e as más condições de ocupação do solo. Um recorte de notícia publicado no jornal Zero Hora de 1988 revela o descontentamento da população em relação à tal situação e, também, é

possível notar alguns sinais de segregação residencial do bairro em relação ao resto da cidade (**Figura 2.12**). A rua C que é citada na notícia, mais tarde tornou-se a atual avenida José Aloísio Filho<sup>8</sup>.



**Figura 2.12:** Recorte de notícia do jornal Zero Hora de 07/09/1987 que apresenta problemas do bairro Humaitá. Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo

## 2.3 Elementos ativos na história de formação do Humaitá

Alguns elementos urbanos e sociais são importantes na construção histórica do Humaitá, por isso necessitam ser descritos e analisados. Como serão apresentados nos próximos capítulos, esses elementos não são importantes apenas pelo contexto histórico, mas também pelas centralidades que representam no bairro e pelo que significam para a comunidade.

### 2.3.1 Parque Marechal Mascarenhas de Moraes

Durante a ocupação e uso do solo no município de Porto Alegre, muito da vegetação nativa foi sistematicamente suprimida, restando poucas áreas de extensão significativa. Santos (2003) ressalta que a conservação da biodiversidade nas cidades depende muito da existência de arborização pública, praças, parques, fragmentos florestais e outros tipos de ecossistemas. Um remanescente de ecossistema pantanoso encontra-se inserido no Parque Mascarenhas de Moraes, no norte da cidade, bem no centro do bairro Humaitá.

Em julho de 1982 foi sancionada a lei nº 5134 que denomina Parque Marechal Mascarenhas de Moraes a área de terra localizada entre as avenidas José Aloísio Filho e Palmira Gobbi, no Loteamento Parque Industrial Benópolis, Bairro Dona Teodora, destinada a ser parque público. A Construtora Guerino, portadora de um plano habitacional com capacidade para abrigar aproximadamente quatro mil pessoas, resolveu aglutinar todas as áreas verdes, tomadas obrigatórias por estipulações do Plano Diretor, em um só: o grande Parque (SMAM, 1982, p.02).

<sup>8</sup> José Aluísio Filho foi homem público, presidente da associação dos Amigos do 4º Distrito, ao qual pertence a área do Humaitá, foi vereador até a sua morte (Fonte Museu Moises Velinho Processo 856).

A responsabilidade pela construção e manutenção do parque até sua data de entrega, ficou a cargo da Guerino, que reservou às árvores já existentes, na sua maioria eucaliptos, um espaço de 30.000m<sup>2</sup> e, por entre elas, foram instaladas churrasqueiras para o lazer da população (SPIER, 2006).

A área total do parque é de 18,2 hectares, onde aproximadamente 8 hectares não foram aterrados, originando-se neste local uma área alagadiça, que acabou transformando-se em uma importante área de proteção ambiental, por abrigar diversas espécies da fauna do Rio Grande do Sul. Sua existência na realidade não foi prevista; o projeto inicial tinha o objetivo de manutenção e preservação de bosques de eucaliptos que não deveriam ser aterrados com o lixo domiciliar depositado em toda a região do seu entorno; como não houve drenagens nem compactação dos solos no seu entorno, o acúmulo de águas pluviais contribuiu para a sua formação (SPIER, 2006).

A fotografia aérea de 1991 da **Figura 2.13**, em sobreposição a imagem do Google Earth abrange mais a área do bairro que foi aterrada e com isso a área do parque. Observa-se que os lotes já estão delimitados e que já existem aglomerações de prédio bem ao centro da imagem. A definição de um parque no bairro está delimitada, sendo esse local o que mais apresenta vegetação. Durante as entrevistas, alguns moradores citaram que dentro do parque existia uma espécie de bacia, onde não tinha água. O depoimento abaixo ajuda a explicar o surgimento da área alagadiça depois do aterramento. O local era utilizado para a integração dos moradores do jovem bairro:

*“Dentro do parque tinha uma parte mais baixa, tipo uma bacia, um açude, mas que não tinha água...a gente se reunia nos finais de semana e tomava banho de sol, porque da rua não dava pra ver as mulheres lá dentro, tinha também churrasqueiras ali dentro...ah... tinha uns blocos de concreto que fazia o papel de taipa da parte baixa e alta pra não desbarrancar” (Maria, 57 anos).*

A imagem de satélite de 2002 da **Figura 2.13** apresenta um bairro definido, vias calçadas e as principais asfaltadas. A presença de conjuntos residenciais aumentou em relação a 1991 e pode-se observar que dentro do parque existe uma área alagada, que antes não existia. Confirmando os relatos da comunidade, o local que antes era uma bacia, no formato de um açude, começou a armazenar água e tornou-se também um local de escape dos líquidos aterrados. Já em 2009, vê-se um bairro bastante próximo da situação atual, com sinais de expansão do processo de ocupação e urbanização, a partir da construção de novos condomínios em área de solo exposto. Na mesma imagem se observa que a vegetação localizada bem ao norte aumentou em relação ao ano de 1991 e que a área alagadiça situada no parque ainda persiste.



**Figura 2.13:** Fotografia aérea de 1991, e imagens de satélite de 2002 e 2009. Fonte; Adaptado de Metroplan e Google Earth.

O parque mereceu um subitem nesta dissertação em função de sua importância ecológica, assim como pela relação que ao longo do tempo os moradores desenvolveram com ele. Isso pode ser identificado durante as entrevistas, nas observações em campo e na análise histórica. O parque foi motivo de integração dos moradores e de manifestações públicas. A Figura 2.14 apresenta fotos de protesto dos moradores em relação ao abandono do banhado localizado no parque, bem como do próprio banhado. A imagem da esquerda demonstra a ligação histórica e afetiva dos moradores com o parque.

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 5/05/2003



*Moradores do bairro Humaitá, em Porto Alegre, abraçaram o banhado no parque Mascarenhas de Moraes para protestar contra o abandono do local*



**Figura 2.14:** A esquerda a imagem do jornal Zero Hora (2003) de moradores protestando no parque. Fonte: Acervo da Zero Hora. A direita, fotografia da área alagadiça formada, datada de 1986. Fonte: Moradora do Humaitá.

### 2.3.2 Escola Técnica Santo Inácio

A Escola Técnica Santo Inácio (Círculo Operário) constitui referência histórica importante do bairro Humaitá. Sua instalação na área contribuiu para melhorar o aparelhamento urbano do bairro. De acordo com as informações cedidas pela escola, as atividades iniciaram-se no ano de 1959, com o primário, ginásio e contabilidade em um prédio da avenida Polônia. Foi somente em 1972 que a escola transferiu-se para o Humaitá, com a oferta de um curso de Técnico em Eletrônica, em nível de 2º grau.

A **Figura 2.15** da década de 1970 apresenta a primeira fachada da escola no bairro Humaitá. Observa-se que naquela época a pavimentação do local era de terra, sem nenhum tipo de cobertura artificial. O prédio da escola Santo Inácio foi uma das primeiras construções do bairro e tornou-se motivo de expectativa e esperança para um bairro carente em elementos urbanos.

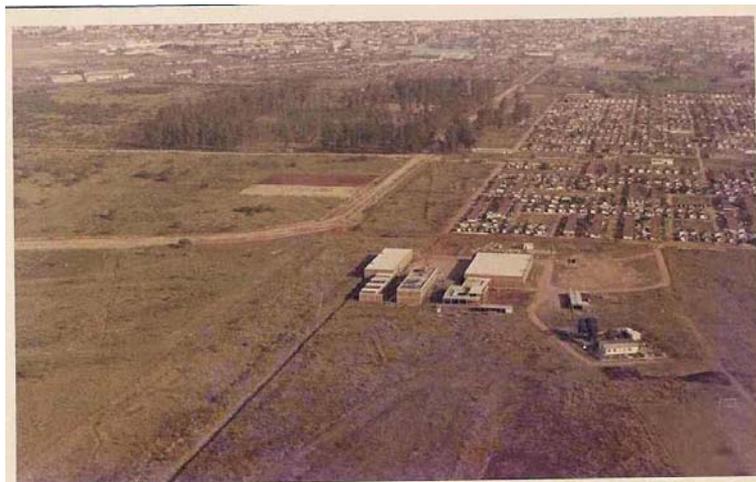


**Figura 2.15:** Escola Santo Inácio na década de 1970. Fonte. Escola Técnica Santo Inácio.

Quando a escola instalou-se no Humaitá, pouco de sua área era urbanizada, existindo apenas algumas indústrias ao sul do bairro, próximo da Avenida Farrapos e nas margens do rio Gravataí. Tinham também algumas pequenas casas mais ao sul do bairro. As vias eram todas de terra e as áreas úmidas dominavam grande parte do bairro.

*“Tinha só uma linha de ônibus, as outras paravam lá na av. Farrapos, os alunos que tinham aula de noite dependiam uns dos outros, os professores que tinham carro faziam várias viagens para levar os alunos até a parada”* (depoimento do secretário da Escola Santo Inácio).

A **Figura 2.16** da década de 1970 apresenta a área onde foi construída a escola, uma das maiores construções do bairro. No restante da imagem observam-se as características de grande parte do futuro bairro Humaitá: uma paisagem dominada por grandes extensões de campos e áreas alagadiças e úmidas. A ocupação urbana do lado direito da imagem em formato de quadras, é o bairro Farrapos, já com avançado nível de crescimento.



**Figura 2.16:** Vista aérea de parte do futuro bairro Humaitá, com destaque para a área da Escola Santo Inácio. Fonte: Escola Santo Inácio.

### **2.3.3 Estação Ferroviária Diretor Pestana**

Desde o seu surgimento, o trem é considerado uma das maiores conquistas técnicas e produtora de desenvolvimento de muitos lugares. Na metade leste do bairro Humaitá durante muito tempo esteve em funcionamento uma estação ferroviária, conhecida como Diretor Pestana. De acordo com as pesquisas de Giesbrecht (2007) inicialmente chamada de estação Gravataí foi inaugurada em 1874 e recebeu o nome aparentemente devido à sua proximidade com o rio Gravataí. Em 20/12/1934, passou a se chamar Diretor Pestana, ou Diretor Augusto Pestana, homenageando um dos diretores da Viação Férrea do RS.

A partir de 1938 a estação passou a ser o ponto de bifurcação entre as linhas da Porto Alegre e a cidade de Caxias do Sul, que diminuiu a distância de Porto Alegre em 50 quilômetros, tornando, viável, a chegada de passageiros à Capital, por trem, vindos do interior (GIESBRECHT; 2007).

Em 15 de fevereiro de 1954, com a perspectiva de remodelação da estação central de Porto Alegre, que por estar no centro da cidade já causava problemas de acesso, iniciaram-se as obras da estação provisória Diretor Pestana, visando desviar para esse local o embarque dos trens para o interior do estado. A partir de 1984, realmente esses trens passaram a sair dali. A **Figura 2.17** mostra a estação Diretor Pestana em duas épocas distintas.



**Figura 2.17:** Na imagem da esquerda o pátio da estação Diretor Pestana, nos anos de 1980, foto de Alfredo Rodrigues. Na imagem da direita, a estação recuperada em 2003, ao lado da linha do Trensurb, foto de Alcindo Costa.

Junto a essa estação ferroviária existia uma vila de funcionários dessa estação que residiam ali com suas famílias em modestas casas de madeira enfileiradas (**Figura 2.18**). No depoimento do ex-morador da vila percebem-se as características desse local, que hoje só existe no imaginário dessas pessoas:

*“Meu pai era ferroviário, igual a todos que moravam lá na vila. Era muito divertido, a gente gostava de ver o trem passar, todas as molecadinhas brincavam perto dos trilhos... Os trilhos passavam no meio das casas,...o problema era quando vinha a chuva, as casas enchiam de água e então fizemos uns caminhos, caminhos de tábuas, como pontes. Depois tivemos que sair dali, porque eles compraram todas as casas... queriam fazer ali uns pavilhões” (José, ex-morador da vila dos ferroviários, 57 anos).*



Vila dos Ferroviários, um problema social à vista

**Figura 2.18:** . Casas da vila dos Ferroviários, década de 1970. Fonte: Museu Moises Velinho.

## 2.4 Recortes temporais do bairro Humaitá

Considerando os diversos momentos da história do bairro Humaitá, mesmo sendo um bairro tão jovem, optou-se por fazer recortes temporais para um melhor entendimento, com base nos principais acontecimentos noticiados. Foram analisadas as mudanças do bairro no decorrer do tempo a partir de notícias que datam de 1973 até 2009. Identificar as mudanças da paisagem, as transformações sociais e ambientais, a caracterização dos moradores, são alguns dos elementos que se pretende conhecer e analisar nessa fase.

Primeiramente foram selecionadas notícias de acontecimentos de acordo com a relevância e o grau de transformação provocado no bairro, sendo assim que das 87 notícias iniciais, 45 foram utilizadas para a delimitação dos recortes temporais. As manchetes dessas notícias podem ser consultadas no Anexo B.1. Na **Figura 2.19** apresentam-se alguns recortes de jornais com algumas notícias que foram utilizadas para a análise do presente capítulo.

Os recortes temporais que foram delimitados são:

*Bairro Dona Teodora de 1960 até 1975:* O então conhecido bairro Dona Teodora era marcado pelas cenas de pobreza, com uma população considerável e atingida por problemas como alcoolismo e drogas, falta de escolas, saneamento precário identificado pela presença de esgotos correndo a céu aberto. A poluição sonora era outro problema expressivo, consequência do intenso tráfego de veículos, trens e aviões. A área alagadiça era predominante em meio às fazendas de arroz, e existiam algumas indústrias mais ao sul do bairro, onde também se localizam a maior parte das casas e vilas. A vila dos Ferroviários se destacava como sendo a de melhores condições sociais em comparação a outras vilas. Em 1973 iniciaram alguns processos de remoção de malocas da vila Teodora, onde as famílias, de acordo com a prefeitura, seriam estabelecidas na Restinga.

*Aterramento e surgimento de um novo espaço, de 1976 a 1987:* Em meados da década de 1970 começaram os processos de aterramento de uma área alagadiça, em que o lixo da cidade foi utilizado como material para o aterro. As vilas sofreram um importante aumento populacional: a vila Teodora apresentava cerca de 500 malocas. Em 1982 após a finalização do aterro de parte do bairro, foi criado o Parque Marechal Mascarenhas de Moraes.

*A luta pela emancipação de 1988 a 1995:* Em 1988 foi criado oficialmente o bairro Humaitá, mas ao mesmo tempo iniciou-se uma mobilização da comunidade pela emancipação do bairro da cidade de Porto Alegre. O abandono da prefeitura com o bairro, a falta de infra-estrutura e investimentos juntamente com a quantidade de indústrias existentes no local, foram motivos para a população iniciar um processo de separação da cidade, e almejar tornar-se um novo município. As principais demandas da população do bairro eram: melhorias no transporte e acesso ao bairro, canalização do “valão dos mosquitos” (corpo hídrico que recebia os esgotos domésticos), e um tratamento e melhoria do banhado que surgiu no parque, pois este era visto pela comunidade como um fator negativo. Apesar das discussões e manifestos encaminhados à Câmara de Vereadores, o projeto de emancipação não saiu do papel.

*Os delineamentos de um bairro de 1996 a 2005:* Nesta década o bairro teve um crescimento populacional bastante significativo, principalmente pelas invasões aos muitos prédios que foram construídos. No processo de loteamento iniciado em 1982 as construções foram financiadas por projeto habitacional público em parceria com a Caixa Econômica Federal, o que tornava as moradias bastante acessíveis. Muitas pessoas compraram apartamentos, mas não os habitavam, como consequência, prédios inteiros foram ocupados irregularmente a partir dessas invasões. Outro fator de aumento populacional foi o crescimento das vilas populares. Em 2001, a prefeitura começou a avaliar a possibilidade de construção do sambódromo no bairro, já que este apresentava vários locais disponíveis. Esse fato foi motivo de muitas manifestações dos moradores, pois alegavam a grande desvalorização do bairro com a instalação dessa pista de eventos. O sambódromo foi construído em outro bairro da cidade, mas um fato marcante foi o envolvimento da população para defender seu espaço de algo que lhes parecia prejudicial.

*O domínio imobiliário de 2006 a 2009:* Atentos aos espaços disponíveis na cidade, várias empresas do setor imobiliário viram no Humaitá a possibilidade de criação de um novo bairro. Iniciou-se um processo de compra de grandes áreas no bairro e a promoção de um conceito para um espaço novo, chamado pelos agentes de Novo Humaitá. Ao mesmo tempo foi definida a construção de um complexo de entretenimento em uma grande área do bairro. Esses anúncios promoveram grande valorização imobiliária do bairro e, esse efeito, estimulou vários proprietários de imóveis a realizarem reformas e investimentos, principalmente nos condomínios de apartamentos existentes no centro do bairro.

JTANA	ZERO HORA
<b>CARNAVAL</b> <i>Relator da Câmara define área</i>	
<b>Sambódromo deve ser no Humaitá</b>	
A nova pista de eventos de Porto Alegre deve ser instalada junto à Avenida A.J. Renner, no bairro Humaitá.	área foi cotada como a de melhores condições, apesar de que problemas com saneamento e com solo pudessem aumentar os custos do projeto.
<b>Boom imobiliário no Bairro Humaitá</b>	<b>Habitação</b> Serão construídos 70 prédios em quatro anos na zona norte da Capital
O Bairro Humaitá já ocupa o segundo lugar em velocidade de vendas de unidades residenciais de categoria econômica em Porto Alegre, na faixa de R\$ 50 mil a R\$ 150 mil, perdendo apenas para o Partenon. A informação é do núcleo de Inteligência de Mercado da Companhia Província de Crédito Imobiliário, de acordo com o qual diversos empreendedores investiram ali, no ano passado, cerca de R\$ 40 milhões. A Companhia Província projeta que, com os novos empreendimentos, o bairro terá um incremento populacional de 15% nos próximos anos.	<b>Rossi lança conjunto residencial no Humaitá</b>
	A Rossi Engenharia deu a largada ontem no projeto de revitalização do bairro Humaitá, em Porto Alegre. construir o viaduto Leonel Brizola, que fará a ligação da Terceira Perimetral com a BR-290 (freeway). – Mediante esse investimento da

**Figura 2.19:** Algumas notícias que foram utilizadas na pesquisa. Datas respectivamente: 12/06/2001; 13/01/2008 ;29/06/2007 Fonte Zero Hora.

## 2.5 A evolução da legislação urbana na regulação do espaço de Porto Alegre

Assim como é importante compreender a formação urbana de Porto Alegre e, conseqüentemente, do bairro Humaitá, considera-se fundamental conhecer a evolução da lei municipal que regulou esse processo: o Plano Diretor Municipal. Os planos diretores recentes são consequência de uma lei federal, o Estatuto da Cidade.

O Estatuto da Cidade é o documento que determinou o conteúdo mínimo do Plano Diretor e estabeleceu normas para sua elaboração, entre as quais se destaca a necessidade de participação da população na sua elaboração e definição dos objetivos a serem cumpridos pela propriedade urbana e pela cidade, no cumprimento de sua função social. O Estatuto da Cidade é uma lei federal que diz como deve ser feita a política urbana em todo o país. Seu objetivo é garantir o direito à cidade para todos e, para isso, traz algumas regras de organização territorial dos municípios. É ele que detalha e desenvolve os artigos 182 e 183 do capítulo de política urbana da Constituição Federal (Lei Federal nº 10.257/2001).

Essa lei federal determina que o Plano Diretor seja obrigatório para municípios com população igual ou superior a 20 mil habitantes; integrantes de regiões metropolitanas; turísticos ou que tenham grandes obras que prejudiquem o meio ambiente ou que mudem muito a região, como aeroportos, rodovias, barragens ou hidrelétricas, enfim empreendimentos ou atividades com significativo impacto ambiental (CARVALHO, 2006).

Tal lei pretende definir como regular a propriedade urbana de modo que os negócios que a envolvem não constituam obstáculo ao direito à moradia para a maior parte da população, visando, com isso, combater a segregação, a exclusão territorial, a cidade desumana, desigual e ambientalmente predatória (MARICATO, 2010).

Segundo Villaça (1999, p.188,) o “conceito de planejamento ou de plano diretor não existia no Brasil nem no século passado, nem no início deste”, a expressão plano diretor foi utilizada pela primeira vez no plano Agache<sup>9</sup>, do Rio de Janeiro, elaborado em 1930. A evolução do planejamento urbano no Brasil caminhou com as faculdades de arquitetura e urbanismo, e também pelas pressões exercidas pelas entidades de classe de engenheiros civis e arquitetos para a elaboração de planos diretores.

O plano diretor é o instrumento privilegiado de tratamento do solo urbano, questão central para a política de desenvolvimento urbano (CARVALHO, 2006). Segundo a definição adotada, o plano diretor deve ser um instrumento que orienta todas as ações concretas de intervenção sobre o território, independentemente do fato dessas ações serem levadas a cabo pelos indivíduos, pelas empresas, pelo setor público ou por qualquer outro tipo de agente (SABOYA, 2007).

---

<sup>9</sup> Alfred Agache.

Villaça (1999) cita que os planos tradicionais costumavam abranger não apenas os aspectos físico-territoriais, mas também aspectos econômicos, sociais, etc. Segundo o autor, isso era mais uma estratégia das classes dominantes para desmoralizar o plano diretor, que por tentar abranger tudo acabava não funcionando para nada. Esse ponto, entretanto, é polêmico. Muitos autores defendem a necessidade de que o plano não se limite aos aspectos físico-territoriais, para que as possibilidades de intervenção na realidade não fiquem prejudicadas (SOUZA, 2003).

O crescimento populacional de Porto Alegre exigiu melhor organização da cidade e, então, com a criação dos primeiros bairros da capital, as áreas da cidade passaram a ter denominação própria, sendo que até a década de 1950 a divisão era feita por “distritos”. De acordo com informações da Secretaria de Planejamento Municipal de Porto Alegre, o primeiro bairro criado em Porto Alegre foi o Medianeira, em 23 de julho de 1957.

Muito antes do surgimento dos bairros na capital, existiram outras tentativas de organizar o crescimento da cidade. A primeira delas foi com o arquiteto João Moreira Maciel em 1914, propondo o "Plano Geral de Melhoramentos", que se caracterizava por um plano com objetivos viários. Após, em 1935/37, com estudos realizados por Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Farias, com o plano Gladosch, que dava continuidade ao enfoque viário de Maciel. Também foram estes urbanistas que planejaram o sistema de radiais e perimetrais para a cidade.

Em 1938, o urbanista Arnaldo Gladosch foi contratado para elaborar um Plano Diretor para Porto Alegre. Um ano depois, foi criado o Conselho do Plano Diretor (que atua até os dias de hoje), para o qual o arquiteto apresentava suas idéias. O chamado Plano Gladosch, embora já destacasse a necessidade do "zoneamento" da cidade, resultou numa proposta essencialmente viária. Três estudos chegaram a ser apresentados, mas não foi ainda desta vez que a capital gaúcha passou a contar com um Plano Diretor.

Outro passo importante foi dado em 1942, quando Edvaldo Paiva deu início à elaboração do chamado "Expediente Urbano de Porto Alegre", que resultou numa completa radiografia da cidade. Cerca de 10 anos mais tarde, Paiva e Demétrio Ribeiro organizaram um anteprojeto de planificação que foi inovador para a época, pois fixava normas a serem seguidas pelas quatro funções urbanas: habitação, trabalho, lazer e circulação. Pela primeira vez houve preocupação em sugerir um esquema de zoneamento onde as áreas residenciais eram divididas em unidades de habitação e onde constavam as áreas industriais e comerciais.

Embora transformado em lei no dia 30 de dezembro de 1959 (Lei 2.046), o Plano acabou sendo alterado pela Lei 2.330, de 1961, quando entrou em vigor. Com o passar dos anos, a legislação urbanística foi sendo estendida para outras áreas do município. Foram criadas, desta forma, as extensões A (em 1964, pelo Decreto nº 2872); Extensão B (em 1967, pelo Decreto nº 3487); Extensão C (em 1972, pelo Decreto nº 4552) e Extensão D (em 1975, pelo Decreto nº 5162).

O chamado 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1º PDDU) entrou em vigor em 21 de julho de 1979. Nele todo o conjunto de normas, até então esparsas no âmbito do município, foi consolidado em um único texto legal. Também pela primeira vez o planejamento atingiu toda a área municipal, se definindo as zonas, urbana e rural, com a primeira sendo dividida em partes de uso intensivo e extensivo. Também como novidade, o 1º PDDU introduziu, ainda que de forma bastante restrita, a participação comunitária no processo de planejamento.

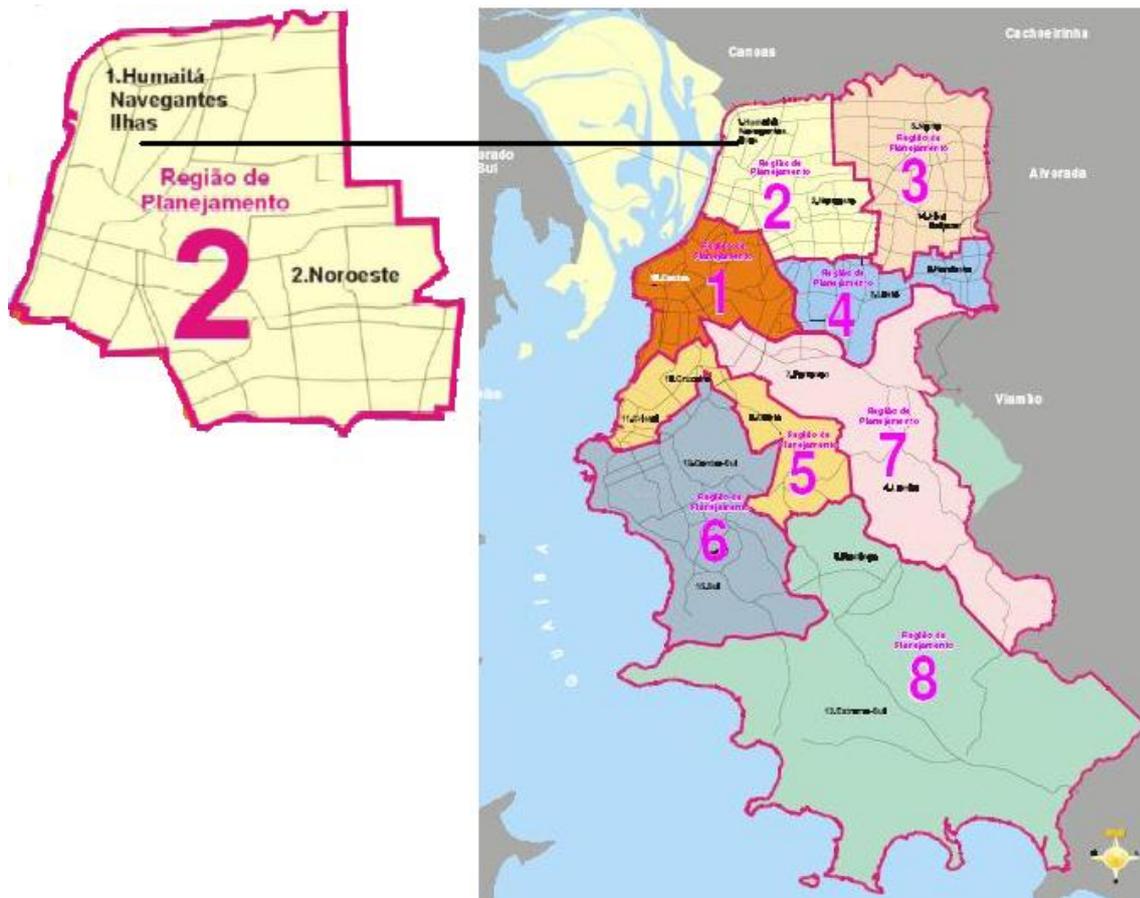
O 1º PDDU permaneceu em vigor por 20 anos. Neste período, pela falta de atualizações periódicas, acabou ocorrendo um distanciamento entre algumas de suas propostas e a realidade da cidade.

A sanção do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), em 1º de dezembro de 1999, se deu num momento em que a cidade, em termos de planejamento urbano, vivia um momento ímpar. Em julho do mesmo ano o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1º PDDU) havia completado 20 anos de aplicação, enquanto que, no dia 30 de dezembro, o Plano Diretor de 1979 (Lei 2.330), que foi o primeiro que a cidade passou a contar, completou 40 anos de sua aprovação. Por uma coincidência histórica os três planos diretores da Capital acabaram sendo aprovados em períodos de 20 anos. Sendo assim a cidade de Porto Alegre tem tradição em planejamento urbano, constituindo-se na primeira capital do país a contar com Plano Diretor.

O PDDUA de 1999 encontra-se dividido em quatro partes. A primeira trata do desenvolvimento urbano e ambiental, onde estão inseridas sete estratégias, que são os caminhos que o município deve seguir para promover o desenvolvimento da capital gaúcha. Engloba os artigos 1º aos 32<sup>10</sup>. A segunda do Sistema de Planejamento introduz questões importantes, como a participação da comunidade. Nela ainda estão previstos instrumentos urbanísticos, como o Solo Criado e a criação de Áreas Especiais, que buscam fazer com que seja cumprida a função social da propriedade. A cidade está dividida em oito Regiões de Gestão do Planejamento e nelas serão abordados os chamados “Planos de Ação Regional” (**Figura 2.20**). Assim para cada uma das oito regiões são estabelecidos planos focados, a região dois é a que abrange o bairro Humaitá. Engloba os artigos 33 a 92.

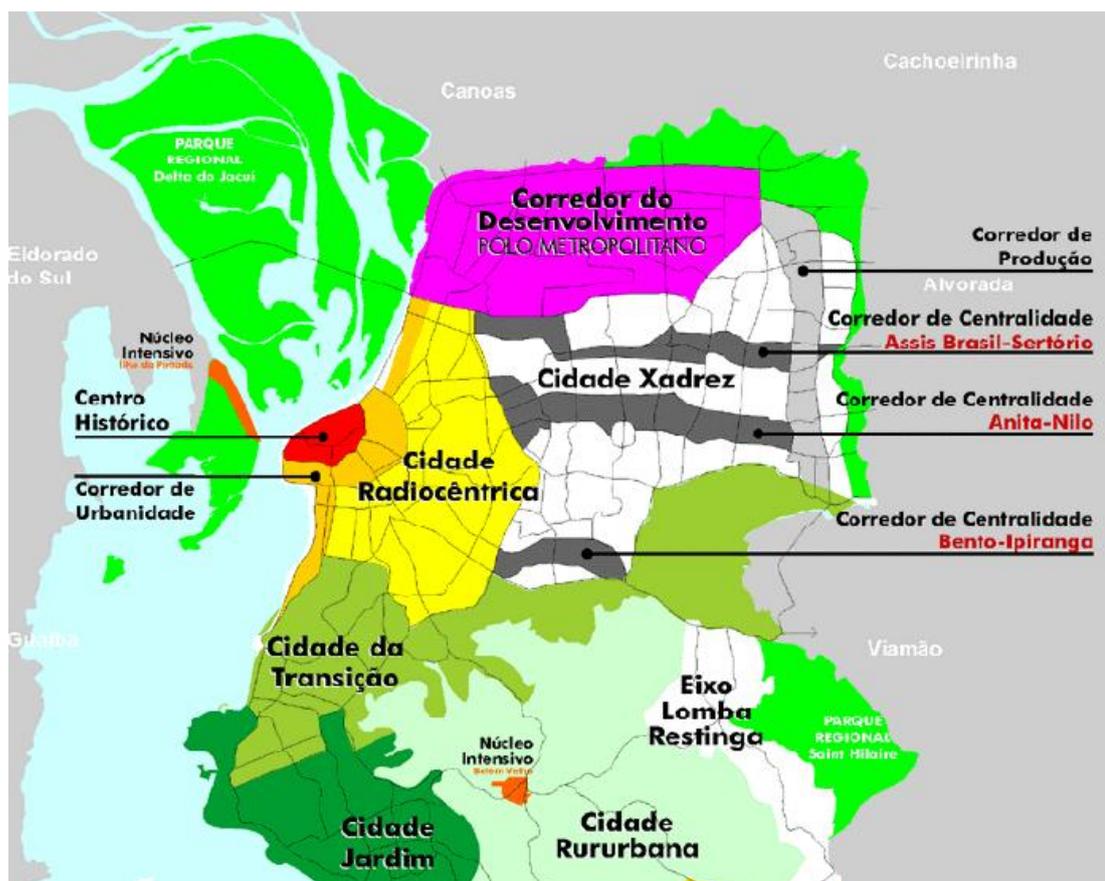
---

<sup>10</sup> I - Estratégia de Estruturação Urbana; II - Estratégia de Mobilidade Urbana; III - Estratégia de Uso do Solo Privado; IV - Estratégia de Qualificação Ambiental; V - Estratégia de Promoção Econômica; VI - Estratégia de Produção da Cidade; VII - Estratégia do Sistema de Planejamento.



**Figura 2.20:** Mapa das Regiões de Gestão de Planejamento. Fonte: PDDUA (1999).

A terceira parte apresenta o Plano Regulador que define as regras com vistas a organizar a paisagem da cidade, construída ou não. Esse conjunto chama-se Regime Urbanístico. Engloba os artigos 93 a 158. No modelo para Porto Alegre a cidade divide-se em duas partes: Área de ocupação intensiva e Área de ocupação rarefeita. Para apresentar as diferentes características de Porto Alegre foi organizado o mapa das macrozonas (**Figura 2.21**) onde se pode observar que o bairro Humaitá está classificado como Corredor de Desenvolvimento (Pólo Metropolitano). Neste corredor são previstas obras e expansão urbana através de projetos sustentáveis.



**Figura 2.21:** Macrozonas, metade centro-norte da cidade. Fonte: PDDUA, 1999.

E a quarta e última parte apresenta as disposições finais e transitórias, orientações sobre os vários procedimentos e prazos que a Prefeitura precisa atender com vistas à aplicação da lei. Engloba os artigos 159 a 169. Além disso, se a cidade já tem Plano Diretor, mas ele tem mais de 10 anos, o Estatuto também determina que ele deva ser revisto ou feito um novo plano. Sendo assim, depois de dois anos de tramitação na Câmara de Vereadores foi aprovada a Lei Complementar nº 646 e sancionada pelo prefeito municipal no dia 22 de julho de 2010. Essa lei altera e inclui dispositivos, figuras e anexos na Lei Complementar nº 434, de 1º de dezembro de 1999 – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (PDDUA) e alterações posteriores (Diário Oficial de Porto Alegre, 2010).

Entre as principais alterações está a Área Livre Vegetável, onde as novas construções deverão deixar áreas vegetáveis como medida para impedir a impermeabilização total do solo, também quanto ao modelo volumétrico que interfere na altura dos prédios de acordo com cada região da cidade. Esse modelo impõe para o bairro Humaitá que as construções tenham o limite máximo de 52 metros de altura.



## Capítulo 3

### Caracterização socioambiental do Bairro Humaitá

O espaço urbano do bairro Humaitá é um misto de atividades, comunidades, ambientes e relações. Para explicar todo esse misto identificado na pesquisa, foi dedicado todo esse capítulo para apresentar um retrato socioambiental do importante e diverso bairro.

A caracterização do bairro Humaitá foi analisada nesta pesquisa, considerando o período de 2006 ao ano de 2010. As principais contribuições para esse capítulo são provenientes da atividade de observação participante e das entrevistas aplicadas aos moradores, mas também de algumas bibliografias como o Atlas Ambiental de Porto Alegre de 2006 e Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre de 2008, que apresentam as características físicas da cidade, dados do IBGE, observatório da metrópole e FEE.

Para o entendimento do ambiente do Humaitá, uma primeira parte deste capítulo apresenta os recursos naturais e uma análise sobre a situação desses recursos. Em seguida, analisam-se as relações sociais da comunidade do bairro, com base, principalmente, nos conceitos de segregação residencial urbana. Ainda neste subitem são apresentadas as interferências do mercado imobiliário sobre a relação dos moradores com o seu bairro.

Trabalhar a questão ambiental em meio urbano requer o entendimento da realidade instalada, e o conhecimento da percepção dos moradores desse local. Para isso, durante todo o capítulo é apresentado alguns resultados e análise da percepção ambiental dos moradores, com base nas entrevistas. A **Figura 3.1** que abre esse capítulo apresenta uma imagem aérea do bairro, de uma perspectiva norte para sul, e que tem como principal objetivo, despertar a percepção quanto as características do espaço estudado.



**Figura 3.1:** Humaitá 2008. Fonte: Gilberto Simon, Porto Imagem.

## **3.1 Recursos Naturais e Situação Ambiental**

O Humaitá abrange um trecho da orla norte de Porto Alegre, mais precisamente na área onde será o complexo arena, e essa é caracterizada por ser intensamente ocupada e quanto ao aspecto natural pode-se considerar como um local antropizado e agredido ambientalmente.

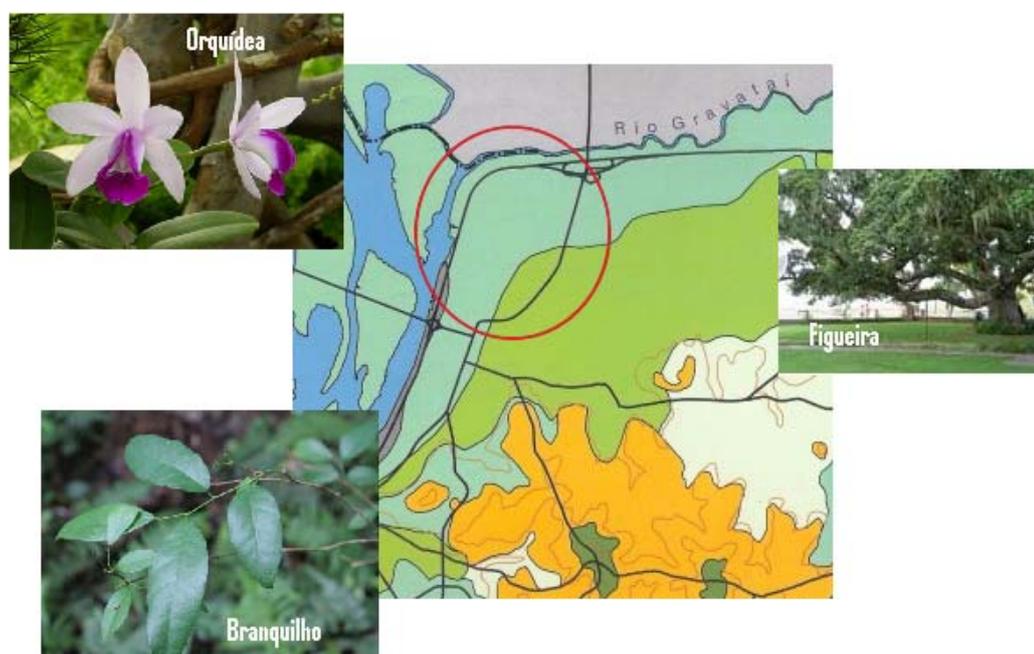
### **3.1.1 Vegetação e clima**

As cidades estão se tornando espaços cada vez menos possuidores de recursos naturais e, esses, quando existentes, muitas vezes estão fragilizados. Exemplo disso pode ser a contaminação dos corpos d'água ou a poluição atmosférica. Porém, o bairro Humaitá apresenta algumas particularidades em relação ao restante da cidade, pois mesmo tendo passado por um processo de impactos negativos na construção de parte dele, através do aterramento de áreas alagadiças, alguns elementos naturais, como a vegetação, apresentam uma importante representatividade hoje no bairro e o diferencia de outros lugares do meio urbano.

Durante a entrevista com os moradores do bairro, o recurso natural mais citado nas falas foi a vegetação, tanto relacionada ao parque quanto aos demais espaços verdes do bairro. Entre os entrevistados, 90% declararam que não imaginam o bairro sem o parque, e 70% disseram que o que mais gostam no bairro são os espaços verdes. Por isso a vegetação iniciará as discussões sobre os recursos naturais do bairro.

Para conhecer a vegetação existente atualmente no bairro, recorreu-se à pesquisa de Porto e Menegat (2006). Ali, mostra-se a vegetação de tempos atrás, mais precisamente, antes do aterramento de parte do Humaitá. Os autores desenvolveram um mapa que apresenta a vegetação natural potencial com a reconstituição da vegetação que possivelmente existiu em Porto Alegre no século XVII. Em um recorte desse mapa, como é possível analisar na **Figura 3.2**, a área do bairro Humaitá caracterizava-se por ter uma vegetação de mata/floresta aluvial, que é representada na figura pela grande mancha verde claro predominante dentro do bairro. Essas florestas dominaram as margens dos pequenos cursos d'água e da extensa área plana dos terraços aluviais do lago Guaíba e do rio Gravataí.

Dentre as principais espécies vegetais, as florestas aluviais apresentam o branquilha, o chorrão, o ingá e as orquídeas. A pequena mancha verde forte bem a sudeste do bairro é chamada de Mata com Figueiras, floresta ombrófila densa de terras baixas que faz contato com a floresta aluvial. Além das figueiras, ocorrem, árvores de pequeno porte, como cactáceas, jerivás e butiás.



**Figura 3.2:** Vegetação Natural potencial. Fonte: Porto e Menegat (2006), organização de Danielle P. Martins

Em outro mapa elaborado pelos mesmos autores, esse com a vegetação natural atual, a área do bairro Humaitá quase não apresenta dados. Consegue-se apenas observar pequenos pontos de juncal, macrófitos flutuantes e mata aluvial, mas em função das pequenas dimensões não é possível representá-los como figura. As espécies mais frequentes são as salvinias (*salvinia sp*), os repolhos-d'água (*Pistia stratiotes*), os aguapés (*Eicchornia spp*), juncos (*Cyperus spp. e Scirpus spp*) e gramíneas altas.

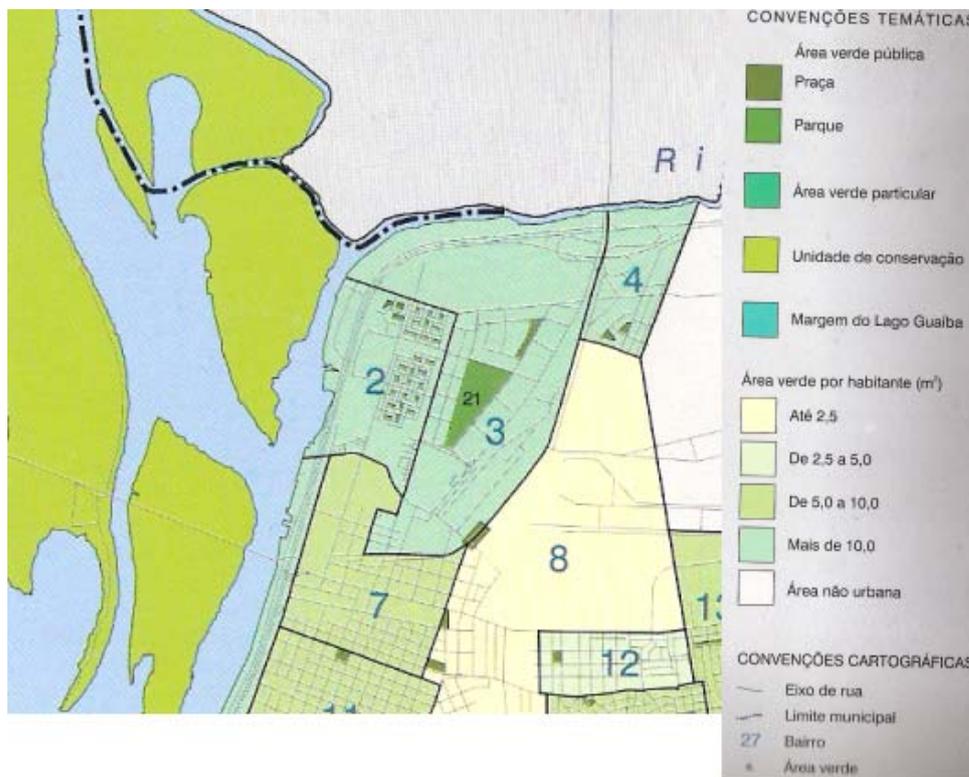
O bairro Humaitá possui uma área de relevante importância ambiental, principalmente pela vegetação existente no parque Mascarenhas de Moraes (**Figura 3.3**), localizado bem no centro do bairro. Mas as áreas verdes do bairro não se restringem somente ao parque, existem

faixas verdes significativas, como pode-se observar na **Figura 3.4**. Ali, está apresentada a disponibilidade de área verde por habitante na área do bairro.



**Figura 3.3:** Parque Marechal Mascarenhas de Moraes. Fonte; Danielle P. Martins (04/2010).

Analisando os dados da figura 3.4, percebe-se que o bairro Humaitá é bastante privilegiado, pois apresenta mais de  $10 \text{ m}^2$  de área verde por habitante, sendo uma das áreas do norte da cidade que mais concentra espaços verdes. Na mesma figura, o bairro Humaitá está identificado pelo número 3, o parque com a referência 21 e percebe-se também a presença de duas praças.



**Figura 3.4:** Áreas verdes disponíveis. Fonte: Lüdke *et al* (2006).

A presença de áreas verdes nas cidades exerce importante influência sobre o clima urbano. Para entender e fazer as relações dessa vegetação disponível na área de estudo com a questão do clima, utilizou-se um mapa de clima urbano, onde se identificam setores com

climas de superfícies edificadas e não edificadas. Também observa-se a variação do calor na área do bairro (**Figura 3.5**).

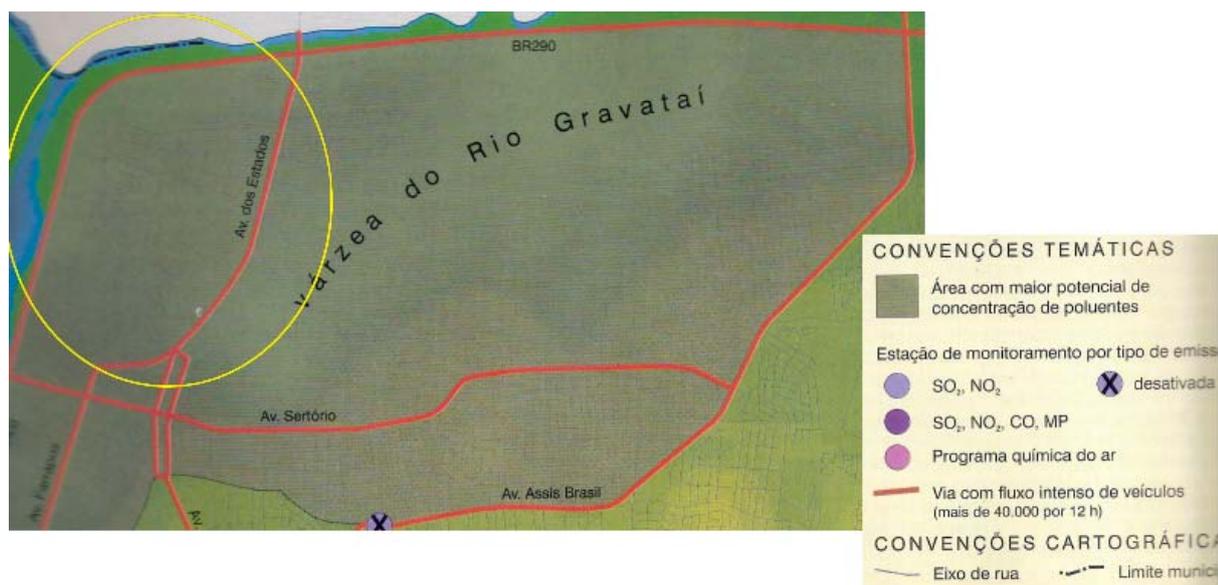
De acordo com essa figura, observa-se que o clima da parte mais ao norte do bairro corresponde ao clima de superfície não arborizada, representada pela mancha verde na imagem. Essa parte do bairro possui poucas construções e caracteriza-se por uma grande área de campo.

Quando se observa o clima das áreas edificadas, a categoria predominante no bairro é a de médio acréscimo de calor. Esse dado relaciona-se com a grande quantidade de áreas verdes disponíveis, colaborando no controle de temperatura desse espaço. Porém o setor leste do Humaitá está bastante comprometido, pois se limita com um local de qualidade do ar comprometida e uma área de forte acréscimo de calor. Essa área pode ser observada na figura 3.5 que está representada pela cor rosa mais forte. Nesse local é formado um cânion de calor que é proveniente de áreas mais centrais da cidade. O favorecimento desse aumento de calor dá pela passagem por locais que não possuem cobertura vegetal e ainda está bastante impermeabilizado, como é o caso da BR 116 com alto tráfego de veículos.



**Figura 3.5:** Clima urbano. Fonte: Hasenack *et al* (2006).

A região norte de Porto Alegre que inclui o bairro Humaitá, possui alto potencial de acumulação de poluentes porque, além de ter um trânsito de veículos muito intenso, localiza-se na várzea do Gravataí. Essa depressão permite a acumulação do ar frio noturno, gerador de inversões térmicas de radiações ou de superfície, que são fenômenos indutores de forte estabilidade atmosférica, a qual por sua vez, possibilita a acumulação de poluentes, principalmente aqueles emitidos no período noturno (LIVI *et al*;2006). Na **Figura 3.6** é possível observar toda a área norte e a abrangência do potencial de concentração de poluentes.



**Figura 3.6:** Potencial atmosférico por emissões veiculares. Fonte: Livi *et al* (2006).

### 3.1.2 Recursos Hídricos

O município de Porto Alegre tem 27 sub-bacias hidrográficas. De acordo com o Atlas Ambiental de Porto Alegre, o bairro Humaitá está 100% inserido na sub-bacia Humaitá, que se encontra 100% inserida na cidade. Esta tem área de 5,43km<sup>2</sup> e uma densidade populacional de 4.340 hab/km<sup>2</sup>, totalizando sua população em 23.624, pois abrange os bairros Humaitá e Farrapos.

O rio Gravataí é o corpo hídrico mais importante que se faz presente no Humaitá. Também, existem outros cursos d'água no bairro, como por exemplo, os que fluem dentro de uma propriedade particular (Habitassul), como é possível visualizar na **Figura 3.7**. Outro está dentro do parque Mascarenhas de Moraes **Figura 3.8**. Esses cursos fluviais estão bastante poluídos: resíduos sólidos flutuando nas águas e lançamento de esgotos, foram os principais poluentes observados. Os arroios da região norte de Porto Alegre, estão na sua maior parte canalizados, e aqueles que drenam parte do Humaitá, vertem suas águas para o norte, desembocando no rio Gravataí.



**Figura 3.7:** Arroio urbano em propriedade particular. Fonte: Danielle P.Martins (2009 e 2010).



**Figura 3.8:** Arroio dentro do Parque. Fonte: Danielle P. Martins (2009 e 2010).

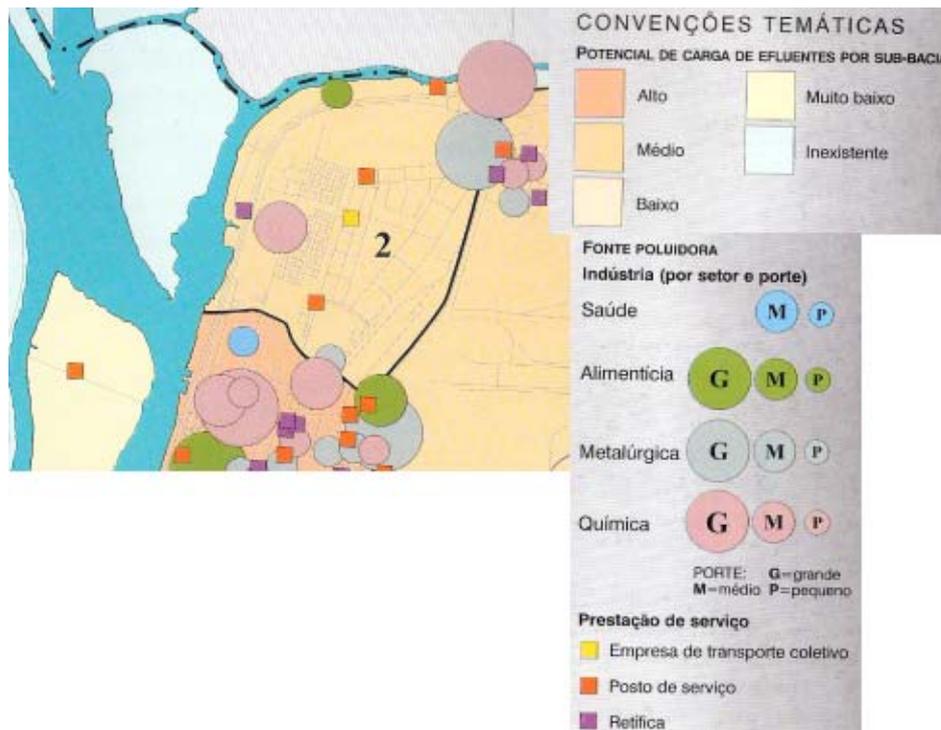
O arroio que cruza o parque é motivo de reclamação de muitos moradores, principalmente daqueles que moram nos prédios próximos. Em períodos de verão e estiagem, o cheiro e a enorme quantidade de insetos, são os maiores motivos de reclamação dos moradores entrevistados: 40% deles afirmaram que o principal problema ambiental do bairro é a existência de grande quantidade de mosquitos. Muitos em suas falas apontam que esses mosquitos se proliferam em função dos corpos d'água contaminados e, principalmente, pela área alagadiça do parque (banhado) **Figura 3.9**.



**Figura 3.9:** Área alagadiça dentro do Parque. Fonte: Danielle P. Martins (2009 e 2010).

Como dito anteriormente no capítulo 2 dessa dissertação, essa área alagadiça surgiu depois de alguns anos do aterramento de parte do bairro. As águas acumuladas possibilitaram a adaptação das espécies nativas que tiveram seu habitat natural substituído por uma grande quantidade de resíduos e logo em seguida, por uma urbanização, com a instalação do loteamento. De acordo com alguns fatores, supõe-se que a água dessa área alagadiça possui problemas quanto a sua qualidade. Dentre os fatores que podem influenciar na contaminação do banhado, pode-se citar como principal, a influência do choro proveniente da quantidade de resíduos depositados no antigo aterro. As áreas de banhado existente no parque são no formato de uma bacia, e estão localizadas bem no centro da área do bairro que foi aterrada. Considera-se que essa área recebe a percolação dos contaminantes líquidos provenientes dos resíduos depositados.

O potencial de poluição por efluentes é mais um fator contribuinte para a degradação dos recursos hídricos. Apesar do norte da cidade ser conhecido por ser uma região industrial, e do bairro Humaitá ter previsto esse tipo de atividade, atualmente não existem muitas indústrias em funcionamento. De acordo com a imagem da **Figura 3.10** extraída do mapa de potencial poluição por efluentes, observam-se a presença do setor metalúrgico e químico como os mais representativos no bairro. O potencial de carga de efluentes na sub-bacia é classificado como médio o que pode ser considerado como relevante, tendo em vista que essa parte da cidade faz parte da várzea do rio Gravataí.



**Figura 3.10:** Potencial poluição efluentes. Fonte: Lima *et al* (2006).

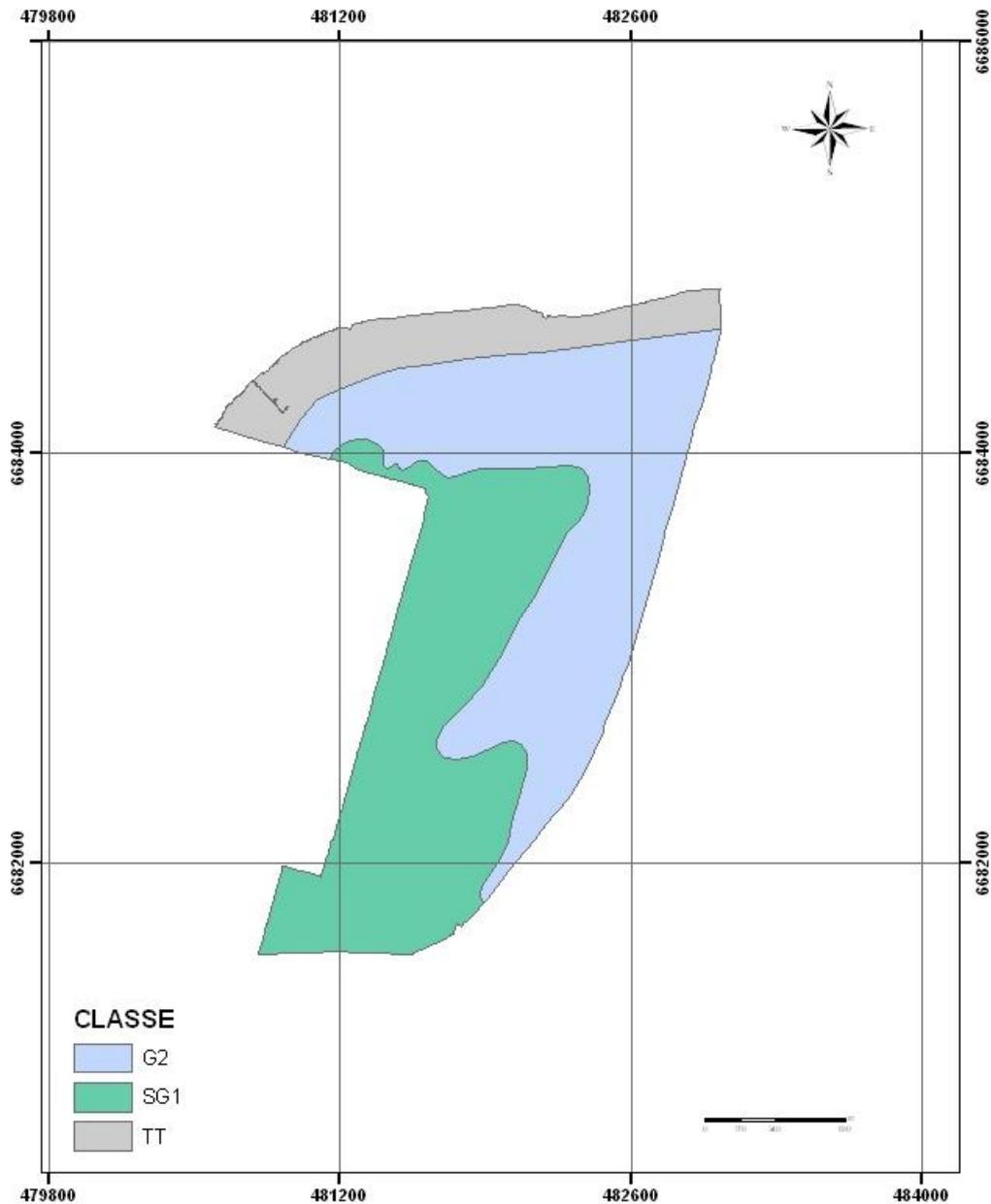
### 3.1.3 Solos, Uso e Ocupação do solo

O conhecimento do solo da área de estudo é fundamental para explicar algumas permissões para o seu uso. Porém, a forma do uso e ocupação através de seus equipamentos urbanos existentes, as manchas verdes e todas as formas de uso, são dados que contribuirão para o entendimento da ordenação do espaço urbano. Para elaborar o mapa de classes de uso e ocupação, foram utilizados os dados do Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre (DAPA), coordenado por Hasenack e publicado em 2008.

Para conhecer as características físicas do solo do Humaitá, a partir da classificação disponível no DAPA, construiu-se um mapa, que é exposto na **Figura 3.11**. Nesta figura objetiva-se apresentar as unidades do solo do bairro estudado. São identificados três tipos: classe G2, SG1 e TT.

A classe G2 é a associação de Gleissolos, Planossolos e Tipos de Terreno. Essas classes são de planícies aluviais e lagunares que tiveram parte de sua área alterada pela ação humana, caracterizando os tipos de terreno. A classe SG1 é associação de planossolos

hidromórficos, gleissolos háplicos e plintossolos argilúvicos, que tem ocorrência também em planícies aluviais e lagunares com microrelevo. E a classe TT, áreas que foram fortemente alteradas pela ação humana, decapagem, terraplanagem e aterros dos mais diversos tipos (entulhos de construção, lixo, resíduos industriais).



**Figura 3.11:** Mapa das unidades taxonômicas de solo do Bairro Humaitá. Organização Danielle Paula Martins. Fonte: Hasenack, Heinrich et al (coord). Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre: Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2008.

Como características esses solos apresentam: uma grande variabilidade espacial, estrutura alterada pela compactação, aeração e drenagem reduzida e presença de contaminantes, sendo áreas que exigem estudos detalhados e específicos. Mas salienta-se que não somente a faixa ao norte do bairro é composta por aterro, mas cerca de 140 hectares da área central do bairro sofreu processo de aterramento com aterro sanitário. Considera-se então que a classificação de TT que foi assumida do diagnóstico caracteriza a faixa marginal norte

do bairro existente em função de ser uma área somente de aterro, sendo assim um faixa artificial.

As características mais marcantes das áreas onde se assentam os solos do Humaitá são: altitude baixa, relevo plano e más condições de drenagem. Essas características tornam a área do bairro suscetível à ocorrência de inundações frequentes. A presença de argila mole nos solos torna-se uma limitação a obras de engenharia. Os alagamentos frequentes dessas áreas são outra limitação para a ocupação humana. Geotecnicamente esses solos caracterizados de hidromórficos, possuem baixa aptidão à ocupação, como é mais bem explicado adiante.

Nessas unidades de solo existe uma série de limitações quanto à implantação de edificações: nível da água próximo da superfície ou aflorando, necessidade de aterro para elevação da cota da obra acima da cota de inundação, solos com baixa capacidade de suporte, necessidade de fundações profundas para assentar edificações.

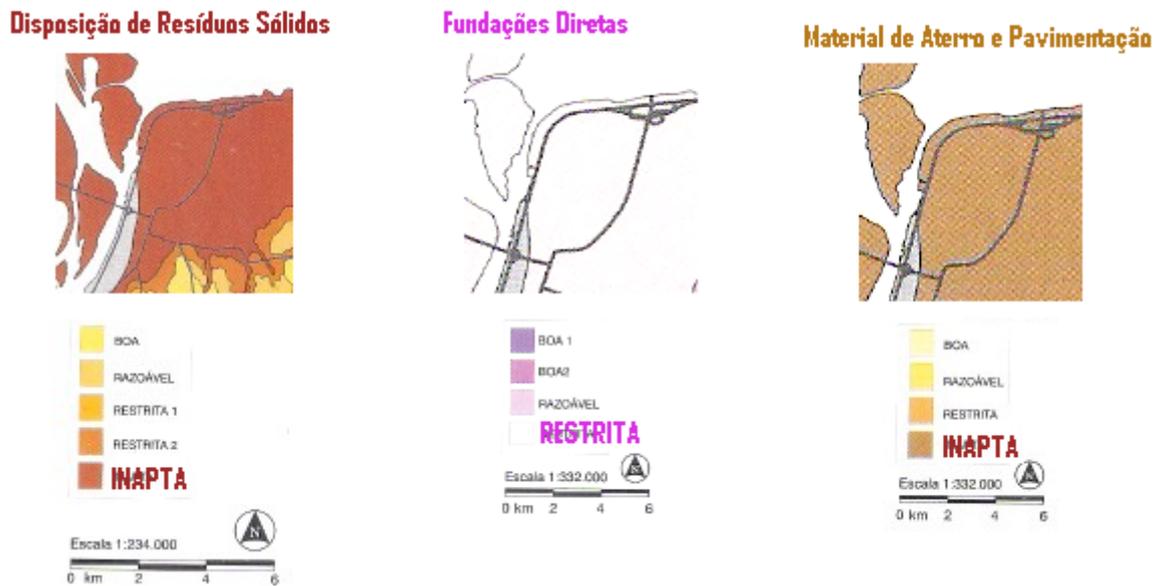
Comparando a classe de solo G2 e SG1, de acordo com o diagnóstico, a classe G2 foi a que mais sofreu alterações e impactos antrópicos, e nesta classe percebe-se uma menor concentração residencial, industrial. Tem-se a predominância de campo nesta área, provavelmente por serem espécies rasteiras, pois não sofrem influência direta do subsolo. Os projetos residenciais que serão implantados nos próximos cinco anos serão construídos sobre essa classe G2, o que exige maior atenção em relação à contaminação e estabilidade das construções.

De acordo com Chanan in Menegat (2006) o solo do Humaitá é uma área de baixa vulnerabilidade à ocupação urbana quanto a declividades, pois essas são inferiores a 6%, isso significa que pelas baixas declividades, a ocupação é favorecida. Quanto às aptidões que esse solo possui, foram analisados alguns tipos como: disposição de resíduos sólidos, fundações diretas e material de aterro/pavimentação (**Figura 3.12**).

No mapa de disposição de resíduos sólidos, criado por Bastos *et al* in Menegat (2006), a finalidade é estimar a adequação das unidades de solo quanto ao suporte de resíduos urbanos sólidos e líquido. Como já foi apresentada, a área do bairro Humaitá é classificada como inapta devido aos solos mal drenados em terreno sujeito a inundações frequentes. Mas o principal apontamento é em relação ao nível do lençol freático, pois esse é próximo a superfície na maior parte do ano, portanto apresenta risco maior de contaminação. Ao analisar o processo de aterramento ocorrido no bairro, o dado apresentado acima aponta o tamanho do impacto ambiental provocado a esse ambiente.

Em relação às fundações diretas, segunda imagem da **Figura 3.12**, os autores consideram a área do bairro como Restrita, pois são solos com variável capacidade de carga compressível ou com nível do lençol freático muito próximo da superfície. São necessárias fundações profundas. A imagem intitulada material de aterro e pavimentação tem como objetivo estimar a adequação das unidades de solos quanto à sua utilização como jazida de material para aterro e obras de pavimentação. A área do bairro Humaitá é classificada como

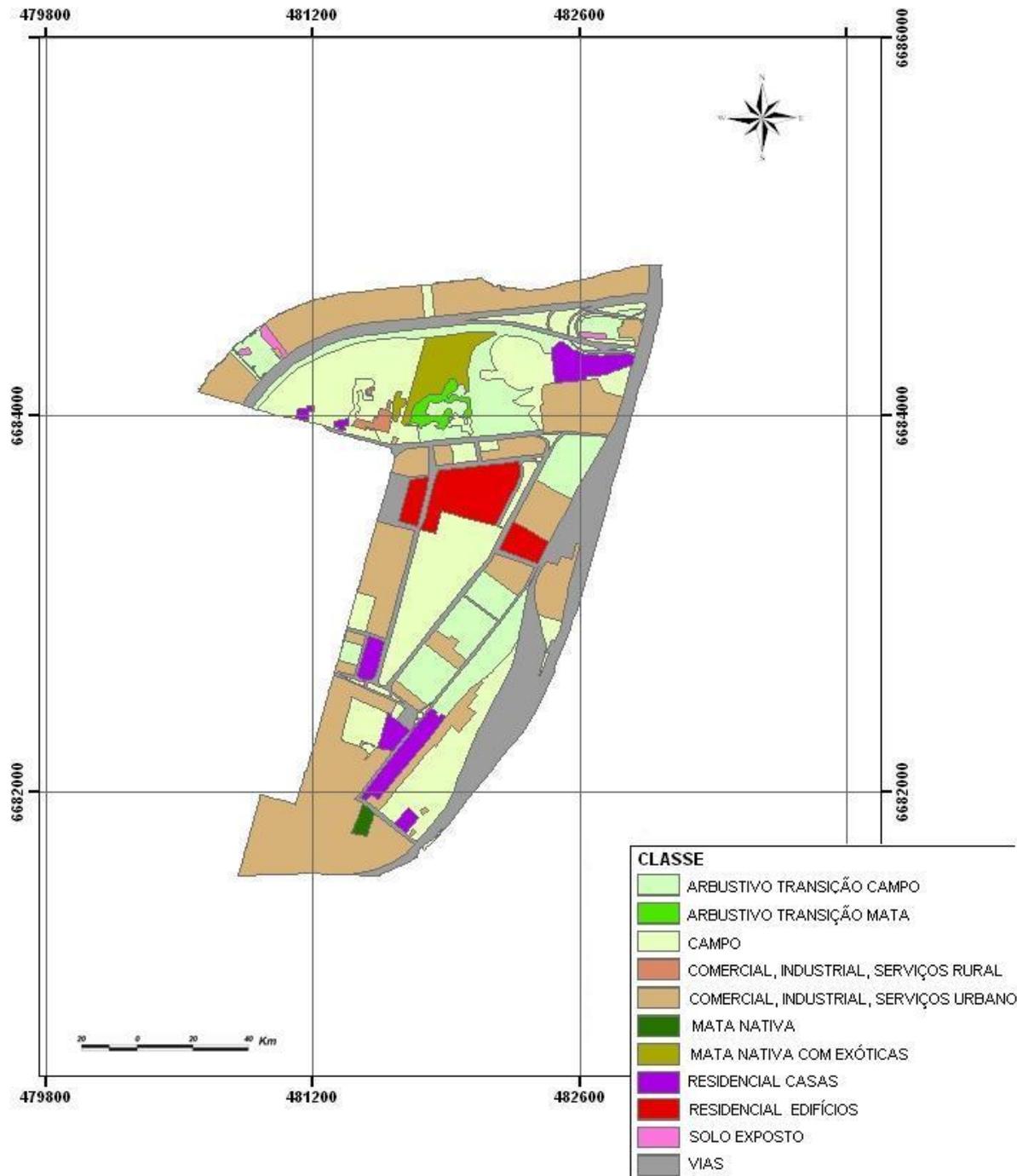
inapta nesse aspecto, pois apresenta solos mal drenados, plásticos, com baixa capacidade de compactação.



**Figura 3.12:** Aptidão do solo do bairro Humaitá. Fonte: Adaptado de Bastos *et al* (2006).

Quanto aos usos e ocupação do solo, de acordo com o mapa do bairro Humaitá (Figura 3.13), é possível visualizar a espacialidade da vegetação que foi mencionada no primeiro item dos recursos naturais disponíveis. Juntamente com o mapa está uma tabela que foi desenvolvida a partir desse mapa, onde são apresentadas em percentuais todas as classes de uso e ocupação do solo. Foram somadas as áreas verdes disponíveis no bairro, identificou-se que 40,92% da área total do bairro apresenta algum tipo de vegetação, fato que comprova o dado apresentado anteriormente, onde a disponibilidade de áreas verdes é de mais de 10,0m<sup>2</sup> de área verde por habitante. A baixa predominância de mata nativa dá-se em função do processo de aterramento que o bairro como um todo sofreu. Muitas espécies plantadas pelos moradores não conseguem se desenvolver devido à camada rasa de terra sobre o aterro. As raízes das árvores encontram a camada de resíduos depositados no terreno, principalmente plásticos, o que dificulta a sobrevivência dessas plantas.

As vias, mesmo não sendo recurso natural, exercem influência, pois quando contabilizadas representam um percentual de solo de 19,85% e isso se dá em função das importantes rodovias existentes, pela localização do bairro, entrada da cidade, e também pelas vias largas que foram planejadas, na concepção de um bairro moderno e de fácil mobilidade.



**Figura 3.13:** Mapa das classes de uso, ocupação e vegetação do Bairro Humaitá. Organização Danielle Paula Martins. Fonte: Hasenack, Heinrich et al (coord). Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre: Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2008.

Analisando os elementos urbanos, fica evidente a predominância de serviços comerciais e industriais, e o baixo adensamento urbano. O predomínio dessas categorias permite caracterizar o bairro como misto, entre residencial e industrial. Apesar de o bairro pertencer a uma cidade metropolitana, pode-se considerar que a representatividade da classe residencial é bastante baixa. A representatividade da classe residencial é de 8% no bairro. A classe industrial e comercial tem um percentual alto, cerca de 30% da área do bairro é caracterizada desta forma. Mas esse cenário tende a se modificar, tendo em vista os projetos

que serão implantados nos próximos cinco anos. Na tabela é possível conhecer os percentuais de todas as classes e entender melhor o uso e a ocupação do solo do bairro como um todo.

CLASSE	ha	% da área
Arbustivo transição campo	59	14
Arbustivo transição mata	3,1	1,3
Campo	98	23
Comercial,Industrial, serv. rural	1,51	0,3
Comercial,Industrial, serv. urbano	130	30,7
Mata Nativa	1,1	0,2
Mata Nativa com exóticas	10	2,3
Residencial casas	15,9	3,5
Residencial edifícios	19	4,4
Solo Exposto	1,4	0,3
Vias	84	19,8
<b>Humaitá</b>	<b>423</b>	<b>100</b>

**Tabela 3.1.** Classes de uso e vegetação com suas representações no bairro em área e %. Elaborado por Danielle P. Martins.

### 3.1.4 Fauna

Porto in Menegat (2006), apresenta no mapa dos biótipos naturais potenciais a área do Humaitá, e a classificação dada é um misto de floresta e banhado. Os banhados são complexos vegetacionais que apresentam diferentes fases sucessionais da passagem dos vegetais de áreas mais úmidas para terrenos um pouco mais secos. Esses locais são propícios para abrigar a fauna cuja base alimentar depende de ambientes com água, como roedores (rato-do-banhado), capivara, aves e répteis. Dentre alguns outros animais que podem ser encontrados: bem-te-vi, biguá, marreca-piadeira, maçarico-do-banhado, quero-quero, borboleta, garça-branca-grande, galinhola. Na **Figura 3.14** são apresentadas duas aves que são observadas com muita frequência no bairro, os maçaricos-do-banhado e a garça-branca.



**Figura 3.14:** Maçaricos e Garças no alagadiço do Parque. Fonte: Danielle P. Martins (julho/2010).

Os moradores entrevistados relataram que essas duas espécies de aves estão diminuindo no bairro, ou seja, avistam-se menos exemplares atualmente em comparação com tempos passados. A fala de algumas moradoras ilustra essa percepção: “tinha bem mais aves há anos atrás, havia vezes que não dava para ver os troncos secos dos eucaliptos, ficavam todos branquinhos. E esses pássaros pretos de bico meio laranja também se viam mais” (Fátima, moradora, 67 anos). “Muitas pessoas vêm aqui tirar fotos das aves porque não há outro lugar dentro da cidade que abriga essa riqueza: é tão bonito!” (Sonia, moradora, 74 anos). “A gente vê que tem os pequeninhos (filhotes) e depois de um tempo eles já estão grandes, mas eu acho que havia mais garças antes” (Marta, moradora, 55 anos).

Spier (2006) informa que houve um projeto de Educação Ambiental, onde foi realizado um estudo de avifauna de áreas úmidas no Parque Mascarenhas de Moraes, e em apenas 25 horas de observação, foram identificadas 38 espécies na área.

### 3.2 Processos espaciais urbanos e dinâmica imobiliária

No capítulo dois foi mencionado que a área onde o bairro Humaitá está localizado faz parte de uma macrozona da cidade denominada de Corredor de Desenvolvimento, denominação existente no plano diretor da cidade, que prevê uma série de critérios de expansão urbana diferenciados de outras macrozonas da cidade.

Como é possível observar na **Figura 3.15**, o Corredor de Desenvolvimento abrange quase que a totalidade da região norte da cidade, e a várzea do rio Gravataí, fazendo divisa com os municípios de Cachoeirinha e Canoas, sendo que esse último limita-se com o bairro Humaitá. Essa macrozona tem a marcante presença de elementos de mobilidade urbana, rodovias, trens, aeroporto da cidade, contato a oeste com o lago Guaíba, importante meio de transporte hídrico e a ponte do Guaíba.



**Figura 3.15:** Corredor de Desenvolvimento de Porto Alegre. Fonte: Menegat (2006).

A denominação de Corredor de Desenvolvimento deve-se aos critérios de potencialidades dessa região para se tornar, graças a sua localização, um pólo de importância regional. A disponibilidade de grandes vazios urbanos para empreendimentos econômicos sustentáveis é uma possibilidade para o desenvolvimento da região, de acordo com os objetivos desenvolvimentistas do plano.

Dentro da classificação urbana, a qual se enquadra o Humaitá, existe o Grupo de Trabalho 4º Distrito, que foi criada na Secretaria de Planejamento Municipal por solicitação da própria comunidade. O objetivo é de formular diretrizes, projetos e programas que contribuam para qualificar o espaço urbano de forma ordenada e planejada, buscando o desenvolvimento sustentável da região e melhoria da qualidade de vida. Essas ações deverão ter caráter público e privado. A área de atuação desse grupo engloba o ponto da estação rodoviária, seguindo pela Rua Voluntários da Pátria, um eixo estruturador com grande potencial de renovação, até o bairro Humaitá, onde se localizará a arena do Grêmio.

### **3.2.1 O Humaitá e Porto Alegre: Relações sociais e segregação urbana**

O bairro Humaitá quando analisado sobre a ótica da legislação municipal e as perspectivas da cidade para essa área, parece se reduzir a apenas uma área industrial, com o foco de crescimento urbano já totalmente delimitado. Mas essa pesquisa tem por objetivo apresentar um bairro que transcende sua configuração industrial e comercial, possui relações sociais muito fortes, uma comunidade atuante, e distintas características.

“A primeira impressão ao chegar ao bairro Humaitá é que este está separado da cidade de Porto Alegre” (Fábio, 34 anos, morador). Esse foi o comentário de um entrevistado do bairro ao ser perguntado sobre o que ele nota que as pessoas de outros bairros acham do Humaitá. A resposta remete um distanciamento existente entre a v área com os demais bairros

do município. A questão 28 da entrevista (Anexo A.2.) tinha por principal objetivo analisar a reação dos moradores ao descreverem o que ouvem de pessoas de outros lugares da cidade a respeito do seu bairro. Mas depois de algumas entrevistas, esse objetivo passou a agregar também o desejo de identificar a partir das respostas, quais características do bairro eram responsáveis por distanciar o bairro do restante da cidade.

Em 70% das respostas referente à questão 28, a questão de violência apareceu como principal percepção da cidade sobre o Humaitá. Isso significa que os moradores do bairro ouvem de pessoas de outros bairros que o Humaitá é bastante violento. Também 60% das respostas apontaram que outra percepção dos moradores da capital em relação ao Humaitá é de que ele é uma vila. Cabe salientar que não foram entrevistadas pessoas de outros bairros, apenas moradores do Humaitá. Um dado bastante relevante é que em nenhuma das 44 respostas desta questão, houve alguma característica positiva citada. Essas duas características, violência e vila, que são percepções da cidade em relação ao bairro, segundo os moradores entrevistados, que em geral os moradores do bairro não gostam, e que muitos desconhecem ser características do local que moram, sendo muitas vezes fruto de noticiários injustos. Isso demonstra um relativo apego pelos moradores ao local de moradia, pois apesar das dificuldades, observam muito mais fatores positivos que negativos, ao descrever seu bairro.

Para identificar as características do bairro eram responsáveis por distanciar o bairro do restante da cidade, foram analisados vários elementos além das respostas da questão 28. Percebeu-se que os fatores violência e ser visto como vila não era suficientes para promover o distanciamento da cidade em relação ao Humaitá, mesmo essas características sendo suficientemente fortes. Os resultados da observação identificaram um elemento físico como um dos grandes responsável pelo distanciamento, sendo este a linha de circulação de trens urbanos que contorna todo o lado leste e sul do bairro. A linha de trens possui uma estrutura de concreto e pode-se considerar bastante impactante visualmente, e conseqüentemente um elemento físico de descontinuidade da rede urbana **Figura 3.16**.



**Figura 3.16:** Linha de trens e estrutura que contorna o Humaitá. Fonte: Danielle P. Martins (abril/2010).

A partir de um rápido entendimento da relação da Porto Alegre e Humaitá, a pesquisa se direciona para analisar as relações internas do Humaitá. Essas relações começam a ser

apresentadas a partir do período de tempo de residência dos entrevistados, pois se constatou que esse dado influencia os diferentes espaços existentes dentro do bairro, e assim podem-se conhecer os processos espaciais urbanos.

Dentre os 44 entrevistados, 68 % residem no Humaitá de 15 a 30 anos, 2% há mais de 30 anos, e apenas 18% reside há menos de 5 anos no bairro e 80% destes são proprietários de sua moradia. Dos proprietários, 55% antes de ter posse de suas casas, moravam de aluguel no bairro e 30% passou a morar no bairro após comprar o imóvel. A relação dos dados apresentados com a identificação de espaços diferenciados no bairro é percebida, pois, dos 68% que residem no bairro de 15 a 30 anos, 90% destes estão concentrados em um local do bairro.

Os processos espaciais que melhor explicam os espaços urbanos e a cidade propriamente dita são: a centralização, a descentralização, a coesão, a segregação, a invasão-sucessão e a inércia (CORREIA, 1997). Antes de representar as concentrações que foram identificadas no bairro, é necessário entender as diferenças de cada processo.

Para melhor distinguir esses processos, tem-se que na centralização ocorre a concentração das principais atividades comerciais e serviços em uma área central, tornando essa área bastante valorizada. Dentro do bairro não se nota uma área com as características à centralização, pois as atividades comerciais e serviços estão presentes em vários pontos do bairro.

A descentralização surgiu mais recentemente como forma de descontinuar essa centralização de uma área, tornando atrativas outras áreas da cidade. Com a coesão percebe-se a existência de gerar conjuntos de atividades espacialmente coesas, como exemplo lojas do mesmo tipo que se aglomeram em uma mesma parcela da cidade. A invasão-sucessão está relacionada à questão residencial, um processo que foi proposto pela escola de Ecologia Humana e que caracteriza, por exemplo, bairros que são habitados por uma classe social durante um período, e a partir de certo tempo observam-se invasão de outra classe social, inferior a classe ocupada no bairro. Já a inércia aparece como a cristalização de certos usos da terra (CORREA; 1997).

Destes processos o que se destaca por ser característico da expansão urbana do Humaitá é o processo de segregação urbana. Correa (2005) apresenta que esse conceito aparece com a Escola de Chicago, com Robert Park e depois com Mckenzie. No texto “O âmbito da Ecologia Humana”, Mckenzie (2005), referencia a segregação como a concentração de tipos diferentes de população dentro de uma comunidade, onde cada área segregada resulta da atuação de uma combinação de forças, onde um atributo de seleção o caracteriza por dominante ou não. Vignoli (2000) complementa que se trata da instalação de determinados grupos sociais em parcelas específicas da cidade e da tendência de evitar a mescla social nas subunidades territoriais.

O ponto de partida para identificação dos subgrupos segregados dentro do grupo Humaitá foi a relação; tempo de moradia e localização. Em seguida as respostas do

questionamento sobre o que menos gosta no Humaitá, também foram levadas em consideração, pois surgiram apontamentos relacionados a grupos existentes em determinadas áreas do bairro. Nesta questão (15 da entrevista) 45 % dos entrevistados disseram que as vilas são o que menos gostam do seu bairro. Dos moradores que informaram essa resposta, 40 % moram em um mesmo segmento do bairro, os condomínios de apartamentos próximo do parque.

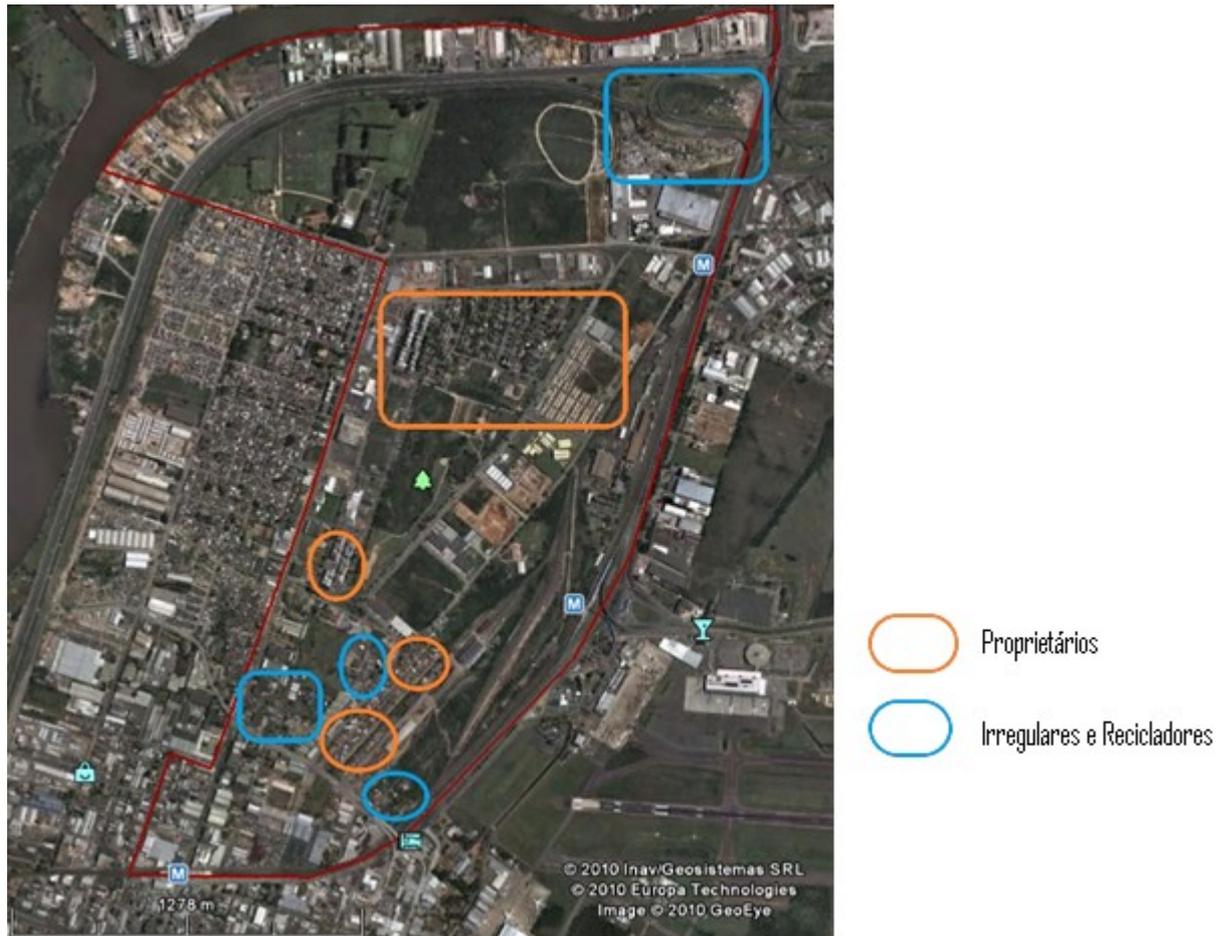
Mas o instrumento que melhor contribuiu para a identificação da existência da segregação residencial foi a notícia da figura 1.4 que é apresentada no capítulo 1 que foi mostrada aos entrevistados, que teve por objetivo, incentivar a discussão sobre a questão violência no bairro. Durante a fala dos entrevistados sobre essa figura, descobriu-se que parte dos moradores do bairro, que estão localizados mais ao centro do bairro, próxima do parque, não reconhecem certos grupos como pertencentes ao mesmo bairro. Isso significa que os moradores que estão mais as margens do bairro são muitas vezes chamadas de vilas durante a entrevista, e não são identificados como parte do bairro Humaitá..

Para identificar os grupos segregados do bairro, foi criada uma relação das respostas das questões 10 e 15, as respostas obtidas a partir da notícia apresentada aos moradores e a identificação do tipo de residência dos entrevistados. Outras questões que surgiram durante as conversas com os moradores foram pertinentes para a construção de um esquema da segregação residencial existente no bairro. Para melhor espacializar esse processo de segregação, foram delimitadas áreas sobre o mapa do bairro de acordo com as análises realizadas, como pode ser mais bem analisada na **Figura 3.17**.

Foram identificados dois grupos principais no Humaitá, esses grupos estão em algumas partes do bairro, mas com limites estabelecidos. Na figura 3.17 os dois grupos estão representados pelas cores, azul e laranja. O grupo laranja possui maior representatividade no bairro, sendo esse caracterizado por serem; proprietários de imóveis de 1 a 3 quartos, o grau de instrução varia de ensino médio completo e superior, as famílias possuem de dois a três filhos, a renda familiar em geral é proveniente de trabalho com carteira assinada, e contratos.

O grupo azul é composto por pessoas que se dizem donas de suas residências, porem não possui documentação de propriedade, o grau de instrução é baixo, 25 % são analfabetas (da amostra dos entrevistados), as famílias possuem de dois a cinco filhos e as atividades de geração de renda familiar estão ligadas a resíduos recicláveis.

Durante as entrevistas, grande parte dos moradores que são pertencentes ao grupo azul, não reconhece os moradores mais ao sul do bairro, dizem que não fazem parte do Humaitá. Poder-se-ia ainda criar uma subcategoria, onde o grande grupo laranja do centro do bairro seria classificado como única, pois se percebeu neste local, a maior atuação de forças segregativas. Isso significa dizer que esse subgrupo é o que apresenta maior resistência em produzir a mescla social.



**Figura 3.17:** Focos de segregação residencial urbana no Bairro Humaitá. Fonte: Danielle P. Martins sobre imagem Google.

Para finalizar a discussão sobre a segregação identificada no bairro, cabe salientar que o fato de o grupo laranja localizado no centro do bairro e citado como mais resistente, possui uma veiculação histórica promotora desse processo. O fato de essas residências terem surgido após o aterramento e serem provenientes do mesmo processo de parcelamento de solo, fez surgir características comuns. As pessoas residentes neste local passaram por um mesmo processo de aquisição dos seus imóveis, e em geral atuavam em categorias de trabalho semelhantes, e talvez por esses motivos, os laços sociais criados se tornaram bastante fortes.

Mas mesmo com a identificação dos grupos geradores do processo de segregação residencial, e esse processo ser um efeito urbano negativo, as relações do Humaitá possuem características próprias. A atmosfera de local interiorano é bastante presente no bairro, os moradores deram continuidade aos costumes de seus locais de origem, de cidades pequenas para o Humaitá, 65% são naturais de cidades do interior do Rio Grande do Sul. Mesmo nos grupos de maior rotatividade de moradores, como é o caso das famílias do grupo azul, esses apresentam receptividade aos vizinhos, estão envolvidos em trabalhos da igreja, das escolas.

Na questão 14, que se refere ao que mais gosta no bairro Humaitá, são os recursos naturais, como o parque e a fauna, que aparecem em primeiro lugar, e consecutivamente estão as relações de vizinhança e comunidade. A palavra vizinhança amiga aparece em 90% das respostas, fato que para um bairro de capital metropolitana é bastante relevante. As atividades

de comunidade como; igreja, associações, grupos de atividades físicas, escola, é presente na vida de 65% dos entrevistados.

O anúncio da instalação de novos projetos no bairro foi motivo da produção de um efeito urbano no Humaitá: a super valorização dos imóveis através da ação de especulação imobiliária. Nos últimos quatro anos, os imóveis residenciais valorizaram-se no mínimo em 100%. Esse dado é confirmado quando os moradores foram questionados sobre a percepção de valorização dos imóveis. Todos foram unânimes em apontar aumento de preço dos empreendimentos imobiliários no bairro. Prova da influência dos novos empreendimentos no súbito aumento das moradias, são os anúncios de venda dos imóveis, como é possível perceber na **Figura 3.18**. Os novos empreendimentos são apresentados como marketing de venda<sup>1</sup>.

#### Apartamento 2 Dormitórios

**BAIRRO:** PARQUE HUMAITÁ  
**DORMITÓRIOS:** 02 DORMITÓRIOS  
**VALOR:** R\$ 95.000,00  
**CODIGO:** IMS41A2

##### DESCRIÇÃO DO LOCAL E CONDOMÍNIO:

- PRÓXIMO VIADUTO LEONEL BRIZOLA
- PRÓXIMO FUTURA ARENA GREMIO
- ÔNIBUS/LOTAÇÃO A PORTA
- RUA PLANA E ARBORIZADA PRÓXIMO A PRAÇAS
- SUPERMERCADO LOCAL E REDE MAXX PRÓXIMOS
- PRÓXIMO A GRANDES EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS EXECUTADOS POR CONSTRUTORAS GRANDES(MRV/ROSSI)
- FÁCIL ACESSO DE IDA E VINDA PARA CANOAS(GUILHERME SCHELL)
- REGIÃO EM CRESCENTE DESENVOLVIMENTO IMOBILIÁRIO PRÓXIMO AO AEROPORTO SALGADO FILHO.

##### ÓTIMO APARTAMENTO DIFERENCIADO, ENSOLARADO, FINO ACABAMENTO EM ÓTIMO ESTADO E PRONTO PARA MORAR

O apartamento possui hall social, living p/2ambientes com piso em laminado. (Está decorado com vidros e molduras nas paredes do living.) Cozinha mobiliado, área de serviço montada e decorada. Circulação para os dormitórios, possuindo um espaço aonde o proprietário atual colocou um armário suspenso, preenchendo espaço de origem ocioso.

Banheiro Social mobiliado com circulação e 2 dormitórios bem iluminados (casal com ar condicionado). (piso parque)

Vale a pena marcar uma visita para visitaçao ao imóvel, pois este é um imóvel diferenciado e com preço muito bom.

#### Sobrado em condomínio fechado 2 Dormitórios

**TIPO:** CASA SOBRADO  
**BAIRRO:** PARQUE HUMAITÁ  
**RUA:** JOSÉ ALOÍSIO FILHO, 889 – CEP 90250-180  
**DORMITÓRIOS:** 02 DORMITÓRIOS  
**VALOR:** R\$ 124.000,00  
**CODIGO:** IMS23S2

##### CARACTERÍSTICAS DO LOCAL E CONDOMÍNIO:

Localizado em zona de grande e crescente especulação imobiliária a Av. José Aloisio filho, caracteriza-se por ser uma rua plana, arborizada, com praças, área verde preservada, com ônibus e lotação à praça, próxima ao Aeroporto Salgado filho, 15min de carro até o centro de Porto Alegre, comércio local ativo(Supermercado de rede particular e Rede Maxx) e próximo ao futuro Completo da Área do Grêmio Futebol Porto Alegre e fácil acesso tanto para a zona sul da capital, quanto para a zona norte assim como às saídas da cidade. O Condomínio Residencial Tulipas possui 6 anos de constituição, possuindo 147 casas sendo sobrados de 2 dorm, 3 dorm e sobrado triplex de 3 dorm. O Condomínio possui segurança 24 horas, salão de festas, play ground, piscina adulto e infantil, sala de jogos, fitness, quadra de jogos. O Custo aproximado de condomínio está R\$ 150,00. Os sobrados possuem hidrômetros individualizados o que torna o pagamento do consumo da água mais justo, destinando a cada morador o valor efetivamente gasto de água sem rateio por unidade.

**SOBRADO ÓTIMO E EM ÓTIMO ESTADO COM UM NOVO CONCEITO DE MORAR EM CONDOMÍNIO FECHADO**

**Figura 3.18:** Anúncios de venda de imóveis no bairro Humaitá.Fonte: Danielle P. Martins

## 3.3 Impactos no Bairro Humaitá

Os impactos ambientais negativos do Humaitá podem ser agregados em dois grupos principais: impactos históricos e impactos atuais. Os impactos históricos estão ligados à criação do bairro e abrangem principalmente o processo de aterramento a que parte do bairro foi submetida. A extinção do ecossistema alagadiço é um processo irreversível, principalmente pelo tipo de aterramento utilizado: os depósitos de lixo urbano. As **Figura 3.19**; **Figura 3.20** e na **Figura 3.21** mostram as camadas compactadas de resíduos e a pequena camada de solo que separa esse material da superfície. As imagens correspondem ao período de escavação do solo para iniciar as fundações de futuros prédios do bairro.

<sup>1</sup> Esse tema será melhor discutido no capítulo 4, quando abordar-se-á as relações dos novos empreendimentos com os moradores do bairro Humaitá.



**Figura 3.19:** Solo revirado de área alterada do bairro. Fonte: Danielle P. Martins (agosto/2009).



**Figura 3.20:** Resíduos sólidos do aterro. Fonte: Autor não quis ser revelado.



**Figura 3.21:** Camadas de resíduos sólidos compactados. Fonte: Autor não quis ser revelado.

Seguindo os apontamentos dos impactos ambientais negativos históricos, o mal escoamento das águas pluviais aparece como um importante aspecto para a proliferação dos mosquitos no bairro. Em muitos pontos do bairro, logo após um curto período de chuvas, é possível encontrar áreas ainda alagadas. A imagem da **Figura 3.22** foi fotografada, depois de passados cinco dias da última chuva no bairro. A infra-estrutura de drenagem (micro e macro drenagem) não dá conta do escoamento das águas da chuva.



**Figura 3.22:** Água parada nas ruas do bairro. Fonte: Danielle P. Martins (julho/2009).

A poluição dos recursos hídricos inseridos nas abrangências do bairro, **Figura 3.23**, é uma amostra do descaso de moradores e autoridades com os corpos d'água. Como já foi

apresentada a situação dos recursos hídricos no início deste capítulo, as discussões deste ponto serão a cerca da questão do esgoto sanitário e resíduos sólidos que estão diretamente ligados à poluição desse recurso.

Dentre os entrevistados, 85% declararam não saber se seus esgotos possuem algum tipo de tratamento. Esse dado mostra que os moradores parecem não buscar informação sobre o destino dos dejetos ou, talvez, não lhes interessa saber a respeito disso. Também pode ser que a informação não está sendo bem veiculada à população por parte do órgão responsável pelo esgotamento sanitário do bairro.



**Figura 3.23:** Corpo de água contaminado, em meio a uma propriedade privada no bairro Humaitá. Fonte: Danielle Paula Martins

Porém, o bairro Humaitá abriga uma estação de tratamento de esgotos, **Figura 3.24**, que foi inaugurada no ano 2000, recebe esgotos provindos de oito bairros da cidade, com uma capacidade de tratar 444 litros de esgoto por segundo. A ETE desenvolve atividades de Educação Ambiental para escolas, como por exemplo, visitas guiadas e orientação sobre o tratamento do esgoto.



**Figura 3.24:** ETE São João/Navegantes. Fonte: Google. Visitas de escolas à ETE São João/Navegantes. Fonte: Gustavo Franke Conceição, 08/2010

De acordo com o observatório de Porto Alegre <sup>2</sup>, com base nos dados do IBGE (2000), no bairro Humaitá, o percentual de domicílios que possuem esgotamento sanitário adequado situa-se entre 90,7% a 100%, percentual considerado dos melhores para a cidade de Porto Alegre. Os resíduos sólidos além de contaminar os recursos hídricos do bairro, também estão presentes em grande parte dos terrenos baldios do bairro (**Figuras 3.25**). Muitos moradores relataram que esses resíduos, na sua grande maioria, são provenientes da atividade dos recicladores, que fazem a separação do lixo nos lotes. Algumas pessoas perceberam que alguns resíduos são trazidos de outros bairros e depositados ilegalmente nessas áreas, por não ser tão visíveis. Em várias das saídas a campo no bairro, observaram-se pontos de queima de lixo.



**Figuras 3.25:** Lixo depositado em terreno baldio no bairro Humaitá. Resíduos queimados em terreno baldio. Fonte: Danielle P. Martins (setembro/2009; julho/2010)

<sup>2</sup> O Observatório de Porto Alegre é um órgão que apresenta mapas, indicadores da cidade de Porto Alegre com base nas informações do IBGE.

Esses locais, denominados pelo poder público de vazios urbanos, não são apenas atraentes para o depósito e queima de resíduos, mas também servem de ponto de encontro para usuários de drogas, contribuindo para aumentar os índices de violência no bairro

A questão da separação dos resíduos nas residências parece ser mais bem tratada do que àquela que acontece nas ruas do bairro. Um significativo percentual de entrevistados, 85%, disse saber que existe a separação dos resíduos no Humaitá. Os que declararam separar os resíduos em sua residência totalizaram 65% dos entrevistados. Desses, 15% possuem ensino médio completo, 35% ensino superior e 40% utilizam os resíduos como elemento gerador de renda familiar. A partir desses dados percebe-se a relação existente entre a separação do lixo e o grau de instrução dos moradores. Aqueles com menor nível educacional levam o lixo para as usinas de reciclagem e com isso complementam a sua renda familiar. Os moradores mais instruídos preocupam-se mais com a questão da separação do lixo domiciliar do que os com menor nível educacional

São desenvolvidas algumas ações comunitárias no bairro para estimular a separação dos resíduos e o recolhimento para correta destinação. A Igreja Católica situada próximo do parque possui um grupo que lidera a coleta de óleo de cozinha no bairro. A Escola Técnica Santo Inácio (**Figura 3.26**), tem disponível um local para recolhimento de garrafas pets, papel e outros plásticos. Algumas escolas municipais também incentivam o recolhimento dos resíduos que posteriormente são vendidos, ou doados a famílias do bairro.



**Figura 3.26:** Imagem da Escola Santo Inácio. Fonte: Escola Santo Inácio (s/data). Local de depósito dos resíduos recolhidos. Fonte: Escola Santo Inácio (s/data).



## Capítulo 4

### As transformações de um espaço, o novo Humaitá

Este capítulo tem por objetivo apresentar os principais projetos e obras previstos no bairro Humaitá para os próximos anos, mais precisamente até o ano de 2014. As análises levaram em consideração esse ano tendo em vista que o Brasil sediará a Copa do Mundo de Futebol e como Porto Alegre será uma das cidades sedes, todas as modificações projetadas para a cidade estão sendo pensadas para estarem finalizadas para o evento.

Nos últimos anos, o homem tem participado como agente acelerador dos processos modificadores e de desequilíbrio da paisagem (GUERRA e CUNHA; 1996). As reflexões deste capítulo partem desta colocação, pois em toda essa dissertação são apresentadas interferências humanas no espaço estudado. Os projetos que serão apresentados nesse capítulo consistem em uma das principais descaracterizações da paisagem no Humaitá. A antropização do ambiente a partir da conclusão das obras planejadas deverá ser responsável por uma perda de identidade social do bairro.

Sabe-se que é impossível prever o futuro, mas com base em todos os projetos que já foram aprovados para o Humaitá e, principalmente, após a investigação realizada para conhecer a identidade do bairro, pode-se prever algumas transformações e seus efeitos.

A região tem sido alvo de grandes obras, tanto em infraestrutura (Conduto Forçado Álvaro Chaves) como em habitação (Projeto Integrado Entrada da Cidade - Pic) e estruturação viária como o Viaduto Leonel Brizola (**Figura 4.1**). Um projeto para conexão do anel viário da futura BR 448, chamada de Rodovia do Parque, com a BR 290, a Free-Way também está previsto. A **Figura 4.2** ilustra e localiza os projetos previstos, assim como apresenta algumas das obras do mercado imobiliário no setor residencial, de lazer e entretenimento.



**Figura 4.1:** Viaduto Leonel Brizola. Foto: Luciano Lanes / PMPA, 28/07/2007.



**Figura 4.2:** Localização dos principais projetos previstos para o Bairro Humaitá. Organizado por Danielle Paula Martins.

## 4.1 Projetos Residenciais

O bairro Humaitá é conhecido por ser violento, sem valor comercial e, principalmente, um local de mau investimento, como já foi mencionado em outros capítulos. Por esse motivo, a principal construtora das obras do bairro, com o intuito de mudar esse estigma dessa parte da cidade, criou um novo conceito de bairro para atrair compradores. Os empreendimentos estão sendo ofertados como pertencentes a um novo espaço de Porto Alegre: o novo Humaitá. Todos os anúncios e propagandas dos empreendimentos residenciais relacionam-se à criação desse novo espaço na cidade e, inclusive, placas foram instaladas no bairro indicando o “nascimento” do novo Humaitá.

Para o segmento residencial, está prevista a chegada de alguns conjuntos de condomínios no bairro. Até o momento, foram aprovados para construção três condomínios fechados verticais onde cada um deles possui 18 torres de cinco andares, totalizando 54 como é mais bem visualizado na **Figura 4.3**.



**Figura 4.3:** Planta e tipo de prédio de um condomínio residencial que será construído no Humaitá. Imagens da construtora organizada por Danielle Paula Martins.

Prestes a ser lançado, está previsto um quarto conjunto residencial que contará com três torres de 16 pavimentos cada, totalizando 288 apartamentos, tornando-se a construção mais alta do bairro **Figura 4.4**.



**Figura 4.4:** Maquete de condomínios de 16 pavimentos que será implantado no Humaitá. Fonte: Danielle Paula Martins.

Todas essas obras residenciais serão implantadas em frente ao parque Mascarenhas de Moraes, sobre a área aterrada do bairro.

No capítulo três foi apresentado um dos principais processos espaciais urbanos existentes atualmente no bairro Humaitá, a segregação residencial urbana. Neste capítulo, um dos principais objetivos é discutir como o bairro em estudo pode ter esse processo espacial intensificado. As novas obras que tem algumas características bastante destoantes da realidade do bairro, e também, apresentam um padrão construtivo elevado ao do bairro,

Os condomínios fechados têm uma relação bastante direta com o efeito segregação urbana. Eles são áreas residenciais com muros e barreiras que contam com segurança 24 horas por dia e com controlada circulação de pessoas (ROITMAN; 2003). Essas barreiras físicas estimulam a separação das comunidades, pois oferecem todos os elementos urbanos necessários, principalmente de lazer e, assim, seus moradores não precisam sair dos limites de seus condomínios para se divertir e, ainda, estão cobertos por forte segurança, possibilidade não assegurada nos espaços públicos.

Desta forma inicia um processo de privatização do espaço público e uma diferenciação das relações existentes dentro e fora desses espaços. O processo de surgimento de condomínios fechados dá-se em decorrência principalmente da violência urbana e insegurança. Alguns autores revelam que no Brasil, os condomínios e loteamentos fechados surgem a partir dos anos 1970 e que existe uma grande intensificação desse tipo de produção na década seguinte.

Como forte característica, os condomínios fechados localizam-se na sua grande maioria em áreas suburbanas e periféricas, de pouco valor, onde existe terra disponível para esse tipo de empreendimento. Por estarem localizados nestas áreas, muitas vezes os condomínios fechados encontram-se ao lado ou são contornados por vilas ou favelas, acentuando ainda mais os contrastes sociais. Tornaram-se projetos de alta rentabilidade para seus empreendedores, onde o custo inicial do solo é normalmente baixo, mas após o investimento e a oferta de um novo espaço, agora muito mais valorizado, adquirem outros valores (ROITMAN; 2003).

O bairro Humaitá é um exemplo do que discute Roitman, pois até meados de 2006 o bairro era considerado uma região periférica da cidade, com baixo valor do solo e com áreas disponíveis para assentar condomínios fechados. Esse tipo de condomínio produziu um novo conceito de moradia, tornando-se um modelo de habitação muito procurado, principalmente para a classe alta das grandes metrópoles (CALDEIRA, 2000), o que pode se observar no foco de marketing no Humaitá.

A criação e o mantimento de uma ordem, sendo esta privada, é o grande foco dos condomínios fechados, de forma que os moradores possam desfrutar de um estilo de vida tranquilo, e com pessoas de um mesmo grupo social. A ideia é de que nesses empreendimentos os residentes possam evitar ou não serem atingidos por uma série de problemas comuns da cidade, do espaço público. Principalmente por esse último motivo, é

que o setor imobiliário responsável, criou o Novo Humaitá, pois com a “cara” de um novo bairro, velhos problemas como a insegurança são esquecidos. Os vínculos sociais dentro desses empreendimentos muitas vezes existem apenas pelo fato dos indivíduos residirem em um lugar comum, mas não existem atividades sociais comuns (ROITMAN, 2003).

As consequências sociais e espaciais do surgimento dos condomínios fechados no que diz respeito ao espaço urbano, estão relacionadas com a fragmentação do espaço, onde esses elementos são facilmente identificados por suas barreiras, muros. Mas a privatização e a apropriação do espaço urbano são um dos efeitos mais importantes desse tipo de empreendimento. Isso significa não apenas a apropriação de locais que anteriormente eram de todos, mas a perda da significação social dos espaços públicos e a depreciação de tudo que é público na cidade aberta. Mas uma consequência positiva desse tipo de construção é a infraestrutura e a instalação de serviços básicos que ocorre, principalmente, quando as áreas escolhidas são as periféricas da cidade, como é o caso do Humaitá (ROITMAN, 2003).

A criação de empregos para a realização e manutenção desses condomínios, como jardineiros, porteiros, pedreiros, serviços em geral, é também um impulso para a indústria da construção, o qual tem grandes efeitos multiplicadores na economia social (CALDEIRA 2000). Esse fato pode ser considerado como um impacto positivo da instalação dos condomínios.

Roitman (2003) contribui com outra questão relevante quanto aos efeitos dos condomínios fechados à vida de seus moradores, ao referir-se principalmente aos filhos que são criados nesses lugares. As crianças que crescem nesses espaços desenvolvem uma percepção de distinção muito forte entre “os de dentro e os de fora” e as suas diferenças sociais. Também por ter maior segurança dentro de seus condomínios, com aparente ausência de perigos, as crianças possuem mais liberdade e devido à falta de limites, muitas apresentam transtornos de conduta, desentendimentos familiares e até casos de vandalismo infantil.

Mesmo sabendo que grande parte do bairro é composta por condomínios fechados, e que se observou um tipo de vínculo social entre os moradores, também se notou características diferenciadas para uma realidade de condomínios. Supõe-se que o que os diferencia é justamente a igualdade existente entre eles, isso quer dizer que existem características muito próprias deste bairro que tornam o espaço público como parte integrante dos condomínios, singularizada como uma extensão da casa de cada morador. Dentre essas igualdades percebidas e analisadas pode-se destacar: os condomínios em geral foram construídos pelo mesmo sistema de loteamento, um considerável percentual das pessoas que habitam esses lugares é proveniente de cidades interioranas, a forma de aquisição dos imóveis teve benefício do mesmo programa habitacional, existe pouca rotatividade de moradores sobre a área aterrada, a discriminação por parte da cidade alimenta uma forte união entre os moradores. Esses são alguns dos motivos que contribuíram para que as relações sociais não se tornassem mais segregadas do que já são, como já foi descrito no capítulo três.

## 4.2 O Complexo Arena

Em continuidade aos projetos previstos e que serão implantados no bairro Humaitá, está o complexo do Grêmio Foot-ball Portoalegrense (Figura 4.5). Esse projeto contará com uma área residencial, mas o objetivo principal é atender ao setor de lazer e entretenimento. A obra deverá conter um complexo com hotel, prédios residenciais, shopping, centro de convenções e empresarial, estacionamento e a arena propriamente dita, com capacidade para 50 mil torcedores. A obra será construída ao norte do bairro, na área onde hoje está a Escola Técnica Santo Inácio, a Escola Estadual Ensino Fundamental Osvaldo Vergara e o CTG Vaqueanos da Tradição (Figura 4.6).



Figura 4.5: Projeto Arena . Fonte: <http://arena.gremio.net/>.



Figura 4.6: Fachada da escola Osvaldo Vergara. Entrada do CTG. Cercamento da área da escola Santo Inácio, com destaque para os campos de futebol. Fonte: Danielle Paula Martins (2010).

Especificando melhor o complexo da Arena do Grêmio, ele terá construções destinadas ao esporte, lazer, comércio, residências e de serviços, com 650 mil metros quadrados no bairro Humaitá, em área definida pelo Plano Diretor como corredor de desenvolvimento. Contará com hotel (250 apartamentos), shopping (30 mil m<sup>2</sup>), centro de convenções (14 mil m<sup>2</sup>), edifícios residenciais (2.130 apartamentos e 2.600 vagas de estacionamento), torres empresariais (400 salas) e a arena, com 90 mil m<sup>2</sup>. Haverá seis mil vagas de estacionamento. Cabe salientar que o complexo será construído ao norte do bairro, em uma área que não recebeu aterramento, ao contrário dos prédios residenciais que foram comentados anteriormente. O empreendimento deverá ser concluído em 15 anos.

O "Projeto Arena" tem um Termo de Compromisso, que foi assinado em 18 de março de 2009. A área com 34 ha foi doada pelo Estado à Federação dos Círculos Operários do RS, permitindo o uso por parte do Grêmio. Outra área foi doada à Federação, na Restinga, onde a escola Técnica Santo Inácio que funciona no local atualmente passará a ocupar. Isso significa a transferência da escola para um bairro que fica a 30 km do bairro atual, distância bastante significativa para uma cidade como Porto Alegre.

Essa construção foi aprovada pela Câmara de Vereadores (Anexo B.3.), mas em pronunciamento o V COMAR (Comando Aéreo Regional) disse que não aprovou e muito menos teve conhecimento da altura dos prédios residenciais, sendo que esses foram apresentados por ter 72 metros de altura. Atualmente, a delimitação do plano diretor é de que os prédios nesta área devem ter no máximo 52 metros de altura.

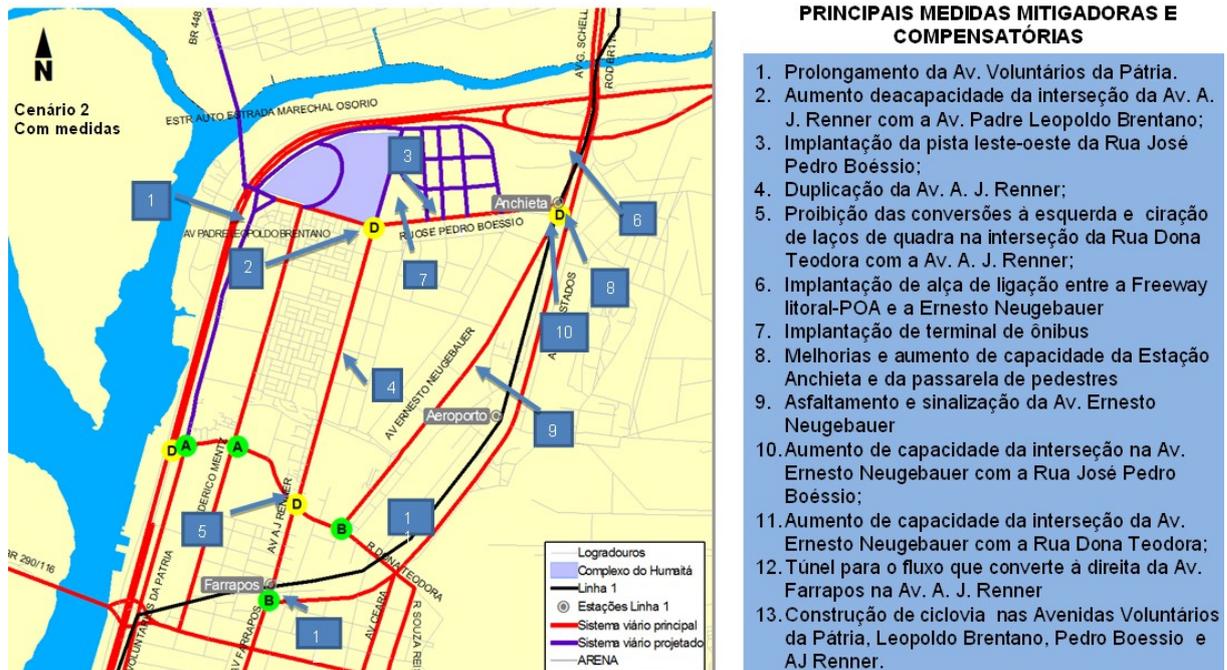
No dia 22 de maio de 2010 ocorreu a audiência pública para a construção da Arena do Grêmio no bairro Humaitá, onde as empresas contratadas para fazer o estudo de viabilidade urbanística e o estudo de impacto ambiental apresentaram o projeto para a comunidade. Alguns dados que foram apresentados na audiência apontam que para a execução do projeto Arena, será necessária a remoção de 497 árvores no terreno e outras 135 árvores nas ruas adjacentes. Como compensação, serão plantadas 16 mil mudas e mantidas 26% de área permeável vegetada no terreno. Outros 43 vegetais serão transplantados. A audiência foi um momento importante de manifestação dos moradores, onde esteve presentes mais de 300 pessoas, o que demonstrou o interesse da comunidade sobre o projeto (**Figura 4.7**). As manifestações, na sua grande maioria, foram desfavoráveis à implantação do complexo, também houve muitos questionamentos em relação às escolas que serão removidas, indicando a preocupação dos moradores em relação à disponibilidade de locais de ensino (Anexo B.4.).



**Figura 4.7:** Audiência pública da construção do complexo arena. Fonte: Sergio Louruz/PMPA.

Devido as suas dimensões, o complexo Arena é um empreendimento que deverá atrair uma grande quantidade de viagens para a região e, assim, promover um aumento no trânsito local. De acordo com o Estudo de Impacto de Tráfego da Implantação do Complexo do Humaitá, que foi apresentado ao COMAM (Conselho Municipal de Meio Ambiente), o sistema viário atual não tem capacidade para absorver o tráfego gerado sem que ocorra um incremento no congestionamento. Os acessos ao bairro são restritos a 4 opções: Av. Ernesto Neugebauer; Av. A. J. Renner; Av. Voluntários da Pátria; R Dona Teodora (BR-290 e Viaduto).

Para aumentar significativamente a capacidade viária torna-se necessário a implantação de medidas mitigadoras e compensatórias. Na **Figura 4.8** são expostas essas medidas tal como foi apresentada pela equipe ao COMAM. Observa-se a grandiosidade de obras que o bairro deve ser submetido para que o trânsito local não se torne caótico. Também são apresentadas criações de ruas dentro da área da Habitasul (ao lado do complexo Arena).



**Figura 4.8:** Medidas mitigadoras e compensatórias para o impacto do tráfico com a implantação do complexo Arena. Fonte: Comam; 2009.

Sabe-se que os veículos são responsáveis por uma parcela significativa de contribuição aos gases do efeito estufa (MACEDO in GUERRA e CUNHA; 2001). Mas no caso do Humaitá, a preocupação maior do aumento da circulação de veículos refere-se aos impactos locais do automóvel, em termos de poluição do ar e sonora e, ainda, um alto custo para a saúde das pessoas, sem falar no desperdício de tempo resultante dos congestionamentos. O bairro atualmente recebe uma importante contribuição para a poluição atmosférica, pois está ao lado de grandes vias de circulação de veículos, esse efeito pode vir a ser intensificado.

Desde o início da investigação para a dissertação, existiam alguns questionamentos quanto a questão da implantação do complexo Arena, dentre eles estão;

- O motivo pela escolha do bairro Humaitá como local para receber essa obra;
- De que forma foi planejada a construção e as medidas posteriores de funcionamento do complexo, para que esse empreendimento seja sustentável, já que as delimitações do plano diretor salientam que o corredor de desenvolvimento deve receber empreendimentos sustentáveis?

Mas apenas na audiência pública é que foi possível levar esses questionamentos para a discussão. As respostas obtidas pelo representante do empreendedor e pela equipe multidisciplinar responsável pelo EIA<sup>1</sup>, foram bastante limitadas e dadas junto a outros questionamentos. A cada bloco de perguntas essas eram respondidas e não foi atendida a totalidade dos questionamentos. Algumas respostas: “a opção pelo bairro Humaitá foi principalmente pela sua localização na cidade, ponto estratégico na entrada e saída da

<sup>1</sup> Estudo de Impacto Ambiental

cidade”... “os resíduos da demolição dos prédios existentes na área onde será construído o complexo, serão encaminhados para aterro especial, também será mantida uma área que facilite a infiltração das águas e dessa maneira evite alagamentos”.

A resposta sobre a sustentabilidade da obra e do futuro complexo foi bastante superficial, o que demonstra a inexistência de estratégias e formas de atender a essa exigência imposta pelo plano diretor para a área. Em nenhum momento foi citado o aproveitamento dos resíduos da demolição na nova obra, a empregabilidade de profissionais locais para a execução do projeto, tampouco o tratamento dos esgotos ou alguma forma de economia de energia ou água.

### **4.3 Projetos e mercado imobiliário**

Um dos grandes impactos, tanto negativos quanto positivos, de todos os empreendimentos previstos para o bairro se refere à valorização imobiliária. Como já evidenciado no capítulo 3, mesmo sem ter iniciado as obras, ao analisarem-se alguns anúncios de imóveis à venda no bairro Humaitá, já é possível observar a influência da especulação imobiliária, sendo um atrativo de oferta e valorização dos imóveis no local, pois devido a todos os empreendimentos previstos para o bairro, o valor dos imóveis aumentou.

O mercado imobiliário urbano está vinculado a uma mercadoria extremamente necessária, a terra, que se caracteriza pela dualidade entre ser indispensável à sobrevivência humana e à produção de riquezas materiais por um lado; e, por outro, por possuir limites para sua reprodução, principalmente, no que se refere à sua produção locacional. Em um sistema baseado na propriedade privada, a terra se torna alvo da concorrência pelos mais diversos interesses. No caso de uma demanda por moradia, a concorrência se estabelece entre camadas da população com faixas de renda diferenciadas, dessa forma o preço do solo urbano é determinado pela capacidade de pagamento (FIALHO, 2006).

Para entender melhor o processo mercadológico que está ocorrendo no bairro Humaitá, Souza (2003), explica que “A cidade é primordialmente um local de mercado, onde se dá um intercâmbio regular de mercadorias, lugares são negociados e assim se dá a sua produção urbana”. Pode-se dizer que a produção da área de estudo, teve forte incremento com a chegada de um investimento de grande porte e representatividade para a cidade, como é o caso do complexo Arena. Devido à abrangência e grandiosidade dessa obra, a produção urbana e valorização imobiliária foram superiores a qualquer outro estímulo social já apresentado ao bairro.

Segundo Campos (2003), essa produção é de responsabilidade de agentes de apropriação e consumo do espaço urbano, que se organizam nas seguintes configurações imobiliárias: a) loteamentos privados; b) autoconstrução pelos empobrecidos, incapazes de adquirir pelo mercado imobiliário sua moradia; c) por encomenda, de projeto e construção pelos pequenos burgueses de uma casa ou lote; d) rentistas, que constroem ou compram de

quem constrói, para então alugar para terceiros; e) incorporadores, historicamente substituindo aos poucos, os rentistas, especialmente a partir da década de 1950 no Brasil, sendo que os segundos alugam, enquanto os primeiros vendem no mercado imobiliário; f) produção pública da habitação para baixa renda; g) produção pública da requalificação urbanística da cidade. Esse último refere-se a áreas degradadas da cidade, ações que podem ser em um lote só, ou em quadras somando vários hectares.

Essas configurações se combinam ao longo da história da cidade, no parcelamento, uso e ocupação do solo urbano, produzindo a simultaneidade de modalidades produtivas deste tecido. Essa produção da cidade evolui de tal forma que passou o poder de delineamento urbano para um setor em específico, o mercado imobiliário privado. É perceptível nas configurações descritas acima, a sua predominância histórica de produção do tecido urbano. No Humaitá ainda é possível destacar a homogeneidade de uma única empresa criando esse delineamento no bairro. Os espaços passaram do poder público com muita facilidade a esse setor, que molda esses locais, promove e vende, desta forma criando uma malha urbana desigual, apenas atendendo aos interesses de um ou outro grupo social. O setor imobiliário disponibiliza alguns serviços, como segurança, por exemplo, que o âmbito público não oferece, sendo um segmento habitacional cada vez mais procurado (CALDEIRA, 2000).

## 4.4 População x projetos

Desde o início desta pesquisa, em 2008, muitas transformações foram percebidas no bairro através da observação participante, principalmente no que se refere à opinião dos moradores em relação aos projetos e obras previstas até 2014.

Observou-se nas entrevistas realizadas que existe certo consenso entre os moradores em relação à chegada dos condomínios residenciais no bairro. Eles são favoráveis a esses empreendimentos. Porém, há maior resistência em relação à implantação da Arena do Grêmio. Em geral, quando perguntados da forma como ficaram sabendo da chegada dos empreendimentos no bairro, 75% responderam que foi através de jornais e televisão e 90% disseram que foi através de panfletos, cartazes e placas instaladas no bairro.

Através das entrevistas foi relatado pelos moradores um movimento interessante dos agentes imobiliário. A grande maioria dos moradores recebeu a visita de agentes imobiliários, esses estavam investigando a disponibilidade de imóveis para venda. Esse tipo de ação dos corretores nunca foi percebido anteriormente pelos moradores, a não ser desde o anúncio dos novos empreendimentos.

As questões 50 e 51 (Anexo B.2.) foram formuladas com o objetivo de verificar a percepção dos moradores em relação à instalação dos empreendimentos no bairro. Pretendia-se conhecer o que a população percebe de bom e de ruim com a chegada dos empreendimentos. Sobre os benefícios, a percepção geral é de que todas essas obras resultarão em valorização dos imóveis e terrenos, e motivo de atração de novos investimentos para o bairro. Quanto aos malefícios, 80% dos entrevistados citaram que haverá aumento da violência com a implantação dos empreendimentos. Já, 65% dos moradores percebem a

possível perda da característica interiorana do bairro, pois haverá um grande incremento populacional. Essas percepções são enfatizadas através da fala de um morador, onde se percebe o sentimento de perda em sua manifestação e, também, a preocupação com a natureza do bairro;

*“A gente até acha bom que cheguem esses empreendimentos no nosso bairro, quem não quer que seu bairro se valorize, é muito bom isso, mas eu só me preocupo com tudo que vai vir junto com essas obras. Imagina só com um estádio de futebol aqui do lado da minha casa, Será que não vai ser um perigo sair de casa no dia dos jogos?...e também fico pensando se vai dar pra caminhar e ter a vida tranquila que a gente tem aqui hoje, todos se conhecem, e os passarinhos, será que vão existir ainda com esse monte de prédio que vai chegar aqui? A gente se preocupa, né? Não queremos que o Humaitá vire um caos”*  
(João, 69 anos).

A questão 52 da entrevista buscou avaliar se os moradores perceberam alguma alteração na vizinhança desde os primeiros anúncios dos empreendimentos. Todas as respostas das 44 entrevistas afirmaram que sim. Em geral, citaram que após os primeiros anúncios e das visitas dos corretores imobiliários, muitos moradores começaram a investir e a cuidar mais de seus condomínios e casas. Muitos prédios estão passando por um processo de reformas e investimentos na jardinagem, principalmente. Isso demonstra que os moradores estão passando por algumas transformações quanto a sua estima e grau de importância do seu lugar. É como se todo esse movimento de valorização dos imóveis, fosse o gerador de um sentimento de importância do lugar de convívio, pode-se dizer que o fator valorização imobiliária produziu um estímulo ao cuidado com as residências. Sob esse ponto de vista, esse efeito pode ser considerado um impacto positivo.

Os entrevistados foram questionados também em relação a percepções futuras do bairro. A questão 58 pergunta: Como gostaria que o Humaitá estivesse daqui a cinco anos? As respostas foram bastante diversas: 55% disseram que gostaria que tivesse mais ônibus, um hospital e mercado. 75% falaram que gostaria que o parque continuasse a existir, e que os pássaros não desaparecessem. 85% apontaram que gostaria que o banhado fosse limpo e cuidado. 35% disseram que gostariam que tivesse um shopping, mais lojas e melhorias no comércio.

## Capítulo 5

### Considerações finais

Essa pesquisa apontou muitas surpresas, alguns pontos conflitantes da comunidade que habita a área de estudo, riquezas das relações sociais e ambientais, mas, principalmente, a relevância desse espaço ainda pouco conhecido pelos porto-alegrenses e seus próprios moradores. Percebe-se que o espaço onde está inserido o bairro Humaitá sofreu grande impacto ambiental, pois parte dele passou pelo processo de aterramento, impacto ainda mais negativo quando se verifica que isso se deu sobre uma área alagadiça. A presente investigação considera esse impacto irreversível, principalmente em relação aos danos que causa no ecossistema. O serviço ambiental prestado pelos banhados na manutenção e garantia dos recursos hídricos é de grande importância.

A necessidade das cidades se expandirem e precisarem de espaços para assentar cada vez mais comunidades, desconsidera algumas riquezas ambientais que existem nos espaços disponíveis, ocupando áreas ambientalmente frágeis como as áreas de banhados. Apesar de abrigar considerável riqueza ecológica, a região do Humaitá, localizada no norte de Porto Alegre e na várzea do Gravataí, consiste em uma faixa da cidade denominada de corredor de desenvolvimento pelo principal instrumento de regulação do espaço urbano: o Plano Diretor. Mesmo que o plano diretor delimite, que as obras realizadas nesta macrozona devam ser sustentáveis percebe-se que isso não acontece no bairro Humaitá. Salienta-se que a própria nomenclatura, corredor de desenvolvimento, transmite a idéia de que esse espaço exige menor cuidado, isto é, como se fosse um campo aberto, pronto para receber obras e investimentos. Inclusive, a denominação desta macrozona é utilizada como marketing em alguns empreendimentos do bairro.

Por tratar-se de banhado, ecossistema ambientalmente frágil, a região do Humaitá deveria receber atenção especial do poder público, a partir da realização de um planejamento urbano e ambiental que a considere como área de proteção ambiental e a sinalize como local de recarga dos corpos hídricos para a cidade e região adjacente. Mas ocorrido o impacto, deve-se posteriormente, adotar medidas para minimizar os prováveis impactos futuros.

Como elemento natural, o parque tem uma importância enorme no bairro é o centro geográfico. A relação socioambiental dos moradores com esse espaço verde pode ser considerada como de extrema dependência. Ao declararem que não imaginam o bairro sem o parque, os habitantes do Humaitá estabelecem elos com esse espaço. O parque não é apenas um elemento de lazer para a comunidade, está ligado principalmente ao contato com a natureza que esse propicia.

Ao mesmo tempo em que os vínculos dos moradores com os espaços verdes do bairro são fortes, percebe-se que alguns deles olham para esse elemento natural como um agente agressor. Isso fica claro quando se analisa a percepção deles em relação à área alagadiça do parque, pois não gostam da estética da vegetação do banhado e mencionam esse como um local perigoso. A pesquisa mostrou que os ecossistemas de banhado ainda não são reconhecidos pela sua importância, sendo que o fator estético desses ecossistemas tem grande relevância na aprovação da população. Isso significa que o banhado do jeito que está (com vegetação alta) não é de agrado dos moradores, muitos dizem que essa parte do parque está abandonada.

Mesmo após a convenção de Ramsar e de toda a veiculação de informações relacionadas à importância das áreas alagadiças, as pessoas ainda não percebem a importância dessas áreas para a manutenção e melhoria das condições ambientais das cidades. Esse fato foi observado principalmente durante as entrevistas com os moradores do bairro, onde os comentários recorrentes, como são apresentados no capítulo dois, é de recordarem a área do Humaitá como uns “campos alagados”, que invadia as casas, sendo lembrado como um fato de inferiorização do ambiente.

As entrevistas permitiram também identificar o processo de segregação residencial no bairro. A segregação residencial urbana identificada no Humaitá pode ser considerada fruto do processo de criação dos loteamentos. Conforme apresentado no capítulo dois, já existiam comunidades instaladas ao redor da antiga área alagadiça, quando foi realizado o aterramento. Com a construção dos condomínios e assentamento de famílias, se criou um espaço diferente dentro do bairro existente, mesmo que esse não era oficialmente o Humaitá. Foram construídos prédios muito parecidos, com valores parecidos, mas nada semelhantes ao tipo de residência que já existia no bairro. Não ocorreu um planejamento e nenhuma medida foi tomada para integrar o novo espaço ao que já existia, provocando assim um isolamento dos diferentes. Percebe-se assim como o poder do estado não tem mecanismos de controle dos efeitos espaciais urbanos.

Apesar de o bairro ser bastante novo, sua história é digno de muito reconhecimento, pois mostra o quanto sua comunidade é atuante. Isso se prova principalmente quando analisado no capítulo dois os recortes temporais do bairro. Dentre da história do bairro, a escola técnica Santo Inácio é um orgulho para os moradores e tem um papel importante no bairro, pois participou do processo inicial de criação deste e ainda esteve presente nas transformações socioambientais.

As estratégias de marketing têm forte influência sobre a construção de um espaço urbano e, principalmente, sobre a formulação de opinião da população. Os resultados da pesquisa evidenciaram que grande parte dos moradores entrevistados apresentou posicionamento bastante similar ao que é vendido de informação pelas incorporadoras. Também se identificou que as notícias publicadas sobre o bairro, em geral, focam pontos e acontecimentos negativos. De todas as notícias analisadas, apenas duas destacavam algo positivo do bairro, sendo que essas se referiam ao Parque Mascarenhas de Moraes e sua riqueza de flora e fauna.

Pode-se perceber com essa pesquisa, que a opinião externa, neste caso, a opinião de outros bairros, exerce forte influência sobre o comportamento de uma comunidade. As percepções negativas sobre o Humaitá impulsionaram os moradores a defenderem o seu espaço. Também se conclui que a especulação imobiliária produz impactos negativos e positivos. Entre os impactos positivos, percebeu-se que o aumento do valor dos imóveis pode ser um fator que impulsiona a motivação e a estima dos moradores em relação ao local que habita.

O fator localização geográfica é um dos principais aspectos de interesse para as corporações imobiliárias interessadas na implantação de condomínios residenciais e comerciais. As vantagens locacionais que o Humaitá dispõe em relação a outros bairros da cidade, o torna bastante atrativo às incorporadoras e, também, consistem em fator de marketing.

Quanto às consequências das transformações futuras, a perspectiva de novas obras de melhoramento local e o início da implementação de estrutura urbana, criaram-se elementos que valorizaram a terra urbana e a moradia. Como consequência isso poderá elevar o custo de melhorias e tributos locais, tornando o processo de ocupação seletivo, e assim induzindo a migração de segmentos mais pobres para áreas periféricas e cada vez mais distantes do centro da cidade. Pode-se considerar que o Humaitá, antes de tamanhas transformações, era portador de áreas nas quais havia disponíveis lotes mais compatíveis ao poder aquisitivo desses segmentos, e cuja distância era coberta por um sistema de transporte coletivo que facilitou a comutação diária entre o local de moradia e o de trabalho.

Como consequência de todas essas transformações apresentadas, obras como o complexo Arena, encontraram no bairro, um local apropriado urbanisticamente para sua instalação. Como foi apontado nas entrevistas, equipamentos de lazer e consumo, como shoppings, é um dos principais desejos de futuro dos moradores. Então, o complexo Arena chega a um espaço da cidade que é bastante carente de opções de lazer, desmerecido pela cidade, com baixo valor do solo, dentre outros pontos. Todas essas carências do bairro facilitam a aceitação desse tipo de obra, tanto que o fato de escolas serem removidas e distanciadas do bairro, não é tão relevante para a maioria do bairro. A possibilidade de destacar o bairro por conter um estádio como será o complexo Arena, envolve e desperta animo nos moradores.

Com a chegada desses empreendimentos, o fator viário e de transportes no bairro, é preocupante, pois exige uma série de implementação de infra-estrutura. Tendo em vista a necessidade de Porto Alegre em se preparar para sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014, e da quantidade de obras necessárias em vários segmentos, acredita-se que não serão executadas todas as melhorias viárias necessárias no Humaitá. Ao projetar esse cenário, o bairro pode perder toda a característica de cidade interiorana e tranqüila, pois o trânsito pode se tornar um sério problema urbano.

## 5.1 Sugestão de continuidade de pesquisa e de ações

Essa pesquisa se materializou como um documento resultante de uma investigação inicial desse espaço da cidade tão pouco conhecido e entendido. As informações contidas nesta dissertação são o somatório de dados, relatos, pequenas informações soltas em arquivos, acervos, museus, que foram reunidos como um quebra-cabeça para possibilitar um panorama sobre o bairro e possibilitar uma análise inicial.

Porém, não foi possível realizar todas as análises necessárias para compreender perfeitamente o espaço do Humaitá, principalmente pelo tempo demandado e as dificuldades encontradas na construção desta pesquisa, como por exemplo, a reconstrução histórica do surgimento do bairro. Algumas ideias são sugeridas para dar continuidade à pesquisa. A primeira sugestão é a realização de uma análise da água da área alagadiça, pois essa área é de extrema importância tanto pelas espécies existentes quanto da possibilidade de sua manutenção. A identificação de poços artesianos irregulares é outro importante aspecto que necessita investigação mais aprofundada.

Sobre a questão do desconhecimento dos próprios moradores sobre o seu bairro, seguindo a discussão apresentada desde o início desta dissertação, é fundamental um trabalho de divulgação sobre as características e riquezas do bairro. Uma atividade de reconhecimento do espaço de moradia é uma importante ferramenta para elevar a estima dos moradores, que mesmo gostando de onde residem, sentem-se constrangidos pelo olhar e pelas opiniões preconceituosas do restante da cidade. A baixa estima e o desconhecimento provocam o descaso, o descuido, e, isto, resulta na falta de proteção ambiental. A sugestão é que as informações apresentadas nesta dissertação suportem um trabalho de divulgação do bairro. Devido à grande presença de condomínios no bairro, pode-se aplicar uma formação socioambiental com alguns moradores desses espaços e assim formar multiplicadores de conhecimento na comunidade. A partir de um trabalho de educação ambiental, prepara-se um grupo de moradores e esses são responsáveis por aplicar seus conhecimentos com os vizinhos.

Entende-se que a questão de conhecimento, estima e proteção está inteiramente ligada, pode-se dizer que esse caminho é uma importante ferramenta para a educação ambiental. Mas a educação ambiental tem que ser continuada, multiplicada e aplicada, o que se torna um grande desafio quando se fala de comunidades. A continuidade da promoção do conhecimento sobre o bairro pode ser assumida como uma tarefa das associações do bairro, pois essas são bastante frequentadas pelos moradores.

A educação ambiental com crianças na maioria das vezes surge com maior efeito, pois a escola torna-se a referência da multiplicação do conhecimento e consegue promover a continuidade das atividades. A criação de uma cartilha de Educação Ambiental para utilização nas escolas do Humaitá seria de fundamental importância para incrementar o conhecimento sobre o bairro e para a sua preservação.

Observou-se nesta pesquisa que a identificação dos limites físicos do bairro é bastante confusa e desconhecida pelos moradores. O desenvolvimento de um quebra-cabeça com o desenho do bairro para crianças pode ser um material educativo, lúdico e interativo para o ensino das divisões do bairro. Esse instrumento também auxiliará no desenvolvimento da capacidade de compreensão espacial das crianças. Para a comunidade adulta, sugere-se a colocação de placas com o mapa do bairro em diversos pontos. A utilização do parque Mascarenhas de Moraes pode ser um local bastante interessante, devido à sua centralidade no bairro, pode-se torná-lo não apenas um local de lazer, mas também de informações, pois ele um dos pontos mais freqüentados do bairro. Essas placas podem ser incluídas dentro das melhorias do parque, contrapartida das empresas construtoras do bairro.

Os resíduos sólidos fazem parte de um sério impacto ambiental identificado no bairro. Terrenos baldios e demais espaços vagos são utilizados como local de descarte dos resíduos, contaminando o solo e muitas vezes terminando dentro dos bueiros, que nos períodos de chuva ocasionam o alagamento no bairro. Também como apresentado no capítulo 3, os resíduos dispostos no bairro são queimados. A colocação de containeres em determinados pontos no bairro para dispor os resíduos pode ser uma alternativa para evitar o despejo em terrenos e calçadas. A prefeitura possui um sistema de recolhimento de resíduos recicláveis que abrange toda a cidade, mas esse sistema não atinge o bairro. Disponibilizar esses containeres é dar instrumentos para a comunidade fazer o destino adequado dos resíduos. A alta rotatividade dos moradores das vilas, situadas nas áreas irregulares do bairro, pode tornam ineficiente um trabalho de educação ambiental diretamente com essa comunidade, sem não for ofertado instrumentos. Esses containeres podem ser incluídos dentro das contrapartidas pela construção do complexo Arena.

## 5.2 Bibliografia

BASTOS *et al* , In MENEGAT, R *et al*. *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

BAUER & AARTS. *Construindo um corpus da pesquisa*. In BAUER E GASKELL (org). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2002.

BENDASAT, I; GOLDSTEIN, D.K; MEAD, M. *The case research strategy in studies or information systems*. *Mis Quaterly*, 1987, p. 368 – 386.

BRUYNE P.; HERMAN, J. SCHOUTHEETE,M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*.Rio de Janeiro: F.Alves,1977.

CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. Edusp – São Paulo. 2000.

CAMPOS, C. M. *Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade*. Editora 34, São Paulo, 2003.

CARVALHO, S. N. de. *Estatuto da Cidade: aprovação e implementação*. In *Cadernos Metrôpoles: Desigualdades e Governanças*. n 15, São Paulo: EDUC. 2006.

CASTELLO, I. R. *Bairros, loteamentos e condomínios: elementos para o projeto de novos territórios habitacionais*. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2008.

CHANAN, In MENEGAT, R *et al*. *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

CHIQUITO, E. de A. *Expansão urbana e meio ambiente nas cidades não-metropolitanas: o caso de Franca-SP*. São Carlos, 2006. Dissertação de mestrado.

COELHO, M.C.N. *Impactos Ambientais em Áreas Urbanas – Teorias, Conceitos e Métodos de Pesquisa*. In: GUERRA, A.J.T., CUNHA, S.B. *Impactos Ambientais Urbanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 416 p.

CORRÊA, R. L. *O Espaço Urbano*, 4 edição, àtica SP, 2005.

\_\_\_\_\_, R. L. *Trajetórias Geográficas*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1997.

Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman. Foto de Leo Guerreiro e Pedro Flores

COSTA, H.S.M. *Mercado Imobiliário, Estado e natureza na produção do mercado metropolitano*. In: COSTA, H.S.M. organizador. *Novas periferias metropolitanas – a expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmicas e especificidades no eixo sul*. Belo Horizonte. C /Arte. 2006.

COSTA, H.S.M; BRAGA, T.M. *Entre a conciliação e o conflito: dilemas para o planejamento e a gestão urbana e ambiental*. In: Seminário sobre a economia mineira, Anais X, Diamantina: UFMG- CEDEPLAR .2002.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

DAVIS, M.. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006. 270 p.

FEE. *Segregação urbana e mortalidade em Porto Alegre*. Porto Alegre 1986.

FIALHO, A.L. *Urbanizador Social versus mercado de solo urbano: o desafio da conquista via mercado do direito da cidade*. In: DAMASIO, C. Urbanizador Social da informalidade à parceria. Porto Alegre: Livraria do arquiteto, 2006.

GARNIER, B. J. *Geografia urbana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. 525 p.

GIESBRECHT; 2007 In. [http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_linhaspoa/diretor.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/diretor.htm)

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES. D. M. M. *Relatório Anual: Parque Marechal Mascarenhas de Moraes*. Porto Alegre, 2004.

GUERRA, A.J.T.; CUNHA, S.B. *Impactos Ambientais Urbanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 416 p.

GUILLEN, R. F. *Ecologia Urbana e Desenvolvimento Sustentável: Natureza e Artefato, Fronteira Evanesciente*. In MENEGAT, R. ALMEIDA, G. Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental nas Cidades: Estratégias a partir de Porto Alegre. Editora Universidade. Porto Alegre, 2004.

HADDAD, E. (s.d.) *Report in Urban Land-market reserch in São Paulo, Brasil*. Fotocópia.

HALL, P. *Cidades do Amanhã*. São Paulo. Ed: Perspectiva S. A., 2002.

HASENACK, H. et al (coord). *Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2008

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Dados estatísticos dos municípios brasileiros. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 22/03/2009.

<http://fotosantigas.prati.com.br/FotosAntigas/index.htm>. Acesso em: 29/07/2009.

[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=47941&p\\_secao=3&di=2005-11-10](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=47941&p_secao=3&di=2005-11-10). Acesso em: 13/02/2010.

<http://www.portoimagem.com/cima0.html>. Acesso em 10/01/2010.

LIMA *et al.* In MENEGAT, R *et al.* *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

LIVI *et al.* In MENEGAT, R *et al.* *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

LOIZOS, P. *Vídeo, Filme e Fotografias como documentos de pesquisa*. In BAUER & GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LÜDKE ET AL, In MENEGAT, R *et al.* *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

MAGLIO, I. C. *et al.* São Paulo : *Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente*, 1999 *Municípios e meio ambiente perspectivas para a municipalização da gestão ambiental no Brasil*.

MARCUSE, P. *Enclaves, sim; Guetos, não: A segregação e o estado*. Tradução: Mario M. Chaves Ferreira. *Espaço & Debates*, v 24, n 45, São Paulo, 2004, p 24-33.

MARICATO, E. *O estatuto da cidade periférica*. In: MINISTÉRIO DAS CIDADES; *O estatuto da cidade comentado*. São Paulo; Aliança das Cidades, 2010.

MARTINS, G. de A. *Estatística Geral e Aplicada*. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas 2002, p.157 – 200.

MENEGAT, R.; PORTO, M.L.; CARRARO, C.C.; FERNANDES, L.A.D. (Coords.). *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

MONTEIRO, C. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. 152 p.

MORETTI, J. A. *Estatuto da cidade e preservação do meio ambiente urbano*. In: *Cadernos Metrôpoles: desigualdades e governanças*, n. 16. PUC-SP. São Paulo, 2006.

MOSCARELLI, F. da C. *Aplicação do método baseado em danos para análise de alternativas e tomada de decisão em assentamentos precários com complexidade ambiental: o caso da Ilha Grande dos Marinheiros, Delta do Jacuí, Porto Alegre/RS*. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Engenharia. Porto Alegre, RS. 2005.

PACHECO, R; LOUREIRO, M.R; FINGERMAN, H; AMARAL, H.K e MAC DOWELL, S. *Atores e conflitos em questões ambientais urbanas*. In *Espaço e Debates*, 35. São Paulo: FAPESP. 1981

PÁDUA, E. M.M de. *Metodologia de Pesquisa: Abordagem teórico-prática*. 2º Ed. São Paulo: Papirus, 1997.

PAIVA, E. P. *Cidade Industrial de Porto Alegre: plano de urbanização*. Porto Alegre. Impressão Oficial, 1961.

PORTO E MENEGAT In MENEGAT, R *et al.* Atlas Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Lei nº 434/99, *Lei do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre*. Lei comentada. 2000.

PUZATCHENKO, I. G. *Presupostos para a avaliação das ações antropicas sobre meio ambiente*. In Previsão de Impactos. PLANTENBERG, C.M. e AB'SABER, A. 2002 Edusp. SP

RAMOS, M. H. R.. *Metamorfoses sociais e políticas urbanas*. Rio de Janeiro; DP&A,2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry, *Pesquisa Social: método e técnicas*. São Paulo. : Atlas, 1985. 389 p.

ROITMAN, S.. *Barrios cerrados y segregación social urbana*. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm.146(118). <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(118\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(118).htm)>

SABOYA, R. *Concepção de um sistema de suporte à elaboração de planos diretores participativos*. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil - Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

SANTOS, C.J. *Restauração ecológica associada ao social no contexto urbano: o Projeto Mutirão Reflorestamento*. In: Kageyama , P.Y et al. Restauração ecológica de ecossistemas naturais. Botucatu, FEPAF, 2003.

SCHERER, J. F.M. et al. *Estudo da avifauna associada à área úmida situada no Parque Mascarenhas de Moraes, zona urbana de Porto Alegre (RS)*. Biotemas, Santa Catarina, n19, 2006, p111-113.

SOUZA, C. F. de MULLER, Dóris Maria. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2 ed, 2007.

SOUZA, M. L. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPIER, M. *Parque Marechal Mascarenhas de Moraes*. Canoas: Unilasalle 2006, 87 p. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental.

THE WORD CONSERVATION UNION. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (IUCN) *Valores das Áreas Úmidas*: The Netherlands Committee for IUCN. Disponível em: [http://WWW.nciucn.nl/english/funds/wetlands/portugese/glossário\\_htm](http://WWW.nciucn.nl/english/funds/wetlands/portugese/glossário_htm)>. Acesso em 19/08/2009.

PORTO ALEGRE. *Transformações urbanas*: Porto Alegre de Montaury a Loureiro / Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. – Porto Alegre: 2008.

TRINDADE, O. S.; FIGUEIREDO, M. A. R. *Aterro Sanitário*: aspectos estruturais e ambientais. Porto Alegre: Palloti, 1982.

VILLAÇA, F. *Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil*. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (org.) *O processo de urbanização no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 1999. p. 169 - 243.

# Anexo A

## A.1. Termo de autorização para entrevista

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM E INFORMAÇÕES (GRATUITA)

Através deste termo eu \_\_\_\_\_

RG n \_\_\_\_\_, residente no Bairro Humaitá, na cidade de Porto Alegre, RS, autorizo a mestranda Danielle Paula Martins, RG 1098386707, à utilização livre e gratuita de informações, imagem e gravação de áudio e vídeo, na realização da pesquisa de mestrado que tem o Bairro Humaitá como objeto de estudo, publicação de artigos em revistas, eventos e online, livros e material educacional.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Entrevistado

Porto Alegre \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2009

## A.2. Entrevista aplicada aos moradores do bairro Humaitá.

Data \_\_\_\_\_

Formulário n. \_\_\_\_\_

**2ª Etapa**

**Identificação do Entrevistado**

- |                                                                                                  |                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| 1. Nome                                                                                          | 2. ANO Nascimento |
| 3. Sexo                                                                                          | 4. Telefone       |
| 5. Endereço                                                                                      | 6. Escolaridade   |
| 7. Filhos                                                                                        | 8. Estado Civil   |
| 9. Residência ( ) própria ( ) alugada ( ) apartamento ( ) casa ( ) condomínio fechado ( ) outros |                   |

**3° Etapa - Entrevistado x Bairro**

10. Há quantos anos mora no Humaitá? ANO?
11. Sempre morou no mesmo local no bairro?
12. Se não, pq se mudou?
13. Porque mora no Humaitá?
14. O que mais gosta no Humaitá?
15. O que menos gosta no Humaitá?
16. Encontra tudo o que precisa aqui?
17. Se sente seguro em sua residência?
18. Se sente seguro quando sai à rua, vai ao parque, ou seus filhos?
19. O que você acha que falta para ser um bairro completo?
20. Participa de algum grupo como: igreja, associação de moradores, cooperativa ou outro?
21. Onde pratica seu lazer?

OBS:

**4° Etapa - Bairro x Sociedade**

22. Como considera a relação de vizinhança? As pessoas são amigas?
23. Relaciona-se com moradores que estão em outras partes do bairro, mais afastados de sua casa?
24. Em que momento tem mais relações de amizade no bairro?
- ( ) nos primeiros anos de moradia;                      ( ) atualmente
25. Como considera a segurança/violência em seu bairro?
26. Acha que existem ações (clube de mães, igrejas) ...
27. Como acha que o bairro se caracteriza? ( ) familiar ( ) industrial ( ) comercial  
( ) violência ( ) periferia ( ) tranqüilo ( ) bem localizado ( ) mal investim.  
( ) bom investimento ( ) bonito ( ) feio
28. O que você acha que as pessoas que não moram aqui ou não conhece acham do Humaitá?
29. Como é o transporte público?
30. Posto de saúde?

***5ª Etapa - Bairro x Moradores x Meio Ambiente***

31. Qual você acha que é o maior problema ambiental do bairro?
32. Existe separação de lixo no bairro?
33. Na sua casa separa o lixo?
34. Sabe se o esgoto que sai da sua casa é tratado?
35. Utiliza água; ( ) encanada do dmae ( ) poço ( ) rio
36. Tem algum tipo de poço no seu terreno?
37. Queima lixo doméstico?
38. Frequenta o parque do bairro?

39. O que acha do parque?

40. O que acha da área alagadiça do parque?

41. Como é a água dos córregos e rios próximos de sua casa?

42. Nota alguma poluição das indústrias próximas?

43. O que acha q mais mudou de quando veio morar até hoje?

44. O que acha da infra-estrutura do bairro?

45. Tem problema com alagamento?

OBS.

46. Fale um pouco de como era o bairro quando chegou para viver .

***6ª Etapa - Bairro x Novos empreendimentos***

47. Sabe da construção de novos condomínios fechados e da arena do Grêmio?

48. O que acha disso?

49. Como ficou sabendo?

50. O que acha que vai ter de bom para o Bairro com a construção destes?

51. E de ruim?

52. Notou alguma alteração na vizinhança desde a notícia?

53. Notou algum investimento publico desde o anuncio desses empreendimentos?

54. Notou alguma valorização dos imóveis ou de aluguéis nos últimos dois anos?Como?

55. Gostaria de morar em um dos condomínios fechados que vão ser construídos em seu bairro?

56. O que acha que vai mudar quando esses condomínios estiverem prontos e com moradores?E com a arena em funcionamento?

57. Você gostaria de ter a Arena do Grêmio e todo seu complexo perto de casa? PQ?

---

58. Como gostaria que o Humaitá estivesse daqui 5 anos?

59. Como gostaria que ele fosse hoje?

OBS.



## Anexo B

### B.1. Algumas manchetes de notícias utilizadas na pesquisa.

Data	Jornal	Manchete	Fonte
02/06/73	Folha da Tarde – p 19	Remoção na vila Teodora	Arquivo Histórico de PoA
06/12/77	ZH	Vila D. Teodora	Arquiva Histórico de PoA
13/07/81	Jornal do Comércio p21	Parque Humaitá: novo bairro está surgindo na Zona Norte	Arquivo Histórico de PoA
16/08/82	Folha da tarde	Zona Norte da Cidade ganha parque amanhã	Arquivo Histórico de Poa
24/08/84	ZH	Parque Humaitá planta árvores frutíferas	Arquivo Histórico de PoA
21/03/87	Correio do Povo	Os bairros e seus problemas: Miséria e Riqueza disputam o mesmo espaço	Arquivo Histórico de PoA
06/01/88	ZH p.12	Até dia 14 decisão sobre Humaitá	ZH acervo
06/09/88	Jornal do Comercio	Porto Alegre ganha dois novos bairros	Arquivo Histórico de PoA
07/09/88	ZH	Vilas serão bairros com a mesma pobreza	Arquivo Histórico de PoA
05/09/89	ZH	Um pequeno paraíso ameaçado	Arquivo Histórico de PoA
24/10/90	ZH	Loteamento Popular Gera Polêmica	ZH acervo
29/05/91	ZH	Bairro Humaitá: Moradores Reivindicam e ameaçam com uma nova campanha de emancipação	Arquivo Histórico de Poa
26/08/92	ZH	Guerra aos Mosquitos	ZH acervo

14/10/92	ZH capa central	Este Banhado vai morrer	ZH acervo
14/10/92	ZH	Alagadiço está com os dias contados	ZH acervo
11/11/92	ZH	Emancipação: O sonho acabou	ZH acervo
24/02/93	ZH	Humaitá e Rubem Berta: Os bairros que mais crescem	ZH acervo
21/11/99	Correio do Povo	Moradores preservam banhado	Arquivo Histórico de Poa
27/04/01	ZH	Prefeitura sugere sambódromo na Zona Norte	ZH acervo
12/06/01	ZH	Sambódromo deve ser no Humaitá	
03/01/02	ZH	Bairro Humaitá não quer pista de Eventos	ZH acervo
08/07/02	Jornal Semanário Agora Bairros	Impacto Ambiental de Obras de Urbanização	Arquivo Histórico de PoA
11/07/02	ZH	Estatuto das Cidades faz um ano sem sair do papel	Arquivo Histórico de PoA
05/05/03	ZH	Moradores do bairro Humaitá abraçam o banhado	ZH acervo
06/05/03	ZH	Banhado Preservado	ZH acervo
Set/03	Jornal da Zona Norte	Usucapião coletivo para vila no Humaitá	Arquivo Histórico de PoA
02/05/04	ZH	Obra reorganiza vilas na entrada da Capital	ZH acervo
15/08/04	ZH	Os aficionados por aviões em miniatura	ZH acervo
08/11/05	ZH	No Humaitá, O Ferrinho quer ser centro cultural de fato	Arquivo Histórico de PoA
09/01/07	ZH	Local da Arena sai em abril	ZH acervo
29/06/07	ZH	Rossi lança conjunto residencial no Humaitá	ZH acervo
29/08/07	ZH	O entardecer no parque M.M.M	ZH acervo
09/09/07	ZH	Vizinhos da Copa: Até o Humaitá nos iremos	ZH acervo
08/01/08	ZH	Você Viu (expansão imobiliária)	ZH acervo
13/01/08	ZH	Boom Imobiliário no Bairro Humaitá	ZH acervo
17/10/08	ZH	Arena	ZH acervo
09/12/08	ZH	Dupla Gre-Nal reacende polêmica na Orla	ZH acervo
18/12/08	ZH	A Arena em Detalhes	ZH acervo
10/01/09	ZH	Muito Estranho (Arena)	ZH acervo

18/06/09	ZH	Lotação é incendiada em represália do tráfico	ZH acervo
----------	----	-----------------------------------------------	-----------

## B.2. Aprovação pela câmara de vereadores de Porto Alegre do projeto Arena.

Câmara Municipal de Porto Alegre – DL

PROJETOS APROVADOS EM 2009 e VETOS APRECIADOS

atualizado em 03/04/2009 - pág -6-

Proc.	Ano	Tipo	Matéria	Ementa	Autor/Coautores	Sit. Plen.	Votação	Veto	Vt Veto
6189	2008	plce	18	define regime urbanístico para a macrozona (mz) 02, unidade de estruturação urbana (ueu) 008, subunidade 02, suprime área especial de interesse institucional e define o regime urbanístico para a macrozona (mz) 01, unidade de estruturação urbana (ueu) 080, subunidade 03, para a implantação do empreendimento esportivo projeto arena, do grêmio foot-ball porto alegreense, e da outras providências.	governo municipal	aprovado	29/12/2008	veto parcial rejeitado	11/03/2009

### B.3. Roteiro da Audiência. Manifestações durante a audiência pública.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE  
SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE



#### REGIMENTO INTERNO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA

O Secretário Municipal do Meio Ambiente, de acordo com a Resolução n° 09, de 03 de dezembro de 1987, do Conselho Nacional do Meio Ambiente, e com a Lei Complementar n° 382/96, aprova o seguinte Regimento Interno de Audiência Pública:

**ASSUNTO: ARENA DO GRÊMIO E EMPREENDIMENTOS ASSOCIADOS**

**DATA: 22 DE ABRIL DE 2010 – 19h**

**LOCAL: ESCOLA TÉCNICA SANTO INÁCIO**

**OBJETIVO: APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL E RELATÓRIO DE IMPACTO SOBRE O MEIO AMBIENTE**

**Mesa Coordenadora:** Composta, conforme a Resolução CONAMA n° 009/87, pelo Coordenador dos trabalhos, Professor Garcia, Secretário Municipal do Meio Ambiente, por um assessor da mesa coordenadora e por um representante de uma entidade não governamental legalmente constituída e publicamente reconhecida.

#### METODOLOGIA

1. Solenidade de Abertura: pronunciamento do Secretário da SMAM.
2. Escolha, para composição da mesa diretora dos trabalhos, do representante de uma entidade não governamental legalmente constituída e publicamente reconhecida.
3. A representação da ONG dar-se-á através da indicação unânime ou sorteio entre as entidades presentes à Audiência Pública, nos termos do parágrafo 2º, do art.8º da L.C. n° 382/96, que regulamenta o artigo 103º da Lei Orgânica do Município.
4. Início dos trabalhos: O Coordenador da Audiência Pública menciona as seguintes palavras: "*Declaro iniciada a presente Audiência Pública, que tem por finalidade expor os aspectos relativos ao Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (EIA/RIMA) da ARENA DO GRÊMIO E EMPREENDIMENTOS ASSOCIADOS, dirimindo dúvidas e recolhendo dos presentes as críticas e sugestões a respeito do assunto*".
5. Exposição sucinta da SMAM, em um período de até 15 (quinze) minutos, sobre aspectos relevantes do processo administrativo referente ao licenciamento ambiental do empreendimento em análise.
6. Apresentação do Projeto **ARENA DO GRÊMIO E EMPREENDIMENTOS ASSOCIADOS**, pelo seu proponente, com duração de 30 min, não sendo permitido aparte.
7. Apresentação do conteúdo do *Estudo de Impacto Ambiental / Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (EIA/RIMA)*, da **ARENA DO GRÊMIO E EMPREENDIMENTOS ASSOCIADOS**, realizada pela empresa PROFILL ENGENHARIA E AMBIENTE, autora do estudo, com duração de 30min, não sendo permitido aparte.
8. Inscrições para manifestações: deverão ocorrer até a finalização da apresentação disposta no item 7 deste Regimento Interno - Apresentação do EIA/RIMA.
9. Manifestação dos participantes: Qualquer participante inscrito, obedecida à ordem das inscrições, poderá, por escrito ou oralmente, tecer comentários ao *Estudo de Impacto Ambiental / Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (EIA/RIMA)*, da **ARENA DO GRÊMIO E EMPREENDIMENTOS ASSOCIADOS**. A duração de cada intervenção encaminhada por escrito ou manifestada oralmente terá duração máxima de 4 (quatro) minutos. Não será permitido aparte.  
Fica assegurada a réplica à pessoa, entidade ou órgão por aquele citado de forma depreciativa, com a posterior tréplica. Réplica e tréplica terão a duração máxima de 2 (dois) minutos. Não será permitida a concessão de tempo de manifestação de um inscrito para outro.
10. Réplica da empresa autora do estudo e do proponente do Projeto: a empresa autora do estudo e o proponente terão direitos a réplica a cada 10 (dez) pronunciamentos, às objeções eventualmente apresentadas, esclarecendo dúvidas suscitadas.  
A réplica da autora do estudo e do proponente do Projeto, terá a duração máxima de 20 (vinte) minutos, não sendo permitido aparte.
11. Duração da Audiência Pública: o encerramento da Audiência pública será às 22h, podendo ser antecipada sua finalização a critério da Coordenação, ouvidos os presentes.
12. Os trabalhos serão gravados, sendo lavrada uma ata sucinta, anexando a esta todos os documentos escritos e assinados que forem entregues à Coordenação da mesa durante a realização da Audiência.
13. Não será permitido o uso de instrumentos sonoros durante a realização da Audiência Pública. A utilização de faixas ou cartazes somente será permitida desde que não sejam sustentados por materiais contundentes.
14. Caberá à Coordenação da Audiência Pública a decisão sobre questões relativas à Audiência Pública não previstas neste Regimento.

Porto Alegre, 22 de abril de 2010.

Professor Garcia  
Secretário Municipal do Meio Ambiente



**O projeto Arena do Grêmio pode ser uma bomba**

**Bomba contra as escolas**, que serão demolidas para serem reconstruídas... onde, quando, de que jeito, de que tamanho, de que qualidade? Quem garante?

**Bomba contra o banhado do Humaitá** – o banhado é área de preservação permanente, tem plantas que podem ser extintas, e serve de abrigo e criadouro a muitas espécies animais, importantes para o meio ambiente de Porto Alegre

**Bomba a favor das enchentes** – se o banhado for aterrado ou tiver seu solo impermeabilizado por muitas construções, asfalto e estacionamentos, não poderá absorver a água das chuvas, nem os alagamentos. A água vai correr por cima, e vai provocar inundações.

**Bomba contra o trânsito** – um estádio e mais uma porção de edifícios muito altos, com muita população, vai trancar ainda mais o trânsito da zona Norte e da entrada da cidade.

**Bomba contra a segurança de vôo** – O V Comar, Comando Regional da Aeronáutica já se manifestou contra a construção de edifícios altos nas proximidades do

aeroporto. É impossível dizer o que se pode ou não pode, sem o projeto estar pronto, e passar pelo exame das autoridades da Aeronáutica. Os edifícios muito altos matam as aves e prejudicam a vizinhança e a vegetação, mas podem fazer pior... podem ser atingidos por aviões em suas manobras de aproximação, aterragem ou decolagem. Teremos aí, uma bela repetição da tragédia do World Trade Center, em Nova Iorque, que matou mais de mil pessoas. Essa tragédia não atingirá apenas os moradores dos prédios, e os ocupantes da aeronave que se acidentar – os destroços podem chegar muito longe.

**Bomba contra o desenvolvimento de Porto Alegre** – muitos edifícios de grande volume em volta, podem impedir a ampliação do aeroporto para receber grandes aviões de carga, tornando Porto Alegre um centro importante de embarque e desembarque de cargas e pouso de super-aviões de passageiros, com criação de empregos e muita circulação de negócios. Uma cidade, para não estagnar, precisa de aeroportos que possam crescer e evoluir, e portos com grande capacidade.

**Bomba contra a legalidade** – toda a transação dessa área está muito nebulosa, e ainda não foi mostrado um único documento legal. Em 1963, a área foi doada à Federação dos Círculos Operários para a construção da Universidade do Trabalho. Como essa universidade não foi além do prédio da escola de II Grau, a área deveria voltar ao Estado, e a doação ser anulada. Ou ser feito um termo de ajuste para alterar prazos, etc.

Ouviu-se que Grêmio teria comprado a área da Federação. Ora, se isso foi mesmo feito, mas ninguém viu ou leu a tal escritura, o Governo do Estado nada teria a ver com o negócio – a não ser que considerasse a venda ilegal e pedisse a devolução do imóvel.

De outro modo, seria uma venda entre particulares, como qualquer outra.

Acontece que a governadora doou OUTRO IMÓVEL para a Federação fazer a Universidade do Trabalho, na estrada Costa Gama, zona Sul. Ora, é a primeira vez que se vê um governo doar DOIS IMÓVEIS para a mesma entidade fazer a mesma coisa.

TEM QUALQUER COISA MUITO ESTRANHA NESSE NEGÓCIO. OU ALGUÉM MENTIU, OU... A COISA É MESMO

## **BOMBA!**

Não vamos aceitar esse monte de riscos e histórias da carochinha, vamos exigir que tudo seja explicado e bem explicado.

Os sócios do Grêmio entraram com uma ação judicial contra o dirigente Paulo Odone, que vendeu o Estádio Olímpico sem a permissão da Assembléia Geral dos Sócios. E o Senhor Paulo Odone aproveitou seu tempo no cargo de Secretário da Copa 2014 no Estado, para fazer todas essas transações mal explicadas. Periga também o Grêmio ficar sem estádio algum nem patrimônio, ficando realmente a pé, como diz seu hino.

Corre também, na Justiça Federal, desde o ano passado, uma ação popular contra o projeto Arena do Grêmio. Trinta pessoas são seus autores, pessoas ligadas à defesa da cidade de Porto Alegre, seu meio ambiente e a legalidade dos projetos que causam impacto ambiental, urbanístico e de vizinhança.



Lema: "pelas glórias do pago, nós cultuamos as tradições gaúchas"

## HISTÓRICO PELA BUSCA DE RECURSOS PARA REMOÇÃO E CONSTRUÇÃO DA NOVA SEDE

Prezados,

A diretoria do CTG Vaqueanos da Tradição está na busca de recursos para a execução do projeto do novo prédio CTG, com vistas à sua remoção da área destinada à Arena do Grêmio e das obras relativas à nova Rodovia do Parque (BR 448), para o terreno cedido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre destinada a este fim, no Bairro Humaitá, atendendo à demanda da diretoria da Federação dos Círculos Operários do RGS, datada de dezembro do ano 2008.

No dia 02 de julho de 2009, houve uma Audiência Pública realizada pela Câmara Municipal de Porto Alegre na sede do CTG Vaqueanos da Tradição, com grande apelo popular, na qual ficou deliberado que, após a decisão da Prefeitura Municipal relativamente à sessão de uso de próprio solicitado, seria realizada nova audiência pública no âmbito da Câmara Municipal, para andamento nos trâmites futuros da remoção.

O terreno foi cedido pela Prefeitura de Porto Alegre, por meio do Decreto Municipal de Porto Alegre – RS nº 16.448, de 21 de setembro de 2009, passando o direito de posse (cessão) para a Federação dos Círculos Operários do RGS, com cláusula de uso exclusivo do CTG. Estamos aguardando o desfecho de nova solicitação encaminhada à prefeitura para a revogação e/ou alteração das disposições contidas no referido decreto passando o direito de uso diretamente ao CTG Vaqueanos da Tradição, sem qualquer vinculação com a Federação do Círculos Operários do Rio Grande do Sul, até porque, a sede desta será alterada para outra localidade distante da comunidade do Bairro Humaitá, Farrapos e adjacentes a estes; sem que as duas entidades mantenham dependências funcionais ou estatutárias.

Quando estivemos no Gabinete do então Vice-Prefeito, hoje Prefeito, Dr. José Fortunati, no momento do recebimento do decreto de cessão acima, solicitamos a este, bem como ao diretor da Grêmio Empreendimentos, Dr. Adalberto Preiss, a aproximação com os demais interessados na área, ou seja, a empresa OAS que a está adquirindo a área de terra para a construção da Arena e complexos comercial e residencial, assim como do DENIT, responsável pelo projeto da Rodovia do Parque e também a Federação dos Círculos Operários do RGS, esta que está vendendo a área, no sentido de conseguirmos um acordo na busca de recursos para remoção do CTG Vaqueanos da Tradição. Este pedido de agenda foi reforçado em reunião realizada recentemente na Secretaria do Planejamento Municipal.

Esta reunião ocorreu no dia 24 de fevereiro último, na sede da SECOPA (Secretaria Especial da COPA 2014), porém nenhuma das partes presentes ofereceu qualquer ajuda, alegando que na negociação realizada entre ambos o CTG havia ficado de fora. No entanto, ficou o encaminhamento para que se realize um novo encontro com todas as partes interessadas para que seja melhor encaminhado este assunto, intermediado pela SECOPA.

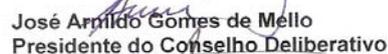
Em resumo, o CTG Vaqueanos da Tradição está disposto a sair da área em tempo hábil para evitar embaraços para o início dos projetos destinados àquele local, porém, para que tudo reste justo e perfeito, mister que um novo galpão, compatível com as preocupações sócio/ambientais, seja construído. Ressaltamos que a entidade tradicionalista e cultural não dispõe de recursos para a construção e remoção imediata; nem tão pouco seus associados e a comunidade numerosa que frequenta não têm como socorrer neste momento difícil.

Finalmente, o CTG Vaqueanos da Tradição, em vista da existência de prazo para seu gozo dos direitos emanados do contrato vigente na condição de comodatário, da área pactuada com a comodante Federação dos Círculos Operários do Estado do Rio Grande do Sul, estes são os pleitos que a entidade tradicionalista e cultural faz, cuja construção do novo galpão para a entidade, assim como as acomodações delineadas no projeto arquitetônico, além de atenderem à comunidade a que serve, poderá, ainda, servir como meio de acolhimento de turistas na entrada de Porto Alegre-RS, se inserindo dentre os locais para a visita aos que de outros Países se achegarem para a realização da Copa do Mundo de 2014.

Porto Alegre, 22 de abril de 2010.



Adão Zeno de Lima Gulart  
Patrão (Presidente) do CTG Vaqueanos da Tradição



José Arnildo Gomes de Mello  
Presidente do Conselho Deliberativo



Edgar Belisário da Silva  
Vice-Presidente do Conselho Fiscal  
Consultor Jurídico do CTG Vaqueanos da Tradição  
OAB/RS 35.911